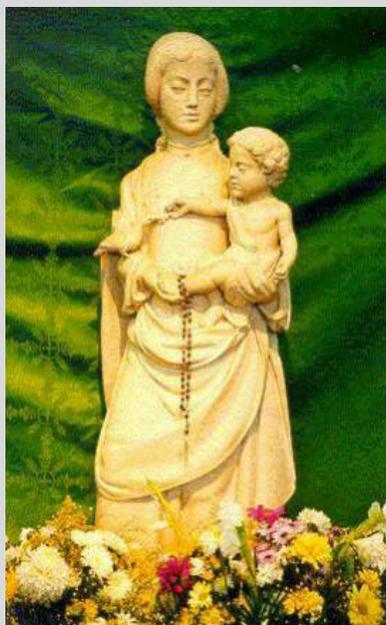




COMUNIDADES NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

Movimento de Apoio Espiritual, Religioso e Vivencial para

Viúvas, Viúvos e Pessoas Sós



O EVANGELHO DE MATEUS

APRESENTAÇÃO

Caríssimos amigos das CNSE

Com esta apostila oferecida como tema de estudos completamos a síntese dos quatro evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), apresentados no Novo Testamento.

O evangelho que a tradição cristã atribui a Mateus alcançou relevante importância na Igreja Cristã dos primeiros séculos. Durante várias gerações ele foi o mais estudado e difundido dos quatro evangelhos. Por sua grande aceitação, tornou-se tema especial de instrução e propagação, tanto na liturgia oriental como na ocidental. Muitos escritores eclesiais dos primeiros séculos, como São João Crisóstomo, Cirilo de Alexandria, São Gerônimo, Santo Irineu, bispo de Lião e tantos outros, se dedicaram ao estudo, pesquisa e difusão do Evangelho de Mateus.

Antes da reforma pós-conciliar o Evangelho de Mateus ocupava vinte domingos na liturgia dominical contra dezessete de Lucas, onze de João e três de Marcos. A importância e excelência desse evangelho está na catequese que o caracteriza: ele contém muitos sermões, parábolas, relatos e discursos do Mestre, organizados por assunto, e anunciam a Boa Nova do Reino. Por isso é chamado EVANGELHO DA IGREJA.

Devido à sua riqueza catequética e literária, procuramos desenvolver um texto de apoio bem resumido, para todos os itens do Evangelho de Mateus, que abrange 28 capítulos. Para tanto, fomos buscar informações em fontes fidedignas, consultando a Bíblia do Peregrino, o Catecismo da Igreja Católica, o Compêndio Vaticano II, o Evangelho Completado do Pe. Mário Zuchetto, o Evangelho e a crítica Moderna e o Evangelho da Igreja. Estes dois últimos fazem parte da coleção "O Evangelho hoje" realizado pelos Padres Franciscanos de Assis, sob a direção de Ângelo Lancellotti, o.f.m. Professor no Studium Bíblico Franciscanum de Jerusalém.

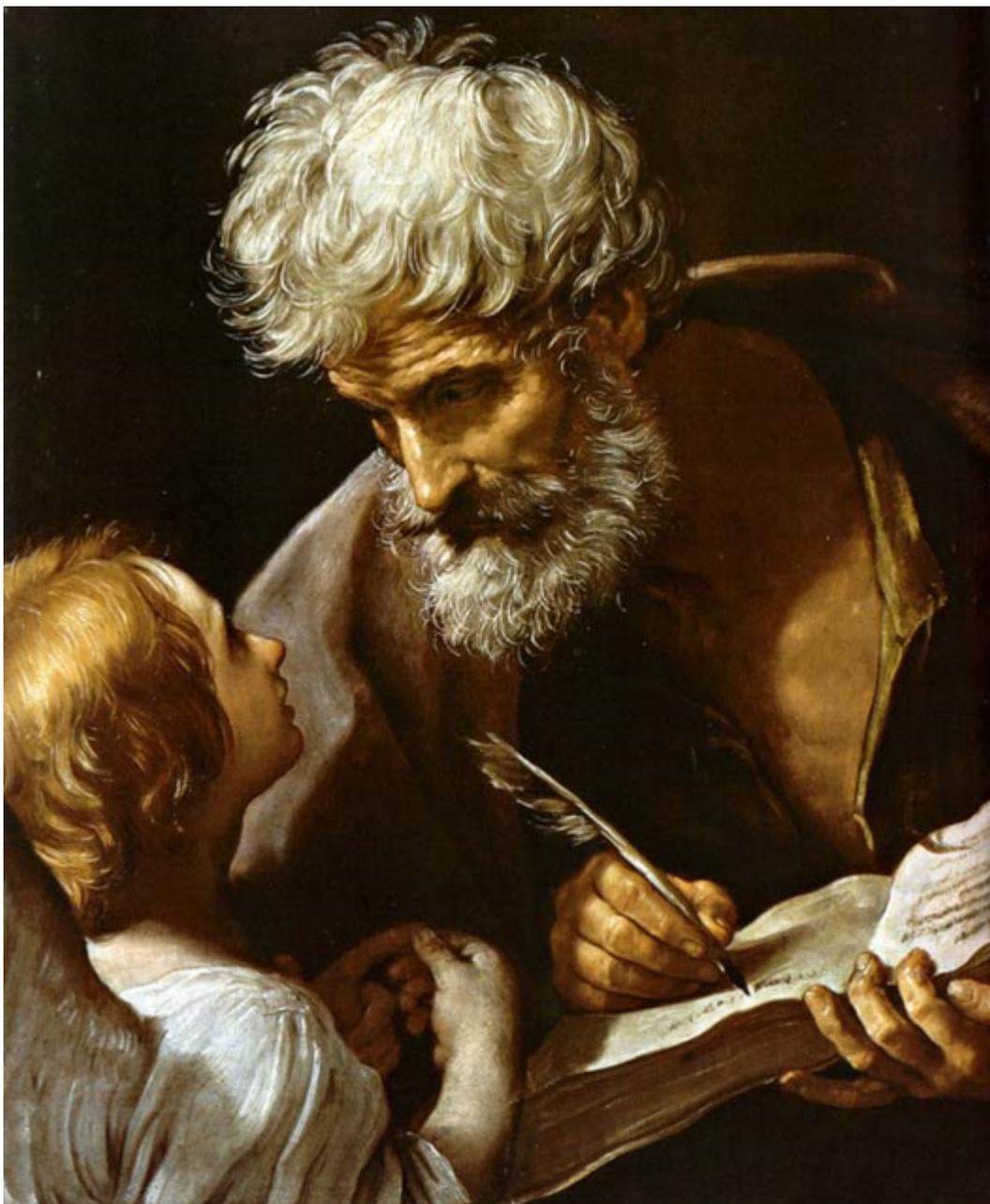
Confiando na graça de Deus, esperamos que esta apostila, de algum modo, possa ser um auxílio na compreensão da "BOA NOVA DO REINO" enunciada pelo evangelista Mateus.

Abraça-os fraternalmente,

Maria Célia Ferreira de Laurentys

SUMÁRIO

Apresentação	02
Capítulo I INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS	05
Capítulo II PREFÁCIO – <i>Infância de Jesus</i>	16
Capítulo III PRIMEIRO LIVRO – <i>O programa do Reino</i>	22
Capítulo IV SEGUNDO LIVRO – <i>Os Missionários do Reino</i>	35
Capítulo V TERCEIRO LIVRO – <i>Os Mistérios do Reino</i>	47
Capítulo VI QUARTO LIVRO – <i>A Organização do Reino</i>	60
Capítulo VII QUINTO LIVRO – <i>A Consumação do Reino</i>	76
Capítulo VIII EPÍLOGO – <i>Os Acontecimentos Pascais</i>	98



Guido Reni, S. Matteo e l'Angelo, Alte Pinakothek, Monaco

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE MATEUS

PRIMEIRA PARTE: CONTANDO A HISTÓRIA DO NAZARENO

A – O Jesus histórico

Na pequena Belém da Judéia, nasceu o filho do carpinteiro. Sua mãe chamava-se Maria. Cresceu em Nazaré, pequenina aldeia da Galileia, a terra dos gentios, como era conhecida. A região, habitada por estrangeiros e pagãos, era desprezada por muitos judeus.

Ali, viveu por trinta anos e, seguindo os passos do pai, exerceu a profissão de carpinteiro. Depois desse período silencioso de sua existência, resguardada pela simplicidade de todos que ali habitavam, deixando tudo, ele saiu para divulgar a VERDADE. Dizia ser a luz do mundo e afirmava que seus seguidores jamais andariam nas trevas. Não teve um lar, não constituiu família, não frequentou universidades nem seminários... Não deixou nada escrito.

Andou pelos arredores de sua terra e nunca foi mais longe que trezentos quilômetros de onde nascera e crescera. Viveu a pobreza dos pobres e nunca ostentou nada que pudesse externar grandeza. Suas credenciais eram sua personalidade, a coerência de sua vida e a autoridade com que falava.

Nunca desfrutou de uma irrestrita popularidade; aliás, sua pregação atizou a sanha de muitos inimigos. Apesar de tantos sinais extraordinários, nunca mereceu o triunfo dos heróis. Para acompanhá-lo em sua jornada, convocou homens simples e rudes pescadores que o seguiram, tornando-se seus discípulos.

Aos trinta e três anos, por causa de sua pregação e temendo sua possível popularidade, seus inimigos, não satisfeitos com sua conduta, procuraram um meio de incriminá-lo. Levaram-no à presença de governantes poderosos e, passando pela farsa de um julgamento simulado, o condenaram. Seus amigos, não suportando o peso de tão grande perseguição, o abandonaram. Sua condenação, a mais ignominiosa, foi morte de cruz, destinada aos maiores criminosos e assassinos. Pendurado no madeiro da cruz entre dois ladrões, perdoou seus algozes e ao bom ladrão prometeu o paraíso. Enquanto agonizava, seus executores disputaram sua túnica - o único bem terrestre que possuía.

Após sua morte, um fariseu que o admirava veladamente ofereceu sua tumba para sepultá-lo. Seu corpo foi envolvido em mortalha de linho. Três dias após sua

morte, como havia preconizado, seus discípulos disseram que ele estava vivo e que disso, davam testemunho.

Dando curso ao tempo, vinte séculos se passaram... Todas as luminosas inteligências, todos os reis, rainhas e imperadores que já reinaram, todos os exércitos que escreveram sua história com atos de heroísmo, todos os poderosos que dominaram seus povos, todos os parlamentos que se reuniram... Todos juntos, não influíram tão poderosamente na história da humanidade, como o fez JESUS DE NAZARÉ, o filho de Maria e de José - o carpinteiro da pobre e obscura Galileia.

oOo

O que acabamos de apresentar é a adaptação de uma crônica sobre "Jesus histórico", escrita por um anônimo.

Muitas "Vidas de Jesus", particularmente as do século XIX, ou são muito subjetivas ou são produtos de uma fértil imaginação.

Alguns teólogos, entre eles muitos protestantes, em vão, tentaram escrever uma biografia consistente sobre a pessoa de Jesus, isto é, o Jesus histórico... As fontes não bíblicas são lacônicas e os dados sobre sua pessoa, incompletos.

Em seu estudo "Antiguidades Judaicas", o historiador José Flávio, que viveu na Palestina entre 37 e 97, foi o primeiro a mencionar Jesus em suas anotações. Certamente conseguiu dados sobre o Nazareno através de testemunhas oculares. Mais tarde, Tácito e Suetônio também se referem a Jesus em seus escritos. O Talmud babilônico o apresenta como se ele fosse um mago. Da fé dos primeiros cristãos, nos fala Plínio, o Jovem. Esses historiadores profanos têm interesses quase exclusivamente políticos e, por isso, as referências à pessoa de Jesus não são dados biográficos. Mas é muito importante saber que fatos mencionados por eles coincidem com cenas dos Evangelhos e episódios envolvendo a vida de Cristo.

A respeito de Jesus, vejamos o que escreveu o historiador José Flávio em "Antiguidades Judaicas":

"Nesse tempo, apareceu Jesus, homem sábio, se é que se pode chamar homem, visto que realizou coisas maravilhosas. Ele foi mestre daqueles que acolhem com alegria a verdade e arrastou consigo muitos judeus e também muitos gregos. Era o Messias (Cristo). Sob acusação dos chefes de nossa nação, Pilatos o condenou à cruz, mas os seus seguidores não renunciaram ao amor por ele. No terceiro dia ele apareceu ressuscitado, como tinham anunciado

os profetas de Deus juntamente com milhares de outras maravilhas a respeito dele. Ainda hoje existe a seita que dele recebeu o nome de cristãos."

Vimos que na história profana, escrita na época dos imperadores romanos, também são encontrados registros sobre o Cristo e a origem histórica do cristianismo. Isto é um fato notável porque a história do Império Romano era, na época, a história do mundo.

B – O Jesus dos Evangelhos

Nos primeiros tempos do cristianismo, muitos evangelhos sobre Jesus foram escritos. As obras que não obtiveram a aceitação da Igreja foram chamadas de "Apócrifos do Novo Testamento" ou "Evangelhos Apócrifos". Apócrifo significa "coisas escondidas". Estes evangelhos excluídos da leitura oficial são de pouco valor histórico e surgiram com a boa intenção de preencher lacunas da vida de Jesus, não mencionadas nos evangelhos aceitos. Foi a Tradição apostólica que ajudou a Igreja a discernir aqueles Evangelhos que deveriam compor os livros da Sagrada Escritura. Eles fazem parte do "cânon" das Escrituras. A palavra "cânon ou cânone" vem do grego e significa a regra usada para determinar o que podia ser medido satisfatoriamente, de acordo com um padrão. Na linguagem bíblica significam livros religiosos divinamente inspirados. O "cânon" bíblico é composto de 46 livros do Antigo Testamento (45, se juntarmos Jeremias e Lamentações) e 27 do Novo Testamento e aí estão incluídos os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. O importante é saber que esses quatro manuscritos bíblicos eram canônicos, isto é, inspirados por Deus desde o momento em que foram escritos.

A Igreja nascente, através dos Apóstolos, apresentou uma mensagem traduzida da pessoa de Jesus: o **Querigma**, isto é, a **Boa notícia da Salvação em Jesus Cristo**.

Jesus, aquele que devia vir, segundo os profetas, **ELE ESTÁ VIVO**, disso os apóstolos tiveram certeza experimental e deram testemunho. Por isso os autores dos Evangelhos não se preocuparam muito em mostrar o rosto humano de Jesus. Para eles o fato primordial era mostrar que Jesus crucificado, morto e sepultado estava vivo. **RESSUSCITOU**. Os escritos dos quatro evangelistas deram origem a uma obra histórico-teológica.

. **Histórica**, porque guardam fatos e palavras sob a orientação de testemunhas oculares: os apóstolos e discípulos que conviveram com Jesus.

. **Teológica**, porque transmitem um ensinamento religioso fundamentado na autêntica interpretação dos fatos e das palavras.

“Ninguém desconhece que entre todas as Escrituras, mesmo do Novo Testamento, os Evangelhos gozam de merecida primazia, uma vez que constituem o principal testemunho sobre a vida e a doutrina do Verbo Encarnado, nosso Salvador.”

(188, Constituição dogmática Dei Verbum)

C – Apresentando os autores dos Evangelhos Canônicos

Os evangelhos canônicos são quatro e foram escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João. Eles são o coração de todas as Escrituras, pois constituem o principal testemunho sobre a vida e a doutrina do Verbo Encarnado, nosso Salvador. Diante das grandes revelações que Jesus fez e da Nova Páscoa que realizou, diante da sua Ressurreição e Ascensão, os quatro evangelistas acharam muito mais importante ressaltar a divindade do Cristo. Intrínseca à sua pessoa era a sua humanidade.

Cada evangelista escreveu seu Evangelho para comunidades diferentes e em diferentes datas. Os escritos de Mateus, Marcos e Lucas são muito parecidos na forma e no conteúdo e por isso são chamados evangelhos sinóticos. A palavra sinótico, originária do grego, significa “percebido com uma só olhada.”

O Evangelho de **João** segue um esquema diferente: nele são encontrados sermões e narrações que revelam aspectos novos e mais profundos da personalidade e da vida de Jesus Cristo.

Mateus escreve seu evangelho aos cristãos da Palestina, convertidos do judaísmo. Quer mostrar que Jesus é o verdadeiro Messias anunciado pelos profetas e sua Igreja é o começo do Reino do Céu aqui na terra. Ele enaltece as profecias do Antigo Testamento, as tradições judaicas, as expressões semitas e os ensinamentos de Jesus a respeito da comunidade cristã. Seu Evangelho é conhecido como **Evangelho da Igreja**.

Marcos, secretário de Pedro, apresenta discursos e fatos para dar ênfase à divindade de Jesus. Escreve para os leitores romanos que desejam mais fatos que palavras... Marcos, escriba de profissão, escreve com tanta propriedade que os fatos falam, mostram a mensagem claramente. Seu modo de narrar os acontecimentos é como o levantar de um véu, que lentamente vai descobrindo o mistério de Jesus: Ele é o Filho de Deus. Seu Evangelho é conhecido como **Evangelho Querigmático (anúncio da Boa Nova)**.

Lucas era um médico grego, natural de Antioquia. Foi convertido por Paulo e tornaram-se amigos. Considerado o evangelista do Cristo Salvador porque, de forma extraordinária, escreveu sobre a bondade e misericórdia do Divino Mestre. Com grande sensibilidade e eloquência suas narrações mostram toda a ternura de Deus e foram escritas para os pagãos convertidos da Ásia, que esperavam uma salvação espiritual cristã. Seu Evangelho é conhecido como **Evangelho da Libertação**.

João, o mais jovem dos Apóstolos, "aquele que Jesus amava", segundo suas próprias palavras, era muito inteligente, bom historiador, teólogo e místico. Organizou seu Evangelho de modo tal que o leitor visse e compreendesse o poder e a glória do Filho Unigênito de Deus. Testemunha ocular da vida de Jesus, narrou fatos, discursos, sinais (milagres) que revelam o profundo e inexaurível mistério do Verbo de Deus feito homem. Seu Evangelho é conhecido como "**Evangelho da Verdade**".

"Os autores sagrados escreveram os quatro Evangelhos, escolhendo certas coisas das muitas transmitidas ou oralmente ou por escrito, fazendo síntese de outras ou explanando-as em vistas à situação das igrejas, conservando enfim a forma de proclamação, sempre de maneira a referir-nos a respeito de Jesus em verdade e sinceridade. Pois os escreveram seja com fundamento memória e recordações, seja baseados no testemunho daqueles que "desde o começo foram testemunhas oculares e ministros da palavra" com a intenção de que conheçamos "a Verdade" daquelas palavras com que fomos instruídos".

(190 Constituição Dogmática " Dei Verbum")

Por volta do ano 400 d.C. Santo Agostinho, em sua obra "Concordância dos evangelistas", assim escreveu:

"O Evangelho destaca-se entre todos os livros contidos nas Sagradas Escrituras. O que a Lei e os profetas anunciavam como futuro é presente e cumprido no Evangelho.

Os primeiros evangelizadores foram os Apóstolos, que viram o próprio Senhor e Salvador Nosso Senhor Jesus Cristo vivo em carne e osso.

Eles não só transmitiram o que tinham ouvido dos Seus próprios lábios e o que por Ele foi operado sob seus olhos (palavras e fatos), mas também o que aconteceu antes de eles se tornarem discípulos, no tempo do Seu nascimento, da infância e da juventude.

Puderam investigar e conhecer, com testemunhos, os fatos acontecidos e dignos de ser lembrados, seja através do próprio Jesus, seja através de seus pais ou

através de outras pessoas, e se preocuparam de anunciá-los ao gênero humano quando lhes foi dada a missão de propagar o Evangelho.

Alguns deles, isto é, Mateus e João, compuseram respectivamente livros, nos quais recolheram o que lhes pareceu melhor para ser escrito. Pela providência divina, o Espírito Santo fez com que também alguns daqueles que seguiam os primeiros Apóstolos fosse dado poder, não só de pregar, mas também de escrever o Evangelho: eles são Marcos e Lucas."

Para refletir:

1º) - Por que os evangelistas não se preocuparam tanto em escrever sobre a vida de Jesus, mostrando sua rotina enquanto criança, adolescente e adulto?

2º) - Como você vê e sente a presença de Jesus nos Evangelhos?

SEGUNDA PARTE

A - Quem foi o evangelista Mateus

O Evangelho apresenta pela primeira vez Mateus em Cafarnaum, uma das cidades mais florescentes da Palestina, à beira do lago de Genezaré. Lá, Mateus tinha um expediente para a cobrança de impostos, em nome da autoridade romana. A cobrança dos impostos imperiais era, geralmente, feita por rendeiros públicos, homens exploradores que o povo odiava e até chamava de publicanos, e que significava pecadores públicos, equiparados aos pagãos.

Jesus mostrou grande simpatia pela cidade de Cafarnaum, tanto que os evangelistas a chamam de "sua cidade." Aí, o Divino Mestre doutrinou frequentemente e realizou muitos milagres. Numa dessas ocasiões em que Jesus tinha pregado na praia de Cafarnaum, passou diante de Mateus, olhou-o e disse: "Segue-me!". Levi, assim se chamava Mateus antes da conversão, imediatamente levantou-se, abandonou o rendoso negócio, mudou de nome e de vida. É de se supor que tal decisão não tenha sido fruto de um entusiasmo improvisado, mas que tenha tomado esta resolução devido ao que vira e ouvira sobre Jesus, de modo que o convite positivo do Divino Mestre lhe tenha posto fim às últimas dúvidas sobre a orientação de sua vida futura.

São Beda, comentando esse fato, observa que Levi se converteu porque aquele que o chamou pela palavra lhe tocou o coração pela graça divina.

Mateus, nome hebraico, que significa "dom de Deus," ofereceu em seguida um grande banquete de despedida aos amigos e colegas, convidando também Jesus com

os outros apóstolos. Os fariseus e escribas que observavam todos os gestos de Cristo, vendo que este aceitara o convite, acusaram-no dizendo: "Este homem anda com publicanos e pecadores e senta-se à mesa com eles." Também os discípulos de Jesus tiveram que ouvir reclamações: "Como é que o vosso Mestre senta-se à mesa com os pecadores?" Jesus ao ouvir isto, respondeu: *"Não são os sãos, mas sim os doentes que necessitam do médico. Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores."*

Nada mais nos diz o Evangelho sobre Mateus, a não ser o nome dele na lista dos doze apóstolos. Depois de ter pregado o Evangelho na Palestina por vários anos, uma tradição diz que, com a dispersão dos Apóstolos, Mateus havia pregado o evangelho na Etiópia, onde morreu mártir. De fato, a Igreja copta da Etiópia desde sempre se ufana de ter sido fundada pelo apóstolo São Mateus. A notícia, porém, é muito incerta. Contudo, não foi por causa de sua ação apostólica que Mateus se tornou altamente benemérito na Igreja primitiva, mas pelo que ele deixou escrito: **o primeiro Evangelho**. De fato, a série dos livros do Novo Testamento se abre com o Evangelho de São Mateus.

"Nos primeiros vinte anos da Igreja primitiva, a pregação da Boa Nova era feita oralmente, conforme a ordem de Jesus. *"Ide e pregai"*... Mas sentiu-se logo a necessidade de fixar os ensinamentos principais em narrações, em torno de palavras-chaves, de modo que pudessem servir de roteiro aos primeiros pregadores nas reuniões litúrgicas. Tomando como base as primeiras redações, Mateus elaborou uma síntese. Redigiu-a em aramaico, língua falada no meio palestinese, reunindo principalmente as provas de que Cristo era o verdadeiro Messias. Escrevendo para judeus-cristãos, insiste exatamente no messianismo de Cristo e na realização perfeita das profecias do Antigo Testamento. Ao lado desta ideia-base, Mateus deu também provas de que Cristo era verdadeiramente Deus."

O Sermão da Montanha, próprio do Evangelho de Mateus, por sua simplicidade e elevação, pela beleza moral de suas noções sobre a fidelidade, a confiança em Deus, a caridade, constitui uma das sínteses dentro do Evangelho, que nos permite maior aproximação ao caráter e à pessoa de Cristo.

Por tudo isso, somos imensamente gratos a este grande apóstolo!

Extraído do livro "O santo do dia", de Dom Servilio Conti, I.M.C

B – Como é apresentado o Evangelho de Mateus – Evangelho da Igreja

Entre os Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) existe uma semelhança, um olhar comum, uma sequência apresentada pelos três: Evangelho da infância, Preparação para o ministério, Pregação de Jesus na Galileia, Descida para Jerusalém, Ministério em Jerusalém, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus.

Além dessa estrutura sinótica, o Evangelho de Mateus apresenta uma característica própria... Seu livro lança mão de dois gêneros literários, ou seja, duas formas de escrever: relato e discurso. Assim sendo, depois de um relato - fato ou episódio - segue-se um discurso do Mestre. Com essa forma didática, Mateus procurou transmitir a mensagem de Jesus.

Os relatos são encontrados nos capítulos: 3-4; 11-12; 14-17; 19-22; 26-28. Eles descrevem a vida de Jesus, suas raízes na história de seu povo. Os discursos estão nos capítulos: 5-7; 10; 13; 18; 23-25. Através deles, vamos tomar conhecimento da preocupação da comunidade de Mateus com o seguimento de Jesus. Por essas duas exposições (relato e discurso) passam o vigor e a essência da mensagem que Mateus deseja transmitir a todos, isto é, a BOA NOVA DO REINO.

O Evangelho de Mateus está disposto em cinco partes, ou livros, e além deles conta com um prefácio que abrange os capítulos 1 e 2. Com a Boa Notícia do nascimento do Salvador, esses capítulos tratam da infância de Jesus e são o fundamento de tudo o que vai ser exposto pelo evangelista.

A conclusão final dos cinco livros está nos capítulos 26 e 27. Eles apresentam o desfecho de tudo: Cristo Ressuscitou! Através de Jesus, a comunidade está viva. Viva a Igreja nascente!

O Primeiro Evangelho é assim apresentado:

PREFÁCIO: INFÂNCIA DE JESUS (Mt 1; 1)

PRIMEIRO LIVRO: O PROGRAMA DO REINO (Mt 3-7)

SEGUNDO LIVRO: OS MISSIONÁRIOS DO REINO (Mt 8-11,1)

TERCEIRO LIVRO: OS MISTÉRIOS DO REINO (Mt 11,2-13,53)

QUARTO LIVRO: A ORGANIZAÇÃO DO REINO (Mt 13,54-18,35)

QUINTO LIVRO: A CONSUMAÇÃO DO REINO (Mt 19-25)

EPÍLOGO: OS ACONTECIMENTOS PASCAIS (Mt 26-28)

É interessante notar que existe uma intenção claramente teológica, buscando uma aproximação do Evangelho de Mateus com as tradições judaicas. O Pentateuco, ou Torá, é constituído de cinco livros; também o Evangelho de Mateus consta de cinco livros. Se juntarmos os dois gêneros (narração e discurso) no trabalho de Mateus, vamos encontrar dez blocos, lembrando o decálogo ou até a história da salvação: patriarcas, libertação, tribos, juízes, monarquia, divisão do reino, exílio, pós-exílio, Macabeus e Jesus Cristo. Se acrescentarmos o prefácio e a conclusão teremos doze partes, número esse que nos remete às 12 tribos de Israel, aos 12 Apóstolos que formam o começo do Novo Povo de Deus.

C – O Primeiro Evangelho

Quando em Roma, Pedro e Paulo implantavam os fundamentos da Igreja e anunciavam a Boa Nova da Salvação oferecida pelo Cristo, Mateus escrevia o seu Evangelho, destinado aos cristãos vindos do mundo judaico.

Através da catequese do evangelista, esses cristãos convertidos alimentavam a expectativa de "salvação" que o Messias, de acordo com o anúncio dos profetas, deveria conquistar em favor de seu povo. Isso explica porque a figura do Cristo - Messias prometido - preenche as páginas de seu Evangelho. N'Ele, através de sua obra, sua doutrina e, principalmente, por sua morte redentora, a salvação se concretiza e as Escrituras se realizam.

Características do Cristo apresentadas no Evangelho de Mateus:

Jesus é o Mestre. A figura de Jesus Mestre aparece magnífica, nos cinco grandes discursos que formam a coluna dos temas pilares de seu ensinamento doutrinário.

Jesus é o Profeta. Ele não é um profeta como aqueles que prenunciaram sua vinda. Ele é o Profeta por excelência, o porta-voz de Deus para anunciar a conversão e oferecer a salvação a toda a humanidade.

Ele é o Servo de Javé. Assumindo a iniquidade de todos, é na morte de cruz que brilha a imagem do "Servo de Javé" quando se oferece para a salvação de todos os povos.

O Evangelho de Mateus ao mesmo tempo em que apresenta a obra de Jesus como a realização das promessas do passado, anunciadas no Antigo Testamento, é também o grande vaticínio dos "tempos novos", revelado no Novo Testamento. Do humilde e pequenino "povo escolhido" nasce e cresce um novo POVO DE DEUS. Esse

povo messiânico, que se reúne e constitui a IGREJA, é o verdadeiro Israel, cuja missão é levar a Boa Nova a todos.

Mateus, no último capítulo de sua narração (Mt 28, 16-20), deixa registrado que Jesus, pelo poder que lhe foi dado, falando com os onze discípulos lhes dá uma ordem de cunho marcadamente eclesial: *"Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei."* Trata-se da difusão da "comunidade" de Jesus, isto é, da sua Igreja que deverá chegar até o fim do mundo. Por esse conteúdo eclesial, o Evangelho de Mateus recebe também o nome de "Evangelho da Igreja".

Para refletir:

1º) - ...*"Segue-me"* e Mateus, deixando tudo, seguiu o Mestre. Com as mesmas palavras dirigidas a Mateus, Jesus chama todos os seus. Diante desse chamado que o Cristo nos faz sempre, como eu reajo... Aceito como uma "escolhida, um escolhido" ou procuro silenciar essa voz que murmura em meu coração?

2º) - Escolher, no Evangelho de Mateus, um texto ou versículo que você acha muito especial e apresentá-lo na reunião do Grupo, propiciando uma troca de ideias.

CAPÍTULO II - PREFÁCIO

(Mt 1-2)



O NASCIMENTO DE JESUS

PRIMEIRA PARTE: JESUS REALIZA AS PROMESSAS DO ANTIGO TESTAMENTO

(ler o Texto 1, 1-17)

A - O Prefácio do Evangelho de Mateus abrange o primeiro e o segundo capítulos de sua narração. Juntamente com o correspondente de Lucas (Lc 1, 1-52), formam os "Evangelhos da Infância."

Mateus dá início ao seu Evangelho apresentando a árvore genealógica de Jesus. Sua finalidade é histórico-teológica: registrar o nascimento do Menino Deus, mostrar sua linhagem como filho de Abraão e sua realeza como filho de Davi

Descrevendo as origens do povo eleito, o evangelista começa por Abraão, passa por gerações de chefes de família pertencentes à raça eleita, cita o exílio na Babilônia e, contando toda a história judaica, chega a José da estirpe de Davi, "esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo."

Descrevendo a genealogia de Jesus, Mateus aponta dois fatos muito significativos:

1º - Em lugar de grandes mulheres da Bíblia (Sara, esposa de Abraão; Rebeca, esposa de Isaac; Lia e Rachel, esposas de Jacó...) apresenta figuras femininas ligadas ao paganismo, como Raab e Rute, ou mesmo pessoas de má reputação, como Tamar, esposa de Urias. Com isso, o evangelista quer mostrar que a salvação é oferecida, não só à raça eleita, mas a todos indistintamente. O Reino é para todos que o aceitam.

2º - Toda a linha genealógica passa através da ala masculina. Mas ao se referir a José (pai legal de Jesus, no plano jurídico) diz: José, esposo de Maria, **da qual nasceu Jesus chamado Cristo.**

Jesus, nome hebraico 'Jeshua', muito usado entre os israelitas, significa "Javé é salvação". Cristo é uma palavra grega usada para traduzir o termo original aramaico MESSIAS que significa "Ungido", isto é, consagrado com óleo sagrado. Eram ungidos os reis e os sacerdotes. Cristo é um apelativo acrescentado ao nome de Jesus, que se tornou o nome próprio do Verbo Encarnado.

Ilustrando nosso tema:

Como entender as expressões: Jesus, filho de Davi; filho de Abraão?

Jesus, filho de Davi. A genealogia de Jesus tem como finalidade mostrar a origem dos antepassados do Messias. Não obstante suas excepcionais prerrogativas, Jesus pertenceu a uma família, como todas as famílias humanas. É filho de Maria e um descendente da dinastia de Davi, primeiro rei israelita. A lista dos antepassados é uma

prova jurídica da pertença de Jesus à primeira família real de Israel. O futuro Salvador será um soberano maior que todos os reis, pois sua realeza se estenderá por todos os cantos da terra. Jesus, Rei do Universo! "Filho de Davi" é, pois, um título messiânico muito além de um título dinástico.

Em seu Prefácio, Mateus anuncia que as promessas davídicas se realizam através de Jesus, "filho" de José, da casa de Davi. Por isso Jesus Cristo é o rei universal que Israel espera.

Jesus, filho de Abraão. A lista genealógica também apresenta Jesus como filho de Abraão para significar sua pertença ao Povo de Israel, portador da história da Salvação, cujo ápice acontece com a chegada do Cristo Redentor. Por isso, Jesus é o "Verdadeiro Israel", o salvador, não só de Israel, mas de toda a humanidade.

São Paulo em sua carta aos Gálatas (Gl 3, 6-14) ensina que, por sua fé "Abraão confiou no Deus único e isso lhe foi anotado como crédito. Foi pela sua fé que Deus antecipou a boa notícia ao Patriarca: Por ti todas as nações serão abençoadas." Através de Jesus, Filho de Abraão e herdeiro das promessas divinas, a bênção de Abraão se estende aos pagãos e a todos aqueles que pela fé fazem parte da família do grande Patriarca. A história antiga, grávida do Cristo, trouxe Deus presente para a história de todos os tempos: Emanuel – "Deus conosco."

Para a troca de ideias:

- 1 - Na descrição sobre a genealogia de Jesus, o que mais chamou sua atenção?
- 2 - Qual o seu entendimento sobre as expressões Filho de Abraão, Filho de Davi?

SEGUNDA PARTE: JESUS COMEÇA O NOVO TESTAMENTO

(Ler o texto 1, 18-25; 2)

No primeiro capítulo, versículos 18 a 25, o evangelista anunciando a concepção virginal de Maria - obra do Espírito Santo - descreve a crise espiritual de José, diante da inesperada e inexplicável gravidez de sua noiva-desposada.

O relato mostra claramente que a maternidade de Maria não é obra de José, mas do Espírito Santo de Deus. Desse fato único e extraordinário, José é a testemunha mais fidedigna. Para explicá-lo, Mateus vai buscar no Antigo Testamento as palavras do profeta Isaías: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho..." (Is 7, 14).

O milagre da vida que Deus agracia a humanidade através do ato humano, em Jesus Cristo, sua concepção, é fruto de singularíssima e prodigiosa intervenção do próprio Espírito Santo de Deus. É o mesmo Espírito que atuou na criação do mundo (Ora, a terra era solidão e caos, e as trevas cobriam o abismo; mas sobre as águas pairava o sopro de Deus. (Gn 1,2). É o mesmo Espírito que atuou na formação do primeiro homem (Então o Senhor Deus formou o homem com o pó da terra e lhe insuflou nas narinas um hálito de vida. (Gn2, 7). É o mesmo Espírito que cobriu de força os heróis do Antigo Testamento (Então o Espírito do Senhor revestiu Gedeão que tocou a trombeta e os abiezeritas foram convocados a segui-lo (Jz 6, 34).

Diante da perplexidade de José, para acalmar seu coração um Anjo lhe aparece em sonho e lhe explica a excepcional concepção da Virgem: sua gravidez é obra do Espírito Santo de Deus.

Mateus encerra o capítulo 1, 25 com as seguintes palavras: "E não a conheceu até que deu à luz um filho, e nele pôs o nome de Jesus."

O capítulo II consta de 23 versículos e descreve "A vinda dos magos" (2,1-12); "A perseguição de Herodes" (2,13-18); "A volta do Egito" (2,19-23).

O "Evangelho da infância" descrito por Mateus começa com a chegada dos Magos a Jerusalém e, com base no oráculo profético, registra a cidade de Belém como local de nascimento do Menino Deus: "E tu, Belém, terra de Judá, de forma alguma és o menor dos distritos de Judá porque de ti sairá um chefe que apascentará meu povo Israel". Esse nascimento suscita o ciúme e a perseguição de Herodes e provoca a fuga da Sagrada Família para o Egito. De lá, só voltam quando, avisado em sonho da morte de Herodes, José leva a Família para morar em Nazaré, cidadezinha da Galileia. Cumpriu-se o que foi dito pelos profetas: "Será chamado nazareno."

Ilustrando nosso tema:

A - Maria estava prometida em casamento com José quando, interpelada pelo Anjo do Senhor, aceitou a misteriosa e inefável incumbência de ser a mãe do Filho de Deus.

Na lei mosaica, os esponsais eram celebrados na presença de duas testemunhas e significavam o compromisso do casamento. Um filho nascido durante esse período era simplesmente considerado legítimo. O casamento seria julgado civilmente incompleto se, após um ano, não ocorresse a festa nupcial (nissû'in) quando a noiva que ainda morava na casa paterna era levada em festivo cortejo para a casa de seu marido.

Se, no período que antecedia a ida da noiva para a casa do esposo, ela ficasse grávida de outro, a lei autorizava que fosse apedrejada até a morte.

Com essa explicação podemos compreender a situação de José. Percebendo a gravidez de Maria, ele, um homem justo, secretamente chegou a pensar em abandonar sua noiva desposada, dando-lhe o libelo de repúdio. Após a mensagem do sonho, José entregou-se à vontade do Altíssimo e, como Maria, humildemente viveu o seu "Fiat."

Tanto no ambiente oriental antigo como na Bíblia, o sonho é considerado manifestação da presença de Deus. Assim também acontece com as palavras nuvem e fogo, símbolos que expressam o elemento celeste.

O versículo 25 do 1º capítulo do Evangelho de Mateus foi um dos argumentos mais explorados por aqueles que negam a perpétua virgindade de Maria.

Na interpretação bíblica, a partícula "até que" não significa uma mudança de situação para data posterior. Isso podemos ver, por exemplo, na carta de Paulo a Timóteo (1Tm 4, 13): "Enquanto eu não for, dedica-te à leitura, à exortação e ao ensino." Tudo isso continuou a ser feito nas reuniões religiosas, quando os cristãos celebravam os mistérios sagrados.

Escrevendo seu Evangelho, Mateus destaca o momento precedente ao nascimento de Jesus e a crise espiritual de José. De modo algum ele dá a entender que a atitude de José em relação à esposa tenha mudado após o nascimento de Jesus. A preocupação de Mateus não é tanto mostrar que Maria não teve relações com o esposo na concepção de Jesus, atribuída ao Espírito Santo. Sua intenção maior é legitimar a concepção virginal de Jesus, a presença e a ação de José em relação ao Messias prometido. Apesar de ele não ser o legítimo pai de Jesus, pois se trata de uma filiação jurídica, isto é, putativa, José convive com Ele, Lhe dá o nome e a linhagem da estirpe de Davi.

B - José, o Homem Justo

De acordo com o primeiro Evangelho, a vida espiritual de José, esposo de Maria, pai de Jesus segundo a lei mosaica e chefe da Família de Nazaré, recebe apenas uma designação: José é um homem **JUSTO**. Na linguagem bíblica a palavra justo carrega o significado de homem reto, honrado, piedoso, cheio de misericórdia e temente a Deus... Portanto, fiel seguidor dos preceitos divinos.

Se não fosse um homem justo, José não teria sido escolhido para a sublime missão a que Deus lhe houvera designado. A situação embaraçosa desencadeada pela misteriosa gravidez de sua esposa, depois de esclarecida pelo Anjo, encontrou alívio no coração do pobre carpinteiro, temente a Deus. Confirmada a misteriosa origem do acontecimento que se vai realizando em Maria, o Senhor mostra o quanto a presença

de José na Família de Nazaré é importante para a realização de seu plano divino de salvação.

O Menino concebido pela ação do Espírito Santo de Deus será igualmente seu filho porque, descendente da dinastia de Davi, cabe a José a missão de transmitir-Lhe os direitos ancestrais. Através de sua linhagem José se tornará o elo da corrente que unirá o Menino à família real.

À luz desses acontecimentos, a Bíblia, com a expressão "um homem JUSTO", espelha toda a grandeza de José e nos revela a beleza e a dimensão de sua santidade em relação a Deus e sua vida de dedicação e amor a Maria e a seu filho Jesus.

Ele viveu a castidade em grau eminente; a humildade, como forma de despojamento; a obediência, à voz do Anjo; a justiça, na observância da Lei; a entrega, à vontade de Deus; a prudência, nas horas difíceis; o amor, na total dedicação à família... Enfim, por suas grandes virtudes, São José se coloca acima de todos os outros santos.

Maria e José, por misterioso desígnio divino, foram escolhidos para construir um lar a fim de receber o Menino Deus que quis vir ao mundo através de uma família. Abençoada Família de Nazaré!

Para a troca de ideias

1º - Para você, o que representa a FAMÍLIA DE NAZARÉ?

2º - O Messias quis pertencer a uma família. Fale sobre o valor da família e de suas dificuldades nos dias de hoje.

CAPÍTULO III – PRIMEIRO LIVRO

O PROGRAMA DO REINO (Mt 3;7)



O BATISMO DE JESUS (3, 13-17)

No primeiro dos cinco livros, Mateus apresenta o ministério público de Jesus. Seu início se dá com a pregação preparatória de João Batista para a apresentação do Messias prometido e esperado. Trata-se de uma coletânea dos ensinamentos e da atividade didática de Jesus pelas aldeias e cidades, no campo e nos montes, durante todo o seu ministério na Galileia, até alcançar a Síria ao norte, a Decápole e a Transjordânia ao leste e a Judéia com Jerusalém ao sul.

O PRIMEIRO LIVRO SERÁ APRESENTADO EM DUAS PARTES:

PRIMEIRA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO: MATEUS 3; 4; 5,1-37

- A) 1 - João Batista (3, 1-12)
- 2 - O Batismo de Jesus (3, 13-17)
- 3 - As tentações (4, 1-11)
- 4 - Início da pregação na Galileia (4, 12-17)
- 5 - Os primeiros discípulos (4, 18-22)
- 6 - As primeiras obras (4,23-25)
- 7 - Sobre o monte (5, 1-2)
- 8 - As bem-aventuranças (5, 3-12)
- 9 - À luz das boas obras (5, 13-16)
- 10 - O cumprimento da Lei (5, 17-20)
- 11 - A radicalização da Nova Lei (5, 21-26)
- 12 - Os maus desejos (5, 27-30)
- 13 - O divórcio (5, 31-32)
- 14 - O juramento (5, 33-37)

Texto de apoio:

- 1 - João Batista (3,1-12)

Jesus ainda vivia na Galileia com sua mãe, quando João Batista começou a pregar no deserto da Judeia, vasta região entre Jerusalém e o rio Jordão com o mar morto. Como arauto do Messias, o Batista, veementemente, anunciava: "Convertei-vos porque está próximo o Reino dos céus." A passagem profética colocada pelos quatro evangelistas a respeito da ação missionária do Batista lembra as palavras do profeta Isaias, referentes

ao regresso à pátria dos exilados na Babilônia: "Uma voz clama no deserto: preparai o caminho de Javé, endireitai na planície um caminho para nosso Deus" (Is 40, 3). Agora os evangelistas afirmam: "Pois este é aquele de quem falou o profeta Isaias..." Como os profetas antigos, João Batista se vestia com pele de carneiro e um cinturão de couro lhe cingia os rins. Alimentava-se com o que tinha no deserto: mel silvestre (abundantes em algumas plantas às margens do Jordão) e gafanhotos (que os comia torrados ao fogo).

Muitas pessoas de Jerusalém e de toda a Judeia chegavam às margens do Jordão para serem batizadas por ele. O batismo de João Batista superava as abluções judaicas que visavam remover impurezas legais. Seu batismo simbolizava a conversão, a purificação da consciência como preparação para receber o Reino dos céus prestes a chegar. Não possuía a eficácia do Batismo cristão; não era como o Batismo de Jesus, sacramento que nos liga a Ele, nos dá o Espírito Santo e a filiação divina.

João Batista usou palavras muito duras para com os Fariseus e Saduceus (3, 7-12). Estes pertenciam a correntes religiosas impregnadas de um formalismo tão arraigado que tornava vazia toda e qualquer consistência interior. Foram eles os maiores perseguidores de Jesus.

João Batista é o último profeta messiânico do Antigo Testamento. Ele é o último elo a unir o Antigo ao Novo Testamento que começa com a vinda do Cristo Salvador. Como mensageiro, ele veio aplainar os caminhos de Jesus Cristo, o Rei dos reis. Sua missão foi preparar o coração humano, único acesso de Deus em nós.

2 - O batismo de Jesus (3, 13-17)

Depois de João Batista ter despertado no coração de todos a expectativa da vinda iminente do Messias, Jesus deixou a Galileia e se apresentou para ser batizado. Após o batismo de Jesus "eis que se lhe abriram os céus e o Espírito Santo desceu como uma pomba, enquanto se ouviu uma voz dizendo: Este é meu Filho amado em quem ponho minha afeição".

"Eis que se lhe abriram os céus"... Esta é uma expressão típica da linguagem apocalíptica que prepara a teofania, isto é, a manifestação divina durante o batismo de Jesus. O Espírito Santo em forma de pomba, na sua ação fecundante, simboliza a Paz e a reconciliação da humanidade com Deus. Quanto à voz, o IV Evangelho (Jo,1-30) especifica que João Batista percebeu toda a teofania e dela pôde dar testemunho perante o povo.

3 - As tentações (4,1-11)

Depois de um jejum de quarenta dias no deserto preparando-se para sua ação missionária, Jesus foi tentado. As tentações descritas por Mateus (Mt 4, 1-11) também são citadas pelos outros evangelhos sinóticos de Marcos (Mc 1,12-13) e de Lucas (Lc 4, 1-13). Na linguagem bíblica a palavra "tentar" tem duplo sentido: pôr à prova, ou experimentar, e também fazer desviar do reto caminho. Em nosso texto predomina o segundo sentido, mas não podemos excluir o primeiro, pois, como o Diabo não tem conhecimento de tudo, ele desejava saber se Jesus era realmente o "FILHO DE DEUS".

4 - Início da pregação na Galileia (4, 12-17)

Após a experiência de solidão no deserto, Jesus deixou a Judeia e foi estabelecer-se em Cafarnaum, na Galileia. Situada à margem noroeste do lago de Tiberíades, Cafarnaum era importante centro comercial na grande estrada que ia de Damasco até o Mar Mediterrâneo e assim ao Egito. Foi aí que Jesus começou seu ministério. Inaugurando a era messiânica, sua pregação inicial seguiu a mesma linha de seu precursor, o Batista: *"Convertei-vos, pois está próximo o Reino de Deus"*.

5 - Os primeiros discípulos (4, 18-22)

Entre os primeiros gestos do ministério de Jesus está a convocação daqueles que O acompanhariam em sua jornada messiânica rumo a Jerusalém: seus discípulos. O chamamento (vocação), descrito com traços essenciais, pode ter sido resultado de vários encontros daqueles humildes pescadores com o MESTRE.

6 - As primeiras obras (4, 23-25)

Exercendo sua atividade apostólica, Jesus percorria toda a Galileia pregando o anúncio do Reino e curando toda sorte de enfermidades. Grande multidão procedente da Galileia O seguia e sua fama alcançou Jerusalém, as regiões do lado oriental do Jordão e também as dez cidades livres que formavam a confederação da Decápole, isto é, das dez cidades helenísticas situadas além do Jordão, ao norte e a leste da Pérsia.

7 - Sobre o monte (5,1-2)

O sermão da montanha é o primeiro dos cinco grandes discursos reproduzidos no Evangelho de Mateus. Ele faz parte dos temas fundamentais da pregação de Jesus. A

ideia central do sermão é o tema da "justiça superior" que deve ser a marca dos novos cidadãos do reino messiânico, e tem como modelo a perfeição do Pai Celeste.

8 - As bem-aventuranças (5, 3-12)

No capítulo 5, 3-12, encontra-se uma das mais belas páginas da narração bíblica: As bem-aventuranças - Evangelho de todos os evangelhos; quintessência do espírito evangélico. Nessa pregação, Jesus revela-se o Supremo Legislador.

Vendo a multidão ao seu redor, Jesus subiu a um monte nas proximidades de Cafarnaum, tomou a palavra e promulgou **Seus preceitos**, destinados a todos os homens e mulheres de todos os tempos, indicando como encontrar a verdadeira felicidade. As bem-aventuranças são votos de paz, de bênção e mostram quais características devem permear a vida do verdadeiro discípulo de Cristo.

9 - A luz das boas obras (5,13-16)

Com é preciosa essa lição do Mestre! Com as três imagens do sal, da cidade e da lâmpada, Jesus aponta como deve ser a conduta de seus seguidores. A exemplo do sal que dá gosto ao alimento, o cristão deve dar "sabor" às coisas de Deus. O dever de iluminar o mundo com a luz das boas obras é ilustrado com as imagens da cidade construída no alto do monte para ser vista por todos e da candeia que deve ser colocada em lugar que possa clarear todo o ambiente. Portanto, cabe ao cristão ser sal da terra, luz do mundo.

10 - O cumprimento da Lei (5, 17-20)

Em Mateus 5,17-20 encontramos versículos individuais que provavelmente foram ditos pelo Mestre em ocasiões outras e que Mateus os utiliza como uma introdução ao tema central para explicar a diferença entre a antiga e a nova justiça. Jesus veio para levar à perfeição a revelação da vontade divina, expressa apenas de modo imperfeito na antiga Lei. Ele veio para aperfeiçoar a antiga Lei. *"Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas consumir."* (Consumar aqui significa aperfeiçoar, aprofundar, completar).

11- A radicalização da Nova Lei (5, 21-26)

Com toda a autoridade de Supremo Legislador, Ele usa as expressões: ouvistes o que foi dito.... Eu, porém, vos digo... seus preciosos ensinamentos levam à radicalização da Nova Lei. Exemplo disso é o mandamento antigo de não matar que agora é levado à exigência da nova lei de nem sequer magoar o próximo. Os três binômios: cólera-

juízo; patife-tribunal; tolo-inferno, são enunciações de caráter paradoxal, típicas da linguagem oriental e bíblica que devem ser interpretadas e não tomadas ao pé da letra.

12 - Os maus desejos (5, 27-30)

É necessário resistir aos maus desejos, ao pecado e às situações que possam propiciá-los. A imagem de arrancar o olho e cortar a mão é extremamente forte. Ela faz lembrar a decisão do médico que, para salvar uma vida, não receia amputar o membro que levará o paciente a óbito. Assim também devemos cortar pela raiz tudo o que nos seduz e atrai, mas que esconde o mal que nos levará à perdição.

13 - O divórcio (5, 31-32)

A lei de Moisés tolerou o divórcio por causa da "dureza do coração." A disposição legal, que ao permitir o divórcio exigia uma certidão oficial (libelo de repúdio), está registrada em Dt 24,1. A legislação antiga era muito tolerante com o homem e implacável com a mulher. Jesus coloca ambos no mesmo nível e estabelece as características essenciais do matrimônio: indissolubilidade, unidade e fecundidade.

14 - O juramento (5, 33-37)

A prática do juramento, muito comum a todos os povos, consistia em proclamar Deus como garantia da verdade. Esse costume cercou-se de abusos e desrespeito e o perjúrio era fato comum. O que é jurar e perjurar? Jurar é invocar Deus como testemunha daquilo que precisamos afirmar. Perjurar é usar o Santo nome de Deus para apoiar uma mentira, uma falsidade. O perjúrio é uma blasfêmia, pois apresenta Deus como falsa testemunha. Que o ser humano tenha a hombridade de dizer sim, quando for sim, e dizer não, quando for não. A necessidade de jurar revela tibieza e inconstância do homem. O perjúrio é muito mais comprometedor que o juramento, como já afirmavam os essênios.

Para a troca de ideias:

A - Destacar um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros explicando o motivo de sua escolha. Ex: O batismo de Jesus (3,13-17).

B - O que aprendemos a respeito das tentações sofridas por Jesus? E nós, como lutamos para vencer as tentações pelas quais passamos?

C - Bem-Aventuranças; o que elas significam em sua vida

Ilustrando nosso tema:

A - AS TENTAÇÕES

A tentação se manifesta sedutora, procurando nos conduzir pelos caminhos da desordem e do mal. Ela é território de satanás, também chamado espírito impuro (Mt 12,43); príncipe do mundo (Jo 12-31). Satanás, diabo ou demônio é o divisor, o acusador, o separador... Desde os primórdios ele, na forma de serpente, com astúcia e mentiras logrou transtornar a ordem divina e conseguiu tirar do homem sua amizade com Deus.

A missão de Jesus se concentra na vitória contra Satanás, isto é, "destruir as obras do pecado" (1 Jo, 3,8); "livrar do poder das trevas" (Cl 1,3) e destruir pela morte aquele que tinha o império da morte, ou seja, Satanás.

A tentação por ser um atrativo que conduz ao mal, nunca pode ser atribuída a Deus. "Deus é inacessível ao mal e não tenta ninguém." (Tg 1, 13) O fato de Satanás tentar Jesus para saber se ele era realmente o Messias é prova de que a ele não foi dado todo o conhecimento, todo o poder.

Jesus foi tentado de três formas pelas quais somos também subjugados: a gula, que nos leva a excessos no comer e no beber; a soberba, que nos leva a pensar e agir como se fôssemos superiores aos outros e a obsessão pela riqueza, que nos leva a dar valor ao ter em detrimento do ser.

B - AS BEM-AVENTURANÇAS

Bem-aventurado é expressão que significa voto de bênção, de paz, de felicidade. As Bem-aventuranças, como já dissemos, são "O Evangelho dos Evangelhos."

Em comparação com o espírito da Lei antiga, cujo fundamento era a observância exterior, elas apresentam a síntese de toda a nova justiça e são a interpretação mais elevada da lei de Deus, cuja essência é o AMOR. Antítese do modo de viver no mundo, elas oferecem uma norma de vida para todos aqueles que desejam seguir Jesus na busca da verdadeira felicidade indicada por Ele.

As Bem-Aventuranças são o conjunto de ensinamentos que aperfeiçoa a lei dos Dez Mandamentos dados a Moisés e identifica a natureza espiritual do Reino de Deus que Jesus, o Novo Moisés, veio inaugurar em sua missão redentora. Esses ensinamentos apresentam as condições indispensáveis para que se possa alcançar o Reino na vida presente e na vida futura.

Em contraste com as promessas do mundo, Jesus proclama felizes os pobres, os humildes, os que choram, os que perseguem a justiça, os que se compadecem e usam

de misericórdia, e ensina que a primeira condição para fazer parte do Reino é não ser dominado pelos tesouros terrenos.

oOo

SEGUNDA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO MATEUS 5,38-42; 6; 7

- B) 1 - A vingança (5, 38-42)
- 2 - O ódio dos inimigos (5, 43-48)
- 3 - Sinceridade na esmola (6, 1-4)
- 4- Sinceridade na oração (6, 5-8)
- 5 - O Pai Nosso (6, 9-15)
- 6 - Sinceridade no jejum (6, 16-18)
- 7 - Os bens imperecíveis (6, 19-24)
- 8 - Não preocupar-se (6, 25-34)
- 9 - Advertências várias (7, 1-12)
- 10 - A porta estreita (7, 13-14)
- 11 - Qual árvore, tais frutos (7,15-20)
- 12- Fazer a vontade do Pai (7,21-23)
- 13 - Construir sobre a rocha (7, 24-27)
- 14 - A multidão se admira (7, 28-29)

1 - A vingança (5, 38-42)

Entre os povos primitivos a ideia de vingança chegava à barbárie. Os castigos eram terríveis e a crueldade com que tratavam o inimigo ia muito além da falta cometida. A lei do talião "Olho por olho, dente por dente", incluída no código mosaico, foi um avanço social, ético e jurídico, pois estabeleceu que o castigo não poderia ser maior que o delito, evitando, assim, as terríveis disputas e rixas entre famílias e clãs que chegavam a praticar atos desumanos e selvagens.

Em relação à lei da vingança, Deus com pedagógica paciência usou do tempo para ir moldando a consciência civil e moral de seu povo. Sem negar a lei da vingança, o Senhor procurou fazer compreender que só Ele era capaz de satisfazer na justa medida a essa exigência. Em Levítico 19, 18 lemos "Não tomarás vingança nem guardarás rancor contra os teus concidadãos. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor."

2 - O ódio aos inimigos (5, 43-48)

Nos versículos que se seguem até o final do capítulo 5, vamos nos deparar com os ensinamentos de Jesus propondo um altíssimo ideal de vida no qual a caridade não pode encontrar limites nem barreiras. Para o cristão não deve existir a ideia de inimigo... Todos devem ser próximos uns dos outros. Todos são filhos do único PAI e irmãos em Cristo. Assim deve ser a família do Senhor, o Povo de Deus.

3 - Sinceridade na esmola (6,1-4)

Jesus não rejeita a esmola ou as boas obras feitas aos olhos dos homens. O que Ele condena é a vaidade, o orgulho manifestado por aquele que faz o bem apenas para ser visto e receber elogios, como o faziam os fariseus de sua época. A esmola é uma das obras de justiça mais mencionadas e respeitadas no Antigo testamento. A imagem hiperbólica "...não vás tocando trombeta" ridiculariza a forma da ostentação e publicidade nas obras de beneficência.

4 - Sinceridade na oração (6, 5-8)

Jesus se refere à oração dos "hipócritas" e dos "gentios" que não servem de modelo para seus discípulos. O termo "hipócrita" na linguagem antiga profana significava "ator", ou seja, o artista que representava um papel. No campo ético-religioso, hipócrita é aquele que finge ser o que, na realidade, não é. Os gentios, com prolixa verbosidade, própria da oração pagã, achavam que, cansando os deuses com extensas e repetitivas falas, alcançariam tudo o que desejavam. A finalidade da oração não é informar Deus das nossas necessidades e muito menos cansá-Lo com nossas infinitas petições. Ele, muito mais que nós mesmos, sabe das nossas reais necessidades. Jesus nos ensina que a oração é um encontro do Pai com seus filhos, numa atmosfera de intimidade tal que o coração humano se abre para o diálogo com Deus.

5 - O Pai Nosso (6, 9-15)

Chegamos ao capítulo 5, 9-15, quando Jesus, a pedido de seus discípulos, ensina-lhes a rezar: Pai Nosso, que estais nos céus...

A oração do Pai Nosso, a mais bela e completa de todas as orações, nos é transmitida por Mateus e também pelo evangelista Lucas (Lc 11, 2-3). A Didaqué, livro de instrução e piedade cristã, que remonta ao final do século 1 dC, atesta: entre aqueles que abraçaram o cristianismo nascente, já havia o hábito fervoroso de recitar o Pai Nosso.

6 - Sinceridade no jejum (6,16-18)

O jejum constituía uma das mais importantes práticas religiosas do Judaísmo como ainda o é no Islamismo. No Antigo Testamento ele aparece como meio de afastar a ira divina, em época de grandes calamidades e também nas práticas fúnebres. No tempo de Jesus, o jejum era muito difundido. Além da abstinência alimentar e de bebidas ele proibia os atos de banhar-se e perfumar-se. Essa visibilidade do jejum é que foi condenada por Jesus.

7 - Os bens imperecíveis do céu (6, 19-24)

A respeito dos bens imperecíveis (6, 19-24), as sentenças de Jesus desejam ressaltar a opção entre os tesouros efêmeros desta terra e os tesouros eternos do céu. A verdadeira recompensa está nas coisas do céu *"onde nem a traça nem a ferrugem corroem"*. *"Não servir a dois senhores"*; o apego aos bens terrenos é um obstáculo que se interpõe entre o homem e Deus. O Mestre não condena possuir bens, mas deixar-se possuir pelas riquezas e fazer do dinheiro e do lucro a regra exclusiva da economia. A ganância pelo dinheiro é a principal causa das desordens que destoem a ordem social.

8 - Não preocupar-se (6,25-34)

O preocupar-se pelo dia de amanhã é uma necessidade real... Mas Jesus nos ensina a confiar na graça de Deus e nos entregar à Sua divina vontade, na certeza de que Ele jamais nos abandonará. A imagem das aves do céu e dos lírios do campo nos fala ao coração e é, com certeza, uma das mais belas figuras da literatura de todos os tempos.

9 - Advertências várias (7,1-12)

Em Mateus 7,1-12 as várias advertências são o corolário dos ensinamentos de Jesus. *"Não julgueis e não sereis julgados... Pedi e será dado... Por que olhas o cisco no olho do teu irmão... Não lanceis aos cães coisas santas"...* **"Tudo o que desejais que os homens vos façam, fazei a eles. Esta é a Lei e os Profetas"**. Guardemos no coração essas palavras. Elas constituem a **regra de ouro** das Sagradas Escrituras. Se no Antigo Testamento estava escrito *"Não faça aos outros o que não queres que te façam"*, no Novo Testamento, de modo positivo, Jesus expressa a lei do amor ao próximo, na mesma medida do amor que cada um tem por si próprio, ou seja, amar o próximo como a si mesmo. A expressão "a Lei e os Profetas" abrange todo o Antigo Testamento. Textos tão preciosos, sejam lidos com o coração para introjetá-los e aceitá-los como verdadeiras lições de vida.

10- A porta estreita (7,13-14)

Até o término do Primeiro Livro, seguem-se as primorosas lições de Jesus, o Mestre divino. A porta estreita refere-se às inúmeras dificuldades que o discípulo de Cristo terá que enfrentar quando insiste em pôr em prática seus ensinamentos. A natureza humana, inclinada ao mal desde o desvio de sua origem, com grande dificuldade e a preço de muito sacrifício e renúncia, consegue praticar as virtudes necessárias para integrar o Reino de Deus na terra. Mas a graça sempre alcança aqueles que lutam para ser dignos das promessas de Cristo. A porta é estreita, mas o amor de Deus, com certeza, ajuda a ultrapassá-la.

11- Qual a árvore tais frutos (7,15-20)

Pelas atitudes é que se conhece as pessoas. A boa árvore dá bons frutos... O reino dos céus pertencerá àqueles que fizerem a vontade do Pai... O nosso verdadeiro tesouro serão as boas obras que praticarmos. Tudo fica. Somente a caridade, essência do amor, nos acompanhará rumo à eternidade de Deus. Aqui, Jesus pede nossa atenção para distinguir os profetas verdadeiros dos falsos profetas. Esses se apresentam como mensageiros divinos, mas são lobos vorazes em pele de cordeiro. Revestidos do hábito exterior de apóstolos, diligentemente, abrem a porta para uma vida sem compromisso e promovem a idolatria do dinheiro. Quando o Cristo vier em sua glória, serão banidos de Sua presença.

12 - Fazer a vontade do Pai (7,21-23)

Kirie, Kirie (Senhor, Senhor) é a fórmula como a Igreja primitiva expressava sua fé no Cristo Ressuscitado. Também nós, em nossas liturgias, usamos o Kirie eleison (Senhor, tende piedade de nós). Mas não basta apenas fazer uso das palavras. É preciso projetá-las em nossos corações e vivê-las.

13 -Construir sobre a rocha (7, 24-27)

No seu PRIMEIRO LIVRO, evangelista encerra as exortações de Jesus com uma imagem bastante significativa: a casa construída na rocha em contraposição à casa construída na areia. O discípulo de Jesus deve ser uma pessoa sábia que edifica sua vida em bases sólidas. À pessoa que escuta e procura pôr em prática os ensinamentos do Mestre, Ele, com AUTORIDADE, mostrará o caminho que nos conduz à casa do Pai.

14 - A multidão se admira (7,28-29)

O povo se admirava com as palavras de Jesus porque percebia a diferença do conteúdo de seus ensinamentos em comparação com as exposições dos doutores da Lei. Jesus não apenas explicava a Sagrada Escritura; Ele "**a consumou**", isto é, levou-a à perfeição ao ministrar um ensinamento próprio. Somente Ele, investido da suprema autoridade, seria capaz de fazê-lo.

Sugestão para troca de ideias:

1 - Destacar um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros e explicar o motivo da sua escolha.

2 - Como fazemos nossas orações? Se Deus, muito mais que nós mesmos, sabe de todas as nossas necessidades, por que temos que pedir?

Ilustrando nosso tema:

ORAÇÃO DO PAI NOSSO

"Nada se compara em valor à oração; ela torna possível o que é impossível, fácil o que é difícil. É impossível que caia em pecado o homem que reza." Magníficas palavras de São João Crisóstomo!

O Pai Nosso, ensinado pelo próprio Jesus, é a mais bela e completa das orações. Com razão, Tertuliano, escritor dos primórdios da era cristã, dizia que o Pai Nosso era o compêndio de todo o Evangelho.

O Antigo Testamento, muitas vezes para salvaguardar a absoluta majestade e transcendência de Javé, acentuou aspectos "terríveis" da majestade divina. Entretanto, imprimiu na consciência de Israel marcas indeléveis da imagem confortadora do Deus único, que sempre olhou com paternal solicitude em favor de seu povo.

Deixemos que o profeta Oseias nos fale ao coração: "A Efraim (Israel) eu ensinava a andar; tomava-o em meus braços, mas não compreenderam que eu cuidava deles. Segurava-os com laços humanos, com liames de amor. Fui para eles como aquele que carrega uma criança no colo; inclinava-me sobre eles para lhes dar de comer." (Os 11,3-4). Todas essas palavras eram o prenúncio do que haveria de ser explicitado no Novo Testamento. Com Jesus, as portas se abrem, pois Ele nos apresenta o amor paterno de Deus que não mais se limita ao povo de Israel; o amor de Deus, um amor de pai, se estende a todos os homens de todos tempos. PAI NOSSO...

PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉUS - Deus está em toda a parte, mas no céu está a manifestação de Sua Glória.

SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME - "santo, santo, santo é o Deus do universo"

VENHA A NÓS O VOSSO REINO - o reinado de Deus no mundo é a vivência da graça e se manifesta através da Igreja cristã, comunidade de fé.

SEJA FEITA A VOSSA VONTADE ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU - rogamos que a vontade do Pai seja feita aqui na terra da mesma forma que é plenamente vivida no céu.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE - ensina-nos a viver sem aquela necessidade de acumular bens terrenos... "A cada dia basta o seu cuidado."

PERDOAI-NOS AS NOSSAS OFENSAS - depois das necessidades materiais, rogamos pelo bem espiritual: a remissão dos nossos pecados.

ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO. - (único pedido que apresenta uma condição: que Deus nos livre de nossa carga moral na mesma medida em que vivemos o perdão. Não podemos pedir ao Pai Celeste o que negamos ao nosso irmão.

E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO - não pedimos que afaste de nós a tentação, mas sim que nos ajude a ter forças para não sermos seduzidos pelos descaminhos da vida.

MAS LIVRAI-NOS DO MAL - complementando o pedido anterior, rogamos a proteção de Deus no combate que nos aflige e atinge também toda a humanidade.

Os protestantes finalizam a oração do Pai Nosso dizendo; "Vosso é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amem". Essa aclamação litúrgica, que nós católicos utilizamos nas celebrações cristãs, está documentada no capítulo 8 do livro Didaqué, escrito no final do século I da era cristã.

CAPÍTULO IV – SEGUNDO LIVRO

OS MISSIONÁRIOS DO REINO

MATEUS (8 – 11, 1)



A FÉ DO OFICIAL ROMANO (8, 5-13)

No SEGUNDO LIVRO de seu Evangelho, Mateus apresenta a atividade taumatúrgica do Mestre como se se desenrolasse ao longo de "uma viagem", rumo a Jerusalém. O percurso dessa viagem ideal é mostrado em três conjuntos de milagres: NA MONTANHA: a cura do leproso, do servo do centurião e da sogra de Pedro; EM CAFARNAUM: à região dos Gardarenos, a tempestade no lago aplacada, a cura dos endemoniados de Gardara na Decápole e cura do paralítico de volta a Cafarnaum; PELOS ARREDORES DE CAFARNAUM: a ressurreição do filho de um notável, a cura da hemorroissa, a cura dos dois cegos e do endemoniado.

Na figura do Mestre "missionário" percorrendo estradas e levando sua obra de salvação a uma humanidade carente no corpo e na alma, na figura emblemática de Jesus Cristo, mais tarde, deverão se inspirar os que forem escolhidos para anunciar a vinda do Reino "às ovelhas de Israel". Nos nossos dias uma "Igreja em Saída", como anuncia nosso Papa Francisco, tem a mesma função missionária de levar a todos a Boa Nova do Reino de Deus. O cristão é um missionário de Cristo.

O SEGUNDO LIVRO SERÁ APRESENTADO EM DUAS PARTES:

PRIMEIRA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO MATEUS 8; 9 1-17

- 1 - A cura do leproso (8, 1-4)
- 2 - A fé do oficial romano (8, 5-13)
- 3 - Na casa de Pedro (8,14-17)
- 4 - Exigências da vocação (8,18-22)
- 5 - A tempestade acalmada (8,23-27)
- 6 - Os possessos de Gádara (8,28-34)
- 7 - A cura do paralítico (9,1-8)
- 8 - A vocação de Mateus (9,13)
- 9 - O antigo e o novo (9,14-17)

Texto de apoio:

- 1 - A cura do leproso (8,1-4)

Começa o primeiro ciclo de milagres de Jesus. Ao colocar a cura do leproso logo após o sermão da montanha, Mateus nos faz compreender que o "poder" de Jesus abrange

tanto sua doutrina como suas obras. Ele veio, não para abolir a Lei e sim, para aperfeiçoá-la. Esse texto mostra o grande respeito que o Mestre tinha pela Lei: ...*"Vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferenda prescrita por Moisés como prova de tua cura"*. Na antiga Lei, o sacerdote desempenhava também a função de oficial da saúde, principalmente nos casos de lepra. Essa doença terrível obrigava o doente a isolar-se e era considerada castigo infringido ao pecador. Quem tocasse num leproso contrairia a mesma impureza legal. Ao tocá-lo Jesus mostra sua compaixão pelo enfermo, muito acima dos ditames da Lei. No caso de cura de um leproso, com o aval do sacerdote, ele poderia voltar ao convívio da família e era readmitido na vida social.

2 - A fé do oficial romano (8,5-13)

Uma das mais belas lições de fé encontramos nesse texto do Evangelho. Diante do centurião romano cheio de fé, dignidade e humilde postura, Jesus, muito admirado, exclamou: *"Em verdade vos digo, não encontrei esta fé em ninguém de Israel"*. É numa fé como essa que devemos nos espelhar.

Chama-nos a atenção Mateus colocar a cura do servo de um oficial romano pagão, logo após a cura de um leproso israelita. Podemos, com isso, interpretar que a salvação oferecida em primeiro lugar ao povo eleito do Antigo Testamento, em Jesus Cristo, ela se estende aos pagãos vindo do Oriente e do Ocidente, isto é, todas as nações do mundo são convidadas a participar do banquete celeste, como o **novo povo de Deus**.

3 - Na casa de Pedro (8,14-17)

A casa de Pedro tornou-se o refúgio onde Jesus irradiou sua ação didática e taumatúrgica curando a sogra do anfitrião e de outros doentes e "endemoniados" que vieram em busca da cura e libertação. Eles chegaram no fim da tarde porque, sendo dia de sábado, as pessoas só poderiam levar seus enfermos após o pôr-do-sol, quando cessava a lei do repouso sabático. O Evangelista lembra a profecia de Isaias sobre "o Servo de Javé" que "maltratado por causa de nossas transgressões... nos tirou as enfermidades e nos levou as doenças". Com o texto sobre a casa de Pedro, termina a primeira etapa dos milagres de Jesus (NA MONTANHA).

4 - Exigências da vocação (8, 18-22)

O duplo episódio do escriba disposto a seguir o Mestre e do discípulo que pede um prazo para acompanhá-Lo, recebe enérgica resposta de Jesus. Ao primeiro, Jesus alerta para o contraste de suas vidas: Ele, o "Filho do homem", vive na mais extrema pobreza enquanto o doutor judaico e seus seguidores estão acomodados, numa vida

cheia de honras e segurança. Como é difícil trocar os bens terrenos pelas propostas do Reino dos Céus! Ao segundo, Jesus quer inculcar no discípulo a urgência de seu chamado. O tempo urge... o Reino já está às portas. Com as palavras "*Segue-me e deixe que os mortos enterrem os mortos*", Jesus estava dizendo: "eles podem enterrar seus mortos corporais. Como meu discípulo, você tem algo mais importante que as obrigações de família. Eu o escolhi para plantar o Reino de Deus no coração dos homens a fim de que alcancem a vida divina." Fica a lição: aquele que deseja ser discípulo de Jesus deve abraçar o ideal proposto pelo Mestre e estar pronto para responder ao Seu chamado.

5 - A tempestade acalmada (8, 23-27)

Começa aqui o segundo ciclo de milagres de Jesus.

Aqui começa a segunda série dos milagres narrados na viagem missionária do Salvador. O lago de Genesaré está a 212 m abaixo do nível do mar e, normalmente, envolto de ar quente. Das geleiras do monte Hermon, com seus 3.000 metros de altura, descem os ventos frios que, ao encontrarem os ares quentes do lago, provocam vendavais e tormentas, impossíveis de serem detectadas pelos instrumentos meteorológicos. Certamente foi uma dessas tempestades que surpreendeu os discípulos e que deu oportunidade de Jesus aplacar a tormenta. Ele intimou aos ventos e ao mar; imediatamente fez-se a calmaria. O extraordinário acontecimento presenciado pelos discípulos deixou-os atônitos. Quem era Aquele que até os ventos e o mar obedeciam? Podemos também nos indagar: quem é Jesus Cristo para nós?

6 - Os possessos de Gádara (8, 28-34)

Esse episódio, considerado um dos mais desconcertantes de todo o Evangelho, nos leva a ver o soberano domínio de Jesus sobre as forças de Satanás e também mostra o começo da salvação oferecida aos pagãos. Sua narração, com algumas diferenças, é encontrada nos evangelhos sinóticos de Marcos (Mc 5,1-20) e em Lucas (Lc 8, 26-38), que nomeiam os gerasenos, habitantes de Gerasa, a grande metrópole da Decápole. Gádara, uma das cidades da Decápole, ficava situada a poucos quilômetros do lago de Tiberíades e era chamada pelo historiador José Flávio de "metrópole da Pereia." Os habitantes da região, os gadarenos, eram, na maioria, pagãos. Eles criavam porcos; isso era proibido aos hebreus que consideravam impuros esses animais. Satanás se dirige a Jesus reconhecendo-O como o "Filho de Deus" e teme o infinito poder daquele que veio em nome do Senhor. De fato, Jesus veio para destruir o reinado de Satanás que tenta barrar todos os caminhos da salvação. A libertação dos poderes demoníacos

que escravizavam aqueles homens, representa a obra messiânica de Jesus: Ele é o Salvador. A manada de porcos que se atira ao mar, no plano teológico, lembra a queda de Satanás do alto dos céus e, no plano histórico, o desaparecimento do faraó e de seu exército na travessia do mar Vermelho (Ex 14, 28). Os habitantes da cidade ao pedirem que Jesus se retirasse da região, significa que eles ainda não estavam preparados para receber os ensinamentos do Mestre. Era ainda prematuro o tempo da conversão dos gentios... Jesus, mostrando paciência e discrição, atende o pedido dos gadarenos e deixa aquele lugar. À proposta de Deus é necessário que haja a resposta do ser humano. Nós precisamos estar atentos às propostas que Deus nos faz.

7 - A cura do paralítico (9,1-8)

Todo o material didático e narrativo sobre as atividades de Jesus, narrado no capítulo 9, acontece em torno da cidade de Cafarnaum. Mateus a menciona como "cidade" de Jesus. De fato, ao deixar Nazaré, onde viveu por trinta anos, Jesus escolheu Cafarnaum como centro de seu trabalho messiânico na Galileia.

Ao perdoar as faltas do paralítico, Jesus manifesta seu divino poder de perdoar os pecados. Ouvindo Jesus dizer: *"os pecados te são perdoados"* alguns escribas ali presentes o condenaram como blasfemo... Jesus estava atribuindo a si um poder que era exclusiva prerrogativa de Deus. Em sua própria defesa, Jesus, mediante o exercício de um poder divino visível, cura o paralítico e afirma a verdade de outro poder divino invisível - a remissão dos pecados. A multidão, cheia de espanto, glorifica a Deus, porém não atina com o sinal desse milagre revelador da divindade de Jesus. Termina aqui o segundo ciclo dos milagres de Jesus. (EM CAFARNAUM)

8 - A vocação de Mateus (9, 9-13)

Jesus veio, não para chamar os justos, mas conquistar os pecadores. A vocação do publicano Mateus era motivo de escândalo para os fariseus. Na literatura rabínica os "publicanos" se dedicavam a um trabalho condenado, a uma atividade ímpia e classificada no elenco das profissões desonestas. Os coletores de impostos, sob o ponto de vista ético-religioso, eram colocados na mesma categoria dos prevaricadores, dos transgressores da Lei e considerados verdadeiros inimigos de Deus e de seu povo. O banquete que o futuro apóstolo oferece aos ex-colegas, a Jesus e seus discípulos, marca a seriedade da sua resposta definitiva ao chamamento do Mestre de Nazaré. Na convivência com os publicanos e pecadores, Jesus personifica a misericórdia e desaprova o legalismo dos fariseus que os torna insensíveis às necessidades do espírito.

9 - O antigo e o novo (9, 14-17)

Os discípulos do Batista levavam uma vida de oração e penitência. Seu ideal religioso de estrita observância tinha pontos em comum com o ideal dos fariseus. Muitos deles tornaram-se seguidores de Jesus. Esse movimento teve seu término no século II. Para imbuir-se da novidade do Evangelho, Jesus fala a linguagem dos exemplos e das metáforas. Sobre o remendo de pano novo na veste velha, ele quis dizer: "Meus discípulos não usam mais a velha veste ou as práticas exteriores do Judaísmo, mas abraçam a nova ordem do Reino messiânico. A Igreja que está nascendo não da sinagoga, mas do Espírito Santo, com a nova mentalidade de vida interior, não se amolda a essas práticas penitenciais e purificações exteriores, nem aos prejuízos e prescrições arbitrárias dos fariseus; ela alarga e expande as fronteiras da fé a todos os povos." Quanto ao mosto da uva que não pode ser colocado em barris velhos, para não perder o vinho nem os barris, Jesus queria dizer: "O vinho da religião renovada só cabe nos odres da nova mentalidade. Assim os dois valores se conservam. "

Sugestão para a troca de ideias:

A - Destacar um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros explicando o motivo de sua escolha.

B - As palavras do Centurião foram consagradas pela nossa liturgia: "Senhor eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo". (8, 5-13). O que você mais admira na personalidade do centurião?

Ilustrando nosso tema:

ELE NOS TIROU AS ENFERMIDADES

A origem do mal físico é uma das grandes dificuldades de ser entendida pela humanidade de todos os tempos. No antigo Oriente pensava-se que o mal era domínio dos espíritos malignos, invejosos da felicidade humana ou então era proveniente de alguma divindade enraivecida contra o homem, devido às culpas rituais por ele cometidas. Para aliviar essa situação, o remédio era o exorcismo, cuja finalidade consistia em expulsar os espíritos malignos que debilitavam os enfermos. Para isso, usavam práticas mágicas e recitavam orações especiais para aplacar a ira da divindade ofendida.

No judaísmo pós-exílio, atribuiu-se às potências diabólicas a causa das doenças e dos males que afligiam o homem e eram considerados sinais visíveis da presença satânica no mundo.

Todavia, na revelação divina, a ligação percebida pelo senso religioso comum, entre a doença e a culpa, entre os males e o poder satânico, é consequência de uma culpa moral, e não ritual, que atraiu para a humanidade toda sorte de males e desgraças.

Em sua missão salvífica Jesus sabia que viera trazer conforto não para os sadios, mas para os doentes e aos que Lhe pediam socorro, Ele os acolhia com infinita ternura e misericórdia. Rejeitando a acanhada interpretação da doutrina em voga de sua época, Jesus, com muita clareza, divisa no mal físico um produto do mal moral e um sinal do poder de Satanás. A cura dos doentes, a libertação dos possessos... enfim, todos os milagres por Ele realizados foram a antecipação de Sua obra redentora realizada no madeiro da cruz, quando Ele " tomou sobre si as nossas enfermidades."

O MAL EM SUA ORIGEM

Deus, que fez o Universo, criou todas as coisas com ordem, equilíbrio e sabedoria. Contemplando sua obra viu que tudo estava muito bom. Podemos indagar: E o mal? De onde vem o mal? O mal não está na criação de Deus; não tem nela sua origem.

Deus confiou ao homem o domínio sobre a terra e sobre todas as criaturas inferiores; acolheu-o em sua intimidade e Lhe ofereceu seu amor, sua amizade. Apesar de singularmente favorecido, o homem permaneceu "criatura" submetida ao seu Criador. Entretanto, depois de conhecer o paraíso, ele não quis reconhecer acima de si o Criador, Senhor de sua vida e norma de sua conduta, de seu agir. Ele, seduzido pela serpente - incorporação do mal - rompeu o equilíbrio da criação. O fruto da árvore do bem e do mal é o símbolo dessa ruptura. Ceder às insinuações do maligno o remeteu ao primeiro pecado que provocou uma profunda ruptura com Deus e consigo mesmo.

A origem de todos os males está no homem que, cedendo à tentação, voltou as costas para Deus. A humanidade decaída carrega o peso de seu afastamento de Deus.

"Depois da queda o homem não foi abandonado por Deus. Ao contrário, Deus o chama e Lhe anuncia de modo misterioso a vitória sobre o mal e o soerguimento da queda. Esta passagem do Gênesis foi chamada de "Proto-Evangelho", por ser o primeiro anúncio do Messias Redentor, a do combate entre a serpente e a Mulher e a vitória final de um descendente desta última.

A tradição cristã vê nesta passagem um anúncio do "Novo Adão", o qual, pela sua "obediência até à morte de Cruz" (Fl 2,8) repara com superabundância a desobediência de Adão. De resto, numerosos Padres e Doutores da Igreja veem na mulher anunciada no "Proto-Evangelho" a mãe de Cristo, Maria, como a "nova Eva". Foi ela que, por primeira e de forma única, se beneficiou da vitória sobre o pecado, conquistada por

Cristo: ela foi preservada de toda a mancha do pecado original e durante toda a vida terrestre, por uma graça especial de Deus, não cometeu nenhuma espécie de pecado." Texto extraído do Catecismo da Igreja Católica (410, 411).

Em sua Carta aos Romanos (5, 18-19) São Paulo escreve: "Assim, pois, como pelo delito de um a condenação se estende a toda a humanidade, assim por uma ação reta se estende a todos os homens a sentença que concede a vida. Como pela desobediência de um todos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um todos se tornarão justos."

oOo

SEGUNDA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO MATEUS 9, 18-38; 10,1-39

Começa o terceiro ciclo de milagres de Jesus

- 1 - A mulher curada e a menina ressuscitada (9, 18-26)
- 2 - Os dois cegos e o mudo endemoniado (9,27-34)
- 3 - A colheita é grande (9,35-38)
- 4 - Os doze apóstolos (10,1-4)
- 5 - Enviados à casa de Israel (10,5-10)
- 6 - Anunciar a paz (10,11-15)
- 7 - A sorte dos mensageiros do Evangelho (10,16-25)
- 8 - Longe todo o temor (10, 26-33)
- 9 - Pró ou contra Cristo (10, 34-39)
- 10 - Acolhida e prêmio (10, 40-42)
- 11 - Conclusão (11, 1)

oOo

Texto de apoio:

- 1 -A mulher curada e a menina ressuscitada (9, 18-26)

Quando Jesus voltava para Cafarnaum, foi-Lhe ao encontro um chefe de sinagoga e, prostrando-se diante do Mestre, rogou que ele ressuscitasse sua filha. Em Marcos (5,21-43) e em Lucas (8,40-56) tratava-se de Jairo, que ocupava o mais alto posto religioso do lugar. Cada comunidade judaica era dirigida por duas administrações: uma civil, chefiada pelos anciãos, e outra religiosa, presidida pelo Conselho da sinagoga. Jairo pertencia a esse grupo responsável pelo culto público em Cafarnaum. Atendendo

ao seu pedido Jesus o acompanha. No caminho, uma cena comovente: em meio à multidão, a mulher hemorroíssa, cheia de confiança e fé, sabe que para ser curada basta tocar o manto de Jesus. "*Filha, tua fé te salvou*". Tanto na cura do parálítico (9,1-8) como na cura dessa mulher, o Evangelista associa a cura corporal com o perfil espiritual da salvação. Na casa de Jairo estavam os flautistas e as carpideiras, indispensáveis no ritual fúnebre judaico e de outros povos. As músicas dos flautistas eram lúgubres, fúnebres... O choro e gritos lamuriosos das carpideiras pranteavam a falecida. "Ela está dormindo"... As mesmas palavras usadas por Jesus, ao ressuscitar o amigo Lázaro.

2 - Os dois cegos e o mudo endemoniado (9,27-34)

A expressão "Filho de Davi" era usada para designar o Messias. Era do conhecimento de todos que o Messias esperado viria da linhagem do rei Davi. Os cegos, que conheciam Jesus através de seus milagres, estavam persuadidos de que Ele era realmente o Messias prometido e que tinha o poder de curá-los. Confirmada a fé daqueles dois homens, Jesus os curou dizendo: "*Faça-se convosco segundo a vossa fé.*" Depois Lhe trouxeram um mudo endemoniado. O mutismo era consequência da possessão. Expulso o demônio, o homem começou a falar. A acusação dos fariseus realçava a desonestidade intelectual deles que não se deram por vencidos nem diante da evidência dos fatos nem na espontânea admiração do povo - testemunha das maravilhas realizadas por Jesus.

3 - A colheita é grande (9,35-38)

A visão dessa multidão tão sofredora, tão carente no corpo e na alma, despertou em Jesus o sentimento da compaixão. Como sabemos, compaixão significa com paixão, isto é, sentir com o outro, colocar-se no lugar do outro. E foi com esse sentimento que Jesus manifestou aos seus discípulos a necessidade de conquistar operários para trabalhar "na vinha do Senhor." A messe é grande ... os colaboradores são poucos... Com essa advertência o Evangelista prepara o terreno para o grande discurso de Jesus sobre o apostolado que veremos no capítulo 10. "Ovelhas sem pastor" é expressão muito usada no Antigo testamento, especialmente nos profetas Jeremias (Jr 23) e em Ezequiel (Ez34).

4 - Os doze apóstolos (10,1-4)

Dentre os discípulos que O seguiam, Jesus escolheu seus doze apóstolos e lhes deu o mesmo poder com o qual Ele próprio era investido. A palavra "APÓSTOLO" de origem

grega, significa enviado; doze é o número sagrado das tribos de Israel. O poder que lhes foi conferido, os apóstolos irão exercer sobretudo após a RESSURREIÇÃO, na sua definitiva missão de levar o evangelho até os confins da terra.

5 - Enviados à casa de Israel (10,5-10)

Ao enviar os Apóstolos, Jesus determinou o modo de exercer a missão que lhes fora destinada: O Evangelho tem como objetivo apresentar a chegada do Reino dos Céus e primeiramente será oferecido às "ovelhas perdidas da casa de Israel. Como os apóstolos devem se comportar? Sem ganância de lucro, com sobriedade, dedicação à missão de evangelizar e total abandono à Providência Divina. A advertência de não estender a atividade apostólica aos pagãos era porque a salvação messiânica iria alcançar os gentios e todos os povos da terra somente após a RESSURREIÇÃO de Jesus Cristo.

6 - Anunciar a paz (10,11-15)

A saudação da paz é usada no Oriente até os dias de hoje. Mas, nos lábios do mensageiro do Reino, esse cumprimento tem um significado muito maior que simples cortesia: trata-se da paz maior, que vem do Altíssimo. Ela é portadora das bênçãos divinas. Retornar a paz para quem a ofereceu e não encontrou aceitação da mensagem evangélica é uma sutil alusão à passagem do dom messiânico de Israel para os gentios. A expressão "sacudir a poeira dos pés" nos remete ao gesto do peregrino israelita que, ao retornar à Palestina, limpava os pés para não contaminar o sagrado solo de Israel com a poeira das terras pagãs.

7 - A sorte dos mensageiros do Evangelho (10, 16-25)

Ao serem enviados, a sorte dos discípulos não será melhor que a do Mestre. Eles serão perseguidos e duras penas sofrerão em sua missão de dar testemunho do Cristo e pregarem o Evangelho... O que significa ser prudente como as serpentes e simples como as pombas? As serpentes são o símbolo da prudência porque evitam confronto, a não ser que sejam provocadas. As pombas são simples, não têm malícia. Sábias palavras de São João Crisóstomo: "É mais grandioso transformar os lobos em ovelhas do que matá-los". Será exatamente essa a missão dos Apóstolos. O mundo anda por caminhos contrários aos caminhos de Deus. Aquele que deseja seguir o Cristo encontrará indiferença, desconfiança, perseguição. Isso acontece porque a vida correta dos bons incomoda a vida desonesta dos maus. De que lado nós estamos?

8 - Longe todo o temor (10, 26-33)

Jesus exorta os discípulos a se manterem corajosos na proclamação da Boa Nova, apoiados na certeza de que terão sempre o beneplácito de Deus. A salvação ou a condenação dependerá da atitude do homem perante Jesus. Isso nos faz lembrar a Lei do Talião: confissão por confissão; negação por negação.

9 - Pró ou contra Cristo (10, 34-39)

A expressão "Não vim trazer a paz e sim a espada", usada na linguagem bíblica, parece muito dura, mas deve ser entendida de modo positivo. As exigências do divino chamamento (vocação) provocam rupturas normais nas relações humanas e até familiares. Quem deseja ser discípulo de Jesus Cristo, como já dissemos, deve estar disposto a renunciar aos mais caros afetos, se houver risco para a vivência da fé. Tomar a cruz, segundo a linguagem cristã, significa seguir o Mestre até o calvário, imitá-Lo na dor e na morte. É muito provável que esse pensamento tenha sido acrescentado ao texto, depois da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

10 - Acolhida e prêmio (10, 40-42)

Estes últimos versículos de encerramento do II livro de Mateus, relativos à missão apostólica, fala do acolhimento dispensado ao mensageiro do Evangelho. De acordo com o Judaísmo, o encarregado encarna a própria pessoa do mandante. O mensageiro do Evangelho representa Jesus que o enviou, enquanto Jesus é como o Pai que o enviou ao mundo. Apesar de tão nobre missão, os discípulos do Mestre devem ser "pequeninos", pois deles é o Reino dos céus.

11 - Conclusão (11,1)

"Jesus partiu dali"... Essa é a fórmula usada ao término do livro e que será repetida algumas vezes. Significa que ao encerrar uma seção uma nova seção será apresentada.

Sugestão para a troca de ideias:

A - Destacar um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros, explicando o motivo de sua escolha.

B - Você acredita em milagres? Em sua vida já aconteceu algo de extraordinário e que você atribui ser um milagre de Deus?

Ilustrando nosso tema:

"Negado pelo racionalismo, que não admite o sobrenatural, o milagre é um fato extraordinário, operado por Deus, que ultrapassa as forças naturais e preternaturais. Portanto, só Deus é capaz de milagres. Os santos não passam de causas instrumentais: só realizam milagres em nome, isto é, no poder de Deus. Nunca em nome próprio. Nossa Senhora, em Medjugórie, advertiu que as orações dirigidas a ela são levadas a Jesus, e dEle ela nos alcança a graça que pedimos. Jesus realizou cinquenta milagres especificados. Não conseguimos saber o número exato porque os evangelhos às vezes dizem: "E Jesus curou a todos." (Mt 423). Jesus realizava milagres em nome próprio, com pessoas presentes ou ausentes, na natureza (mar, vento, pão, peixes) e em seres do além (demônios), bem como em mortos (Naim, filha de Jairo, Lázaro). Esses milagres manifestam que o Reino de Deus está presente em Jesus (Mt 12,28) e que Ele é o Messias anunciado pelos profetas. Jesus não veio ao mundo para abolir todos os males físicos, mas para oferecer aos homens os meios de libertar-se da maior escravidão que é a do pecado. Os santos, nossos mediadores, junto de Jesus, e o próprio Jesus nunca fizeram milagres em benefício próprio nem para satisfazer curiosidade (Lc 23-8-9).

A magia opera fenômenos preternaturais, nunca milagres (os magos de Faraó em Ex 7,8-13; Simão mago em At 8,9-11). A parapsicologia, usando as forças da sugestão, realiza pelo subconsciente fenômenos com aparência de prodígios em termos de adivinhações, feitiços, telepatias, aparições de mortos, falar línguas desconhecidas, levitação de mesa, isenção da lei da gravidade, vozes e ruídos sem causa aparente, objetos que voam, descobertas de doenças através de sensitivos, leituras fenomenais do inconsciente, operações astrais sem dor etc. Não são milagres. Tudo isso é cientificamente explicável dentro da ordem natural. Jesus não recorria a arte ou sugestão. Realizava os milagres com suma simplicidade, com uma única palavra de ordem, evitando todo sensacionalismo e usando apenas Seu poder como Deus que supera a ordem natural. Os milagres de Jesus são um convite à conversão e à fé em Sua missão, condições para se entrar no Reino. Revelam o comportamento de Jesus cheio de misericórdia em relação às misérias humanas. Se o homem endurecer o coração, não crendo no sinal que vê, o milagre torna-lhe mais profunda a cegueira do espírito, mais espessa as trevas da fé. Assim, vendo a ressurreição de Lázaro, os judeus "resolveram matar Jesus (Jo11,53); atribuem ao demônio o poder de Jesus (Mt 12, 24); expulsam da sinagoga o cego curado (Jo 9,34). O milagre é a imagem expressiva dos dons espirituais oferecidos por Cristo aos homens."

CAPÍTULO V - TERCEIRO LIVRO

OS MISTÉRIOS DO REINO

MATEUS (11,2 - 13,53)



O SEMEADOR (13, 3b-9)

Em seus capítulos enunciados no Terceiro Livro, Mateus apresenta uma coletânea de trechos exibidos num quadro das diferentes reações (surpresa, impaciência, incredulidade...) que a obra de Jesus provoca entre os que convivem com Ele. Ao final, mostra a dócil aceitação e confiança dos mais simples e humildes.

Nesse novo ambiente, onde predomina a desconfiança e mesmo a hostilidade, a pregação de Jesus necessita fazer-se misteriosa. Para não privar o povo de Israel da luz de seus ensinamentos, Jesus apresenta os diversos aspectos da realidade do Reino dos Céus através da linguagem figurada das parábolas e alegorias.

As parábolas, de modo velado mas compreensível, descrevem os aspectos misteriosos do Reino dos Céus que vigoram na boa terra; que está sujeito às emboscadas do Maligno; que guarda na sementinha uma árvore viçosa; que fermenta o mundo como o levedo; que é precioso como o tesouro escondido e valioso como a pérola rara; que congrega bons e maus à espera da justiça divina. Essas parábolas e as alegorias são preciosas lições de vida.

O TERCEIRO LIVRO SERÁ APRESENTADO EM DUAS PARTES:

PRIMEIRA PARTE - LER E MEDITAR DURANTE O MÊS OS TRECHOS APRESENTADOS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO

- 1 - A embaixada de João (11,2-6)
- 2 - O elogio de João Batista (11,7-15)
- 3 - João e Jesus, incompreendidos (11,16-19)
- 4 - Ameaças às cidades incrédulas (11,20-24)
- 5 - O Pai se revela aos pequeninos (11,25-30)
- 6 - As espigas e o repouso sabático (12,1-8)
- 7 - O homem da mão seca (12, 9-14)
- 8 - A mansidão predita por Isaías (12,15-21)
- 9 - O Reino de Jesus põe fim ao de Belzebu (12,22-30)
- 10 - A blasfêmia contra o Espírito Santo (12,31-32)
- 11 - Pelos frutos se distingue a árvore (12,33-37)
- 12 - O sinal de Jonas (12,38-42)

Texto de apoio:

1 - A embaixada de João (11,2-6)

Tema central de todo o Evangelho, o III Livro começa com o debate sobre o mistério de Jesus e o messianismo de suas obras. Diante da pergunta bem precisa do Batista, Jesus não responde diretamente; prefere a tática do "segredo messiânico"; não chama a atenção para sua pessoa, mas aponta para o reconhecimento de sua atividade messiânica: as **obras...** Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados... Todos os sinais (milagres) de Jesus atestam sua origem divina. Ele é o Messias anunciado pelos Profetas e esperado pelo povo eleito. Suas obras atestam sua messianidade.

2 - O elogio de João Batista (11,7-15)

Na história e na linguagem vétero-testamentária, "deserto," indo além de ponto geográfico, assume valores salvíficos de grande ressonância: o deserto acolheu o povo hebreu que, depois da escravidão no Egito, foi em busca da Terra Prometida (Êxodo); o deserto foi o caminho de regresso dos exilados da Babilônia (Is 40,3); o deserto foi cenário onde João Batista preparou a vinda do Messias...

Referindo-se ao Batista, Jesus lhe faz grande elogio; ninguém, nascido de mulher, é maior que ele. João Batista foi mais que um profeta. Foi um "superprofeta." Além de ser o arauto do Messias, o Precursor já fazia parte integrante no plano da salvação messiânica anunciada por todos os profetas. Escutemos o Profeta Malaquias: "Eu envio meu mensageiro à Sua frente, ó Messias, para preparar-Lhe o caminho de chegar aos homens" (Ml 3,1). Os profetas do Antigo Testamento vaticinaram um Reino distante, enquanto João Batista, fechando o Antigo Testamento, mostra a todos o Messias.

3 - João e Jesus incompreendidos (11,16-19)

Próprio de Mateus, esse trecho é uma das poucas parábolas que recebe uma explicação direta do Mestre. Diante da incoerência e capricho de seus conterrâneos, Jesus mostra que a Sabedoria divina triunfará e, através de suas obras, serão realizados os desígnios de Deus.

4 - Ameaças às cidades incrédulas (11,20-24)

As obras realizadas por Jesus eram provas convincentes de sua missão divina, já anunciadas pelos profetas do Antigo Testamento. Às cidades por onde passara

fazendo muitos milagres e que não se converteram, Ele as censurou duramente. Corosaim.... Betsaida: duas cidades próximas ao lago de Tiberíades. Corosaim, mencionada somente aqui e no texto paralelo de Lucas (Lc 10, 12-15), é identificada com as ruínas de khirbet kerásêh, a três km distante de Cafarnaum. Betsaida, identificada com as ruínas de Tell Hum, ficava na margem oriental do Jordão. Esta cidade foi reedificada por Herodes Filipe no ano 2 a.C., dando-lhe o nome de "Betsaida Júlia" em honra à filha de Cesar Augusto, imperador de Roma. As cidades fenícias de Tiro e Sidônia, situadas no litoral mediterrâneo, na antiguidade foram importantíssimas por causa de seu rico e poderoso comércio. ...Na literatura profética (Is 23, 1-14; Ez 26,28), Tiro e Sidônia eram descritas como símbolo da opulência e soberba... por esse motivo, foram objeto do castigo divino. Se, nessas cidades pagãs, de costumes corrompidos, tivessem sido feitos milagres como os presenciados pelo povo eleito, há muito tempo teriam se convertido...

5 - O Pai se revela aos pequeninos (11,25-30)

Podemos considerar esse trecho uma "pérola" preciosa do Evangelho de Mateus. Nele se realiza a excelência das tradições bíblicas. Analisemos as falas de Jesus: **Pai do céu e da terra, porque ocultastes....** a vontade do Senhor do universo não é excluir os sábios e entendidos dos mistérios do Reino, mas mostrar o caminho para alcançá-lo: simplicidade e humildade. **Tudo me foi entregue....** pela grande afinidade de linguagem e conteúdo com o IV Evangelho (João) essa passagem é conhecida como "meteorito" Joaneu e mostra o princípio que regula as relações existentes entre Jesus e o Pai. Jesus é aquele que recebe e o Pai é aquele que dá. Isso acontece tanto no plano da salvação que deve ser levado ao mundo, como no âmbito das relações trinitárias. **Ninguém conhece o Filho...** na linguagem bíblica não significa apenas uma expressão do intelecto: ela abraça todas as faculdades superiores, ou seja, intelecto, vontade, sentimento e sobremaneira o amor. **Vinde a mim....** Jesus chama a Si todos que estão sob o peso de suas dificuldades. **O meu jugo é suave e meu peso é leve.** Na linguagem rabínica jugo simbolizava a Lei. O jugo de Jesus é a lei do amor, do Reino dos céus que Ele, eternamente, anuncia e oferece aos seus adeptos. Ontem, hoje e sempre.

6 - As espigas e o repouso sabático (12,1-12)

O livro do Deuteronômio (23,26) ensina: "Quando entrares na plantação do próximo, poderás colher espigas com a mão, mas não poderás usar a foice". O que os discípulos de Jesus fizeram era permitido por explícita disposição da lei judaica. Diante

da reprimenda dos fariseus, Jesus argumenta, citando passagens das Sagradas Escrituras, como o exemplo de Davi e seus companheiros, que, esfomeados, comeram os chamados "pães da Face", destinados somente aos sacerdotes do templo; no sábado, os sacerdotes do templo, exercendo sua função transgrediam o repouso sabático, porém não incorriam em culpa alguma, porque estavam a serviço do Senhor. O ensinamento de Jesus aqui é afirmar que a lei, mesmo positiva, deve ceder diante da lei natural. A misericórdia deve prevalecer ao formalismo cultural que esvazia a Lei de seu conteúdo moral.

Proclamar-se maior que o templo e senhor do sábado foi uma blasfêmia intolerável aos ouvidos dos fariseus.

7 - O homem da mão seca (12,9-14)

Mostrando bom senso e realizando o milagre, Jesus enfrenta os fariseus e afirma que é lícito fazer o bem em dia de sábado. Decididamente, Jesus está fora da tradição ao desprezar os valores mais sagrados dos judeus. Reunidos no Conselho, os fariseus resolvem eliminá-Lo.

8 - A mansidão predita por Isaías (12, 15-21)

Diante das sinistras decisões do Conselho dos fariseus, a Jesus não resta outra alternativa senão afastar-se dali para evitar o plano de morte decretado por seus inimigos. A atitude de Jesus de afastar-se, para evitar brigas e disputas com seus adversários, propicia ao Evangelista citar as palavras proféticas de Isaías.

As expressões "caniço rachado" e "mecha fumegando" são imagens da fraqueza humana, mas nela se tem esperança de recuperação.

9 - O Reino de Jesus põe fim ao de Belzebu (12,22-30)

No milagre da libertação-cura do endemoniado mudo, os fariseus viram um conluio entre Jesus e os poderes diabólicos. À inacreditável acusação de demonismo, Jesus responde com uma série de argumentos que mostram o absurdo de tais acusações. A expulsão de Satanás pelo Espírito de Deus é sinal de que o reino satânico vai ser desbaratado diante da chegada do Reino dos céus. Portanto a obra do Messias está inserida na luta contra os poderes malignos; expulsar Satanás significa dar lugar à chegada da realeza divina no coração dos homens.

10- A blasfêmia contra o Espírito Santo (12,31-32)

O pecado contra o Espírito Santo é também descrito em Marcos (3,28-29) e em Lucas (12,10). A voluntária e obstinada cegueira dos fariseus diante da ação do Espírito Santo, mostrada nas obras do Messias, é apontada como o único pecado que não encontra perdão nem entre os homens nem junto a Deus; nem no tempo presente, nem no tempo futuro. Esse pecado não encontra o perdão por causa de sua natureza íntima: o homem, ao rejeitar categoricamente a luz oferecida por Deus, automaticamente se exclui da pertença ao Reino do céu. Portanto, não é Deus que não perdoa; é o homem que não quer ser perdoado. Dos fariseus que se posicionaram contra a ação do Espírito Santo, muitos se converteram através da pregação dos Apóstolos após o Pentecostes. Professor do Colégio Angélico de Roma, o Pe. Marco M. Sales traduziu a frase "não será perdoado" por "dificilmente será perdoado" porque, segundo o ensinamento do Catecismo da Igreja Católica (982), "Não há pecado algum, por mais grave que seja, que a Santa Igreja não possa perdoar. Não existe ninguém, por mau e culpado que seja, que não deva esperar com segurança o perdão, desde que o seu arrependimento seja sincero."

11 - Pelos frutos se distingue a árvore (12,33-37)

Encerrando a árdua polêmica com os fariseus, Mateus apresenta várias imagens usadas anteriormente, com as quais procura mostrar a mentalidade judaica. A árvore boa dá bons frutos.... Como poderiam dizer coisas boas se em seus corações guardavam tamanha prepotência e incredulidade? A expressão "raça de víboras" era usada por João Batista contra os judeus. A palavra nos desvenda, nos deixa a descoberto... é muito estreita a relação entre a fala e o que somos no mais íntimo de nós mesmos. Sejam "Bem-aventurados os puros de coração"...

12 - O sinal de Jonas (12, 38-42)

João Batista teve como resposta "os sinais" (milagres) que mostravam Jesus como o Messias esperado. Aos fariseus e escribas que esperavam algum prodígio sensacional capaz de atestar a autoridade divina reivindicada por Jesus, Ele lhes negou o pedido. Jesus sabia que o pedido deles não nascia do conhecimento da verdade, mas do estado de incredulidade preconcebida. Em resposta, Jesus lembra o profeta Jonas, cuja história é narrada no livro profético homônimo. Para muitos fora da Igreja esse livro é uma parábola, mas para outros é uma narração alcançada pelo milagre divino.

Sugestão para troca de ideias:

- 1 - Escolher um trecho do estudo, apresentá-lo aos companheiros explicando o motivo da escolha.
- 2 - Qual o seu entendimento sobre o pecado contra o espírito Santo?
- 3 - Qual o significado de "segredo messiânico"?

Ilustrando nosso tema:

ALGUÉM MAIOR QUE O TEMPLO (Mt 12,6)

"No mais vivo da polêmica levantada pelos fariseus a respeito do banal incidente das espigas arrancadas em dia de sábado, Jesus deixa escapar uma frase que é uma autêntica revelação, um jorro de luz que escancara por um instante o véu que envolve o mistério da sua pessoa: *"Eu vos digo: o que se dá aqui é maior que o templo."* (Mt 12,6).

O templo é o lugar sagrado em que a divindade se torna presente ao homem, recebe dele as homenagens do culto e, em troca, o torna partícipe dos seus bens e da sua mesma vida.

No Antigo Testamento, cuja concepção religiosa acentua sem parar a transcendência e inacessibilidade de Deus (Sl 115,3), o templo de Jerusalém, como outrora a Tenda da Aliança no deserto, era o sinal tangível da presença divina (shekináh), o ponto de encontro de Deus com seu povo; a ele acorriam "as tribos de Javé para cantar as glórias do Senhor" (Sl 122,4) e "contemplar a face de Deus" (Sl 42,3).

A "casa de Javé" constituía o sustentáculo de toda a vida de Israel: por ela vibravam os sentimentos mais profundos de sua alma religiosa (Sl 84,3) e dela irradiava sobre o povo "a graça e a glória" do seu Deus (Sl, 12).

A misteriosa afirmação de Jesus "o que se dá aqui é maior que o templo" se refere exatamente sobre essa doutrina do templo como sinal visível da divina presença. Este "algo" (ou alguma coisa) é a sua sagrada humanidade que realiza num modo incomparavelmente superior ao ideal da shekináh vétero-testamentária.

Seu corpo, com efeito, é o novo "templo" que, diferentemente do antigo, não está sujeito à profanação (Jo 2,21); é a nova tenda fixada entre os homens pelo verbo de Deus a irradiar como outrora na Tenda do deserto o esplendor (a glória) da divina presença "cheia de graça e verdade" (Jo1,14).

A humanidade de Cristo será, desde então, o ponto de encontro de Deus com os homens; por ela, tanto os vizinhos (judeus) quanto os distantes (não judeus) têm "o

acesso junto ao Pai" (Ef c2,18). Nela "habita toda a plenitude da divindade em forma corporal" (Cl 2,9).

Assim é a exortação da carta aos Hebreus: "Irmãos, temos ampla confiança de podermos entrar no santuário eterno em virtude do sangue de Jesus, pelo caminho novo que nos abriu através do véu, isto é, de sua carne... aproximemo-nos com um coração sincero na integridade da fé..." (Hb10, 19-22)

"Evangelho da Igreja, Segundo Mateus", escrito pelo Pe. Mario Zuchetto, css

SEGUNDA PARTE - LER E MEDITAR DURANTE O MÊS OS TRECHOS APRESENTADOS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO

- 1 - A recaída (12, 43-45)
- 2 - A verdadeira família de Jesus (12, 46-50)
- 3 - As parábolas do Reino (13, 1-3a)
- 4 - O semeador (13, 3b-9)
- 5 - Razão das parábolas (13, 10-17)
- 6 - A semente é a terra do Reino (13, 18-23)
- 7 - A parábola do joio (13, 24-30)
- 8 - O grão de mostarda (13, 31-32)
- 9 - O fermento (13, 33-35)
- 10 - Interpretação do joio no trigo (13, 36-43)
- 11 - O tesouro, a pérola e a pesca (13, 44-50)
- 12 - Coisas novas e velhas (13,51-53)

Textos de apoio:

- 1 - A recaída (12, 43-45)

Quando Jesus diz que os espíritos malignos andam por lugares áridos, Ele está usando uma expressão própria da linguagem de seu tempo. As pessoas acreditavam que as ruínas e lugares desertos eram habitação do demônio. A casa reocupada pelos maus espíritos, a colocou numa situação bem pior... Esta é a imagem da situação espiritual do povo eleito, que renegou a salvação oferecida pelo Messias. A Israel, graças à intervenção de Deus em sua história, foi-lhe dada a lei do Sinai. Tiveram patriarcas, juízes, reis que os conduziram... Tiveram profetas que alertaram e tiraram o povo da idolatria... Tiveram João Batista, o último dos profetas do Antigo Testamento, que

anunciou a vinda eminente do Messias e vinda do Salvador, o povo eleito não O reconheceu. Daí a imagem da "casa reocupada pelos maus espíritos".

2 - A verdadeira família de Jesus (12, 46-50)

...os irmãos... Essa expressão, bastante usada até hoje no Oriente, designa a parentela em seus múltiplos graus. Por isso, esse modo de falar não significa que Jesus tenha tido outros irmãos.

...Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? Jesus não pretende aqui renegar laços familiares que o unem à sua mãe e aos seus parentes. Afirmando o que já dissera para seus ouvintes (*Quem amar o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim.* Mt 10, 37) Ele apenas insistiu em afirmar que tais vínculos passaram a um patamar menor, comparado ao novo parentesco que se formou aos nos tornarmos "filhos de Deus". Dentro dessa nova parentela espiritual, Maria ocupa o primeiro lugar como o protótipo da serva fiel e mãe de toda a humanidade.

Esse trecho encerra uma sublime lição do Mestre: os laços do parentesco espiritual daquele que ama o Cristo Salvador e cumpre a vontade do Pai são muito mais importantes que os laços familiares. Esse é o Amor maior: "*Amar a Deus sobre todas as coisas...*"

3 - As parábolas do reino (13, 1-3a)

Parábola, do grego *parabolé*, significa comparação. As parábolas apresentadas no Evangelho podem ser explicadas do seguinte modo: elas são uma narração fictícia, porém verossímil, que ilustra um ensinamento moral ou uma verdade doutrinal através da comparação. Sob o véu simbólico, a parábola esconde uma realidade superior. Nela é preciso buscar aquilo que se pretende ensinar. Os detalhes servem apenas para compor o todo.

A parábola e a alegoria são formas literárias afins, mas com nuances diferentes. Enquanto a parábola tem como propósito explicar, esclarecer através da comparação, o alvo da alegoria é o de velar a verdade, e mostrar um significado preciso.

A pregação de Jesus tinha como fundamento a apresentação dos mistérios do Reino. Entretanto, devido à má disposição dos ouvintes (fariseus, doutores da Lei...) que não viam nele o Messias prometido, Jesus via-se obrigado a ocultar-lhes o sentido de sua missão. Por isso, deliberadamente, em suas pregações usava elementos da parábola e também elementos alegóricos.

4 - O semeador (13, 3b-9)

Essa parábola é apresentada por todos os três sinóticos (Mt 13,3b-9; Mc 4,3-9; Lc 8, 4-8). Ela espelha a sorte da mensagem evangélica, cuja semente, através de Jesus Cristo e da Igreja, é colocada no coração dos homens. Apesar dos inúmeros obstáculos, a semente germinará na terra boa e dará abundantes frutos.

"Quem tiver ouvidos que ouça" é uma expressão semítica. Para o semita, o ensinamento, na maioria das vezes, consistia na tradição oral. Era ouvindo e prestando atenção que assimilavam a doutrina para que ela chegasse ao coração - princípio da vida sensível e intelectual. Com essa admoestação, Jesus exortava os ouvintes a procurar compreender o verdadeiro sentido de suas palavras.

5 - Razão das palavras (13,10-17)

Aqui, Jesus explica porque a fala através de parábolas.

"*A vós foi dado... e a esses não*" deve ser entendido à luz da linguagem bíblica (e oriental): destaque para a responsabilidade do homem que aceita ou recusa compreender os mistérios do Reino.

"*A quem tem será dado...*" provérbio popular que na fala de Jesus adquire um sentido profundo: refere-se ao misterioso plano de salvação que Deus oferece a quem tem as disposições necessárias (docilidade, generosidade, humildade) e o coração aberto à verdade. Este receberá as luzes necessárias para entender a mensagem salvífica. Aos cegos e empedernidos voluntariamente, os mistérios da fé não poderão alcançá-los.

"*...para que vendo não vejam...*" é o endurecimento do coração, típica disposição de espírito, profetizada por Isaías e tantas vezes citada no Antigo Testamento.

"*...muitos profetas e justos...*" foram os homens justos da antiga Aliança que desejaram e esperaram ardentemente pelos tempos da salvação messiânica.

6 - A semente é a palavra do Reino (13,18-23)

Também encontrada em Mc 4,13-20 e em Lc 8,11-15. Reproduzido pelos evangelistas, esse é um dos raros momentos em que Jesus explica o sentido de uma parábola. O Semeador é o próprio Cristo e todos os seus representantes em todos os tempos. A semente é a Palavra (Pregação do Evangelho) que nos oferece a Verdade. Os diversos tipos de terreno são o coração do homem nas suas mais variadas reações diante da Palavra ouvida.

A semente, Deus a planta no coração de todos, bons e maus. A cada um, pelo livre arbítrio, de acordo com os princípios de sua consciência, cabe desenvolvê-la ou não.

7 - A parábola do joio (13, 24-30)

Esta parábola própria de Mateus encontra semelhança com "a sementeira" reproduzida por Marcos (Mc 4,26-29) mas com ensinamento específico diferente. Ambas, porém, se apresentam à luz da infalibilidade do desenvolvimento do Reino de Deus na terra.

Torna-se muito difícil distinguir o joio do trigo, quando estão na fase do crescimento; porém serão separados na ocasião da colheita, nos adverte a parábola de Mateus. E que advertência! Deus permite a convivência entre os bons e os maus para que estes tenham oportunidade de se converterem através do exemplo dos bons; aos bons, essa convivência lhes propicia a oportunidade de crescerem na fé, na esperança, na caridade. O zelo impetuoso de separar o joio do trigo antes da hora seria antecipar a ruína do bem idealizado. Só no Juízo Final é que cada um alcançará sua forma definitiva..." quando o joio será jogado ao fogo e o trigo será guardado no celeiro".

8 - O grão de mostarda (13, 31-32)

A mostarda, chamada "brossica nigris" pelos botânicos, embora não seja a menor de todas as sementes, ela é muito pequena. Cresce às margens do Jordão e do lago de Tiberíades; torna-se um arbusto de mais ou menos quatro metros de altura. Nela as aves do céu vêm fazer seus ninhos. Essa imagem, Jesus a usou para descrever o Reino dos céus. Nos seus primórdios, o Reino parece pequenino e humilde, mas seu destino é crescer, crescer ... até chamar para si todos os povos da terra.

9 - O fermento (13,33-35)

A parábola do fermento quer nos mostrar a força intrínseca do Reino que silenciosa, mas infalivelmente, envolverá toda a terra. O crescimento externo e numérico do cristianismo alcançará a universalidade do Evangelho. O Reino de Deus que Jesus veio implantar teve seu início como uma sementinha jogada na terra. Com o tempo e a colaboração dos que Ele chamou e continua chamando para "trabalhar em sua vinha", essa sementinha cresceu e crescerá até se alastrar pelos confins da terra. Deus que nos criou para a santidade, conta com o nosso empenho como colaboradores e construtores do Reino que Ele implantou entre os homens.

10 - A interpretação do joio no trigo (13, 36-43)

Nesse trecho próprio de Mateus, o evangelista dá à parábola uma explicação alegórica, isto é, que significa uma coisa nas palavras e outra no sentido. Talvez Mateus desejasse responder a um problema que se fazia sentir na Igreja primitiva... No seio da Igreja, "Reino do Filho do homem", estavam misturados fieis autênticos (filhos do

Reino) e maus cristãos (filhos do mal). A explicação para esse fato é que o inimigo também trabalha ativo no âmbito da Igreja. Por enquanto a situação não pode ser modificada. É preciso esperar o fim do mundo... então, o bem, definitivamente, será separado do mal.

11 - O tesouro, a pérola e a rede (13, 44-50)

As parábolas do tesouro e da pérola, referindo-se à preciosidade do Reino dos céus, mostra que a alegria de possuí-lo vale a renúncia de todos os bens da terra. O gênero literário da parábola do tesouro não leva em conta o aspecto moral da ação descrita. Pelo direito judaico o tesouro devia pertencer ao dono da terra. Aqui, o empregado agiu incorretamente. A parábola da rede, guarda a mesma conotação da parábola do joio e do trigo: a separação entre os bons e os maus, no final dos tempos.

12 - Coisas novas e velhas (13, 51-53)

"Escriba instruído na doutrina do Reino dos céus" refere-se a todo aquele que se dedica ao Evangelho: o apóstolo, o discípulo, a catequista, o pregador...

"Tirar coisas velhas e novas do seu tesouro" significa: do tesouro da Revelação é preciso transmitir os ensinamentos do Antigo Testamento, aperfeiçoados pelos novos ensinamentos do Evangelho.

Diferente do escriba judaico, ligado à Lei antiga, o escriba cristão deve possuir em seu tesouro, além da Lei antiga, as novas realidades do Reino messiânico.

Sugestão para a troca de ideias:

1 - Escolher um dos trechos do estudo, apresentá-lo aos companheiros, explicando o motivo da escolha.

2 – Por que Jesus gostava de ensinar através de parábolas? O que são parábolas do Reino?

Ilustrando nosso tema:

O reino de Satã

"Um dos fatos mais relevantes que caracterizam a obra de Cristo é a libertação dos possessos: destruir o reino de Satã, "príncipe deste mundo" (Jo 12,31), para substituí-lo com o Reino de Deus, eis o objetivo declarado de toda a atividade salvífica de Jesus: *"Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, então é que chegou até vós o reino de Deus"* (12,28).

A Igreja apostólica entendeu sob a mesma luz a obra do Salvador: ... "Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder... Ele andou fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo diabo" (At 10,38) são palavras de Pedro a Cornélio, o centurião.

A respeito dos espíritos malignos e de sua atividade nefasta no mundo, a revelação bíblica nem sempre se mostra bem clara ou explícita.

No início, no Antigo testamento, parece que esse mundo tenebroso ficou quase ignorado. Foi a luta acirrada contra toda espécie de idolatria, quando o mundo oriental circunstante gostava de dar uma feição e divinizar as forças obscuras da natureza, tidas como prejudiciais ao homem, que impediu um desenvolvimento orgânico das concepções a respeito do mundo demoníaco. Apenas cá e lá - talvez como fruto de acomodações literárias, mais do que doutrina - se encontram em textos sagrados elementos tirados do folclore popular, como o perambular de espíritos "imundos", misturados às feras e com outros animais repugnantes, em lugares desertos ou entre as ruínas de cidades destruídas (Is 13,21; 34,14).

Só em época bem recente, quando a ameaça da idolatria, após o Exílio, não mais perigava, é que as ideias sobre os espíritos malignos, como aliás acontece com os anjos, se tornaram menos vagas; e isso não sem o influxo das concepções orientais.

Principalmente se deve à especulação judaica dos círculos rabínicos a elaboração de uma apresentação sistemática do mundo demoníaco, que a seguir passou a ser co-dividida com o cristianismo primitivo: os espíritos malignos constituíam um reino bem compacto, cujo chefe era Belzebu (Mt 12,26); é o anti-reino de Deus, que exerce sobre o mundo e sobre os homens seu tirânico domínio.

Mesmo que a fantasia e o folclore tenham tido suas infiltrações nessas apresentações, fica, no entanto, a realidade dolorosa de uma "força" organizada - o reino das trevas -, que age contra Deus, em prejuízo dos homens, e que somente Cristo pôde enfrentar e destruir.

Eis a advertência de São Pedro: "Sede sóbrios e vigiai! O vosso adversário, o diabo, rodeia-vos como leão que ruge, à procura de quem devorar. Resisti-lhe, firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos são infligidos aos vossos irmãos em todo o mundo." (1 Pd 5,8-9)

Do livro "Evangelho da Igreja, segundo Mateus", Editora Vozes Ltda, página 108

CAPÍTULO VI – QUARTO LIVRO

A ORGANIZAÇÃO DO REINO

(Mt 13, 54 – 18, 35)



A MULHER CANANEIA (Mt 15, 21-28)

A vida da Igreja é o tema central do quarto livro apresentado no Evangelho de Mateus. Denominado "discurso eclesiástico", ele expõe os diversos problemas decorrentes da convivência humana, tanto na vida social como na religiosa.

Como de costume, na parte narrativa que precede a didática, Mateus usa material inspirado em Marcos e em fontes próprias, salientando duas atitudes de Cristo que servem de prenúncio do que será a sua Igreja: a gradual separação espiritual e física de Israel e a preparação dos Apóstolos que serão os intermediários entre Ele e a multidão.

Observa-se que a primeira atitude é encontrada na rejeição de Nazaré (13,58), após a morte do Batista (14,13), após a discussão com os fariseus sobre o puro e o impuro (15,21) e também após a resposta aos saduceus e fariseus sobre os sinais dos tempos (21,17).

A segunda atitude está ligada aos primeiros anúncios da futura Paixão (17,9; 17,12). Prevendo o desfecho que se daria em Jerusalém, Jesus começou a preparar seus discípulos para que pudessem dar continuidade à sua obra após seu afastamento definitivo do plano terreno. Em razão disso, no quarto discurso Mateus apresenta os Apóstolos e os discípulos de Jesus, emergindo do anonimato e sendo colocados ao lado do Mestre. Isso acontece na multiplicação dos pães (14,19-21; 15,19-39), nas contendas com os saduceus e os fariseus (14,22; 15,1; 17,10), no episódio da cananeia (15,21-28), na confissão messiânica em Cesareia de Filipe (16,13-20), no monte Tabor como testemunhas de sua transfiguração (17,1-9).

O QUARTO LIVRO SERÁ APRESENTADO EM DUAS PARTES:

PRIMEIRA PARTE - LER E MEDITAR DURANTE O MÊS OS TRECHOS APRESENTADOS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO

- 1 - A incredulidade dos cidadãos (13,54-58)
- 2 - Martírio de João Batista (14,1-12)
- 3 - Primeira multiplicação de pães (14,13-21)
- 4 - Jesus caminha sobre as águas (14,22-33)
- 5 - Na região de Genesaré (14,34-36)
- 6 - As tradições dos antigos (15,1-9)
- 7 - Pureza legal e pureza moral (15,10-20)
- 8 - A mulher cananeia (15,21-28)

9 - Segunda multiplicação dos pães (15,29-39)

10 - Os sinais dos tempos (16,1-4)

11 - Incompreensão dos discípulos (16,5-12)

12 - Pedro professa sua fé (16,13-16)

13 - O primado de Pedro (16,17-19)

14 - O escândalo de Pedro (16,20-23)

Textos de apoio:

1 – A incredulidade dos concidadãos (13,54-58)

"Um profeta não é desprezado senão na sua terra e na sua casa". O provérbio anunciado por Jesus refere-se a um fenômeno psicológico que acontece com muita frequência. Talvez pelo desejo de deparar com a novidade, ou até mesmo por uma velada inveja ou, ainda, por não valorizar o que faz parte do cotidiano, costuma-se dar mais valor ao que é "de fora" em detrimento do que é "de dentro", ou seja: "santo de casa não faz milagre". Talvez por isso Jesus experimentou a incredulidade de seus concidadãos. Como aceitar tanta sabedoria naquele que era o filho do carpinteiro? Esse desagradável incidente acontecido em Nazaré é também narrado por Marcos e Lucas. Em Marcos, de modo mais pormenorizado (Mc 6,1-6).

Essa seção do Evangelho quer nos falar sobre fé e incredulidade. A fé constitui o fundamento indispensável para que a ação de Deus possa se manifestar em favor daquele que confia. Por causa da incredulidade dos nazarenos, Jesus não fez ali muitos milagres como pôde fazer por todos os lugares pelos quais passou e onde foi muito bem recebido.

2 – O martírio de João Batista (14,1-12)

Herodes Antipas era filho de Herodes o Grande. Na partilha do reino de seu pai, Antipas herdou a Galileia e a Pereia (hoje, Transjordânia). O imperador romano Augusto lhe deu o título de tetrarca (literalmente, comandante da quarta parte de um estado) mas, popularmente, Herodes era chamado "rei".

A união de Herodes com sua ambiciosa sobrinha, filha de seu irmão Aristóbulo e mulher de seu outro irmão paterno (Herodes Filipe), recebeu de João Batista total desaprovação: "Não lhe é permitido tomá-la por esposa, por ser adultério incestuoso e porque a lei de Moisés (Lv 18, 16-18; 20-21) proíbe desposar a mulher do próprio irmão, mesmo divorciada". Toda a tragédia aconteceu devido à raiva que Herodíades nutria pelo destemido profeta.

Segundo o historiador Flávio José, João Batista foi encarcerado e decapitado no palácio fortaleza de Maqueronte, residência de Herodes e onde aconteceu o banquete real. Prova disso é que a cabeça do profeta foi entregue a Salomé, filha de Herodíades, num pequeno espaço de tempo. Ao matá-lo, Herodes e Herodíades pensaram estar livres do santo homem. Enganaram-se: a coragem de João Batista é lembrada até os dias de hoje.

3 – A primeira multiplicação dos pães (14, 13-21)

Esse extraordinário episódio é enaltecido por todos os quatro evangelistas, não somente pela riqueza da narração, como pela importância de elementos cristológicos, litúrgicos e eclesiológicos do acontecimento.

Ao pegar a barca e afastar-se da região do sanguinário Herodes, Jesus foi seguido por uma multidão que, a pé, margeava o lago de Genesaré até chegar num lugar mais afastado, nas proximidades da cidade de Betsaida Júlia, segundo a descrição de Lucas. Mais do que empatia, Jesus sentiu compaixão pela multidão cansada e faminta que o acompanhava. Ele acolheu aquela gente toda e curou os enfermos. A tarde já vinha chegando... Era primavera, pois a relva cobria o chão batido e anunciava a proximidade da festa da Páscoa. Ali, a multidão sentou-se. Como um prelúdio do que iria acontecer mais tarde em Jerusalém, Jesus, tomando os cinco peixes e dois pães que traziam, levantou os olhos ao céu, orou ao Pai, partiu os pães, deu a seus discípulos e mandou que eles os repartissem à multidão faminta. Todos comeram, ficaram saciados e ainda sobraram doze cestos. A ordem de Jesus, solicitando a ação dos discípulos para saciar a multidão, será a mesma que o Mestre dará aos apóstolos na Última Ceia, quando, sentados à mesa, Jesus os conclama a oferecer o "Pão da Vida" para o sustento espiritual do novo POVO DE DEUS. As palavras, os gestos serão os mesmos usados por ocasião da Instituição da Eucaristia.

O sentido espiritual da multiplicação dos pães consiste em preparar a fé no PÃO EUCARÍSTICO que se multiplicará, indefinidamente, através do Salvador que se dá como alimento aos que nele creem.

4 - Jesus caminha sobre as águas (14,22-33)

"Jesus caminha sobre as águas"... A revelação da divina transcendência de Jesus aqui transparece como o Senhor Supremo dos elementos da natureza. Esta cena nos remete às primeiras palavras descritas na Bíblia: "O alento de Deus revoava sobre a face das águas" (Gn 1, 2) e revela-nos a transcendência de Javé, o Deus único, criador do céu e da terra, soberano senhor no Antigo Testamento.

A cena de Pedro andando sobre as águas para ir ao encontro do Mestre é deveras significativa: atendendo ao pedido do discípulo, Jesus permitiu que ele fosse ao seu encontro andando sobre as águas. Isso aconteceu até o momento em que, assustado e temeroso diante da impetuosidade dos ventos, Pedro sentiu-se inseguro, perdeu a confiança e então começou a afundar. Assim também acontece conosco; a fé e a confiança nAquele que tudo pode, ajuda-nos a caminhar, resolutamente, contra todas as adversidades da vida. Se nos falta a confiança em Deus, submergimos diante das nossas dificuldades.

Esse trecho do Evangelho nos leva a uma comparação eclesiológica: a barca-Igreja navega perigosamente pelo mar tempestuoso do mundo, mas está amparada pela presença invisível e salvífica de Deus, TODO PODEROSO.

5 – Na região de Genesaré (14,34-36)

Jesus e seus discípulos atravessaram o Lago e foram para a fértil planície de Genesaré que fica situada na margem ocidental do lago de Genesaré, ao sul de Cafarnaum. Reconhecendo o Mestre, o povo daquele lugar trouxe-lhe os doentes para serem curados. Eles estavam mais interessados nos milagres que nos ensinamentos de Jesus.

6 – As tradições dos antigos (15,1-9)

Aqui, podemos assinalar a enérgica reação de Jesus diante das insinuações malévolas dos escribas e fariseus. A tradição era constituída de numerosas prescrições que, ao longo dos séculos, os rabinos foram incorporando à Lei para especificar melhor seus preceitos. Essas prescrições foram levadas para o TALMUD (texto clássico do Judaísmo, pós-bíblico) e, para os fanáticos, eram tão importantes quanto a própria Lei..."Não lavam as mãos" é, simplesmente, uma regra de higiene. Como no Oriente era comum comer com as mãos, o ato de lavá-las antes de uma refeição assumiu um valor religioso da mesma envergadura da Lei e tornou-se tema de um tratado do TALMUD, denominado "As mãos" (yadayim).

Muito mais importante que lavar as mãos, lembrou o Mestre, era honrar pai e mãe que a tradição também ensinava e que eles desrespeitavam. A honra devida aos pais consistia em assisti-los em suas necessidades... Para fugir a essa responsabilidade, hipocritamente diziam que a ajuda destinada aos pais eles a tornaram "**corban**", isto é, oferenda sagrada e intocável feita a Deus. Portanto, o que eles estavam fazendo era fingir uma rigorosa observância das prescrições insignificantes da Lei e adulterando os sagrados mandamentos divinos.

7 – Pureza legal e pureza moral (15,10-20)

Do valor da "tradição", tendo como realce o relato de lavar as mãos, vamos para o valor da própria Lei quanto à pureza legal. Agora, Jesus quer estabelecer o princípio da pureza interior, de acordo com a Nova Lei.

Como sabemos, segundo a concepção bíblica, o coração é a sede de todos os propósitos, bons e maus. A fonte da bondade ou da maldade está no interior, no coração, na intenção da vontade livre do homem. Ele tem a liberdade de escolher entre o bem e o mal. Do coração, da consciência, procede aquilo que torna o homem moralmente impuro: más intenções, injúrias, roubos, adultério, devassidão, homicídios, enfim tudo o que ofende as outras pessoas e está em desacordo com os mandamentos de Deus. A comida que entra pela boca não torna a pessoa impura e, em si, não tem peso na vida religiosa. Ela é apenas matéria do processo digestivo.

8 – A mulher cananeia (15,21-28)

Mateus, no episódio da mulher cananeia, nos apresenta um dos trechos mais tocantes do Evangelho. Sua narração é mais minuciosa que a de Marcos (Mc 7,24-30) e seu conteúdo teológico é o mesmo explicitado na cura do servo do centurião, que vimos no capítulo 8, versículos de 1 a 30. Que magníficas lições de humildade e fé!

Os cananeus, ou fenícios, ocupavam o litoral mediterrâneo onde se encontravam as famosas e ricas cidades comerciais de Tiro e Sidônia, no lugar em que hoje se situa o Líbano. Eles eram pagãos, descendentes de Can, filho de Noé, e já habitavam a região antes da chegada dos israelitas. Os cananeus que sobreviveram à conquista de Israel constituíam uma ameaça constante ao monoteísmo hebraico, como podemos notar nas diversas passagens do Antigo Testamento. Jesus estava naquela região para se afastar dos fariseus e doutores da Lei; não pretendia pregar aos pagãos. Ao dirigir-se à insistente cananeia que pedia socorro Ele deu a entender que ainda não estava na hora de dar aos pagãos os benefícios destinados, primeiramente, ao povo escolhido: *"Não fui enviado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel"*. E o diálogo que se segue é de extrema beleza...

No seu livro "Evangelho Completo", o Pe. Mário Zuchetto css assim escreve:

"A oração dessa pagã é perfeita: reconhece que Jesus é o Messias, Filho de Davi, enquanto os chefes judeus não o admitiam. Diz palavras simples, que brotam do coração sofrido. Não desanima diante da barreira que encontra ao falar com Jesus. Humildemente, não se revolta diante do provérbio judaico que trata os pagãos como animais. Persevera orando. Disposição tão cândida toca em cheio o coração de Jesus e justifica o que se costuma dizer: a oração é a força do homem e a fraqueza de Deus."

9 – A segunda multiplicação dos pães (15,29-39)

Voltando de sua viagem à Fenícia, Jesus chegou nas proximidades do lago de Genesaré. Ali, curou inúmeros enfermos que a Ele se apresentaram. Sentindo compaixão daquela gente exaurida que, já há três dias O acompanhavam, pela segunda vez fez acontecer o milagre da multiplicação dos pães. Dos sete pães e uns poucos peixes foram saciadas 4.000 pessoas (sem contar as mulheres e as crianças) e ainda restaram sete cestos. Este milagre também prenuncia a Sagrada Eucaristia. Ainda hoje, Jesus cura as nossas enfermidades, fala-nos através da Palavra e nos alimenta com a Eucaristia.

10 – Os sinais dos tempos (16,1-4)

Os fariseus e os saduceus formavam partidos políticos opostos e adversários entre si. Os fariseus, pertencentes à classe média, dirigiam religiosamente o povo; eram rigorosos e apegados à letra da Lei de Moisés. Os saduceus constituíam a aristocracia rica e, interesseiros, mantinham amizade com os dominadores romanos. Naquele momento se uniram por causa da mesma aversão que nutriam contra Jesus. Para desafiá-Lo, pediram-Lhe que apresentasse um prodígio bem convincente vindo do céu, a fim de provar sua origem messiânica. Tantos sinais foram dados e aquela geração perversa não os aceitou! A cura das mais variadas doenças, a multiplicação dos pães, a expulsão dos demônios, a ressurreição dos mortos, não foram "sinais dos tempos?" O sinal de Jonas, que saiu vivo do interior de um cetáceo, nos remete à ressurreição de Jesus que, três dias após sua morte, ressurge do ventre da terra. A ressurreição de Jesus é a prova maior da Sua divindade.

11 – A incompreensão dos discípulos (16,5-12)

O fermento, cuja função é fazer crescer a massa e lhe dar leveza, às vezes aparece na tradição bíblica como elemento de corrupção. É por esse motivo que na oitava da Páscoa era proibido comer pão fermentado. Pelo mesmo motivo, Jesus adverte seus discípulos sobre a doutrina viciada dos fariseus e dos saduceus.

12 – Pedro professa a sua fé (16,13-16)

Esse texto é também encontrado em Marcos (Mc 8,27-30) e em Lucas (Lc 9,18-27). Jesus pergunta aos seus discípulos: "...E vós quem dizeis que eu sou?" Pedro, inspirado pelo Espírito, responde: "Tu és o Messias, o Filho de Deus."

"*Quem dizem os homens que eu sou?*" Torna-se natural fazer esta pergunta, visto que, nos nossos dias, dois mil anos passados, Jesus está presente em programas de

televisão, nos meios de comunicação, nos encontros de grupos, nos lares, nas ruas... Muitos O veem como um profeta excepcional, um médico divino que cura todas as dores, um milagreiro que resolve todos os problemas materiais e até financeiros, um alguém capaz de realizar todas as nossas vontades... Colocam Jesus no patamar das coisas humanas e não a partir das coisas de Deus.

Numa indagação mais pessoal Jesus diz: *"E vós quem dizeis que sou?"* Para nós, seus discípulos, o grande desafio é mostrar ao mundo a verdadeira face de Jesus, através das nossas palavras, dos nossos gestos, das nossas atitudes... enfim, do nosso modo cristão de viver. Para nós, o rosto de Jesus deve refletir o rosto do Deus vivo e verdadeiro. Para nós, Jesus é o Emanuel - Deus conosco - cuja presença nos ensina viver a partilha, o perdão, o respeito, o amor, a misericórdia...

13 – O primado de Pedro (16,17-19)

Jesus faz duas afirmações muito importantes e significativas: uma relativa a Pedro e outra relativa à Igreja. Na primeira, Pedro é constituído "pedra", isto é, alicerce do novo edifício; na segunda, afirma que esse edifício é a Igreja de Cristo e que as potências do mal jamais conseguirão destruí-la.

Os documentos contemporâneos, helenísticos e aramaicos, desconhecem o uso de Pedro (KEFA em aramaico) para designar nome de pessoa. Conclui-se que ele foi dado por Jesus a Simão, filho de Jonas, para mostrar o múnus de "pedra" (fundamento, alicerce) que Jesus deseja confiar ao Príncipe dos Apóstolos. Todo o poder que foi concedido a Pedro é transferido aos seus sucessores em virtude da vontade de Jesus em prover o futuro de sua Igreja, que deve caminhar pelas estradas da vida até o fim dos tempos. Pedro, o primeiro Sumo-Pontífice, e todos os seus sucessores abraçam um encargo divino. É nosso dever orar pelo nosso Santo Padre e pedir ao Espírito Santo de Deus que o ilumine e proteja.

14 – O escândalo de Pedro (16,20-23)

Para devolver ao povo sua liberdade perdida, os judeus esperavam a vinda de um Messias glorioso, político e guerreiro, restaurador da soberania de Israel. Jesus, então, começou a preparar seus apóstolos para que eles não perdessem a fé diante de sua Paixão e morte em Jerusalém. Revelou aos seus seguidores o mistério do "Filho do homem" que, como salvador do mundo, deveria padecer e morrer, mas, ao terceiro dia, ressuscitaria. Esse foi o primeiro anúncio de sua Paixão e Ressurreição.

A fé que Pedro acabara de professar em Jesus, o Messias, devia estar ligada à figura do "Servo Sofredor", já apresentada no Antigo Testamento pelo profeta Isaías... Mas

isso era muito difícil de ser aceito, devido à mentalidade judaica dos Apóstolos. Pedro, que já pensava no triunfo de Jesus, não podia conceber tal ideia. Por esse sentimento, puramente humano, foi severamente repreendido pelo Mestre.

Para a troca de ideias:

A - Escolher um dos trechos do estudo, apresentá-lo aos companheiros, explicando o motivo da escolha.

B - Quais as semelhanças você encontra entre a atitude do centurião romano e a da cananeia?

ILUSTRANDO NOSSO TEMA

"São guias de cegos"

"Entre os vários movimentos ou grupos religiosos do judaísmo contemporâneo de Jesus, o dos fariseus, mais do que qualquer outro, marca ferrenha oposição à atividade apostólica do Mestre.

A Igreja primitiva sentiu-se por demais atingida com a ferocidade com que os fariseus se levantaram contra a pregação de Jesus, precisamente porque essa oposição representava claramente o conflito eminentemente doutrinário e religioso - e não político! - nascido entre cristianismo e judaísmo.

Os fariseus contavam entre suas fileiras com a maior parte dos escribas e doutores da Lei (daí o binômio tão usual dos Evangelhos: "escribas e fariseus"); professavam uma fidelidade incondicionada à Lei; conhecer a Lei era-lhes a suprema ocupação; a rígida observância dos preceitos era toda a sua razão de viver; era essa estrita fidelidade à observância que os separava (fariseu significa etimologicamente "separado") de todos os que não dividiam com eles tal rigorismo.

Ao lado da Lei escrita, e em defesa dela, os fariseus sustentavam a exigência de outra lei oral - a chamada tradição dos antigos -, tida e definida por eles como de origem divina, entregue por Deus a Moisés, no Sinai.

Sem dúvida, não faltavam entre eles homens sinceramente religiosos. O mesmo Nosso Senhor manteve com alguns deles relações de amizade: Assim, o caso de Simão, o "leproso", de Nicodemos, de José de Arimateia. Não poucos deles entraram depois para a Igreja (At cc.4-5); a própria comunidade cristã de Jerusalém, com seu apego às práticas mosaicas, mostra que seguia a linha da conduta deles. Tomados, porém, em bloco, os fariseus foram vítimas de sua mesma religiosidade: a Lei pela Lei,

mais ou menos como "Ars gratia Artis" - a arte pela arte! É um princípio que só pode levar àquilo que se pode chamar de esvaziamento da religiosidade: o formalismo.

Ao formalismo acrescentam-se o orgulho de espírito e hipocrisia; um e outro constituem aquilo que recebeu dos fariseus a denominação: "espírito farisaico".

Fechados na sua auto-suficiência, não podiam abrir-se à luz evangélica e assim não acolheram a salvação trazida por Cristo."

(trecho extraído do livro " O Evangelho da Igreja segundo Mateus" , Editora Vozes Ltda

oOo

SEGUNDA PARTE - LER E MEDITAR DURANTE O MÊS OS TRECHOS APRESENTADOS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO

- 1 – “Pela cruz à glória” (16,24-28)
- 2 – A transfiguração (17,1-9)
- 3 – O precursor de Jesus na morte (17,10-13)
- 4 – O menino epilético (17,14-21)
- 5 – Segundo anúncio da Paixão (17,22-23)
- 6 – O imposto do Templo (17,24-27)
- 7 – O maior no Reino (18,1-5)
- 8 – O escândalo dos pequenos (18, 6-10)
- 9 – A ovelha desgarrada (18,11-14)
- 10 – A correção fraterna (18,15-18)
- 11 – A oração em comum (18,19-20)
- 12 – O perdão das ofensas (18,21-23)

Textos de apoio:

- 1 – Abnegação cristã (16,24-28)

Após as palavras de Pedro que queria afastá-Lo do sofrimento supremo de sua Paixão e Morte, Jesus proclama a lei da abnegação de si mesmo como condição para segui-Lo e tornar-se seu discípulo.

Não somente o Mestre deve sofrer... Quem quiser ser seu discípulo deve renegar-se a si mesmo, deve estar preparado para partilhar bens (materiais, espirituais...) e colocá-los ao serviço da messe; despojar-se do homem velho (vida de pecado) e revestir-se

do homem novo (vida da graça). Trata-se de uma hierarquia de valores; Deus deve ser nosso valor absoluto. A vida terrena e os bens desse mundo devem ser apenas instrumentos para alcançarmos o bem supremo. "*Quem perder a sua vida por amor a mim, há de encontrá-la*" afirma o divino Mestre.

As palavras de Jesus no versículo 28 (...*alguns, antes de morrer, verão o "Filho do homem" vir em seu reino*) encontram várias interpretações: alguns as atribuem à destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C., quando chegou ao fim o antigo reino da teocracia de Israel (governo em que o poder reside na classe sacerdotal), dando início ao reino de Cristo no mundo pagão. Outros as atribuem às aparições do Cristo ressuscitado. Há os que acham que elas se referem à transfiguração ou também Pentecostes.

2 – A transfiguração (17,1-9)

A transfiguração, como que desnudando a humanidade de Jesus, deixa entrever o esplendor de sua natureza divina. Pedro, Tiago e João tiveram experiência dessa teofania (manifestação da divindade). Ao lado do Cristo glorioso viram os grandes representantes da Antiga Aliança: Moisés, o Legislador, representando a Lei e Elias, o taumaturgo que foi arrebatado aos céus num carro de fogo, representando todos os Profetas. Ambos, Moisés e Elias, representam o Antigo Testamento. Jesus Cristo é a Nova e Eterna Aliança. Com ele tem início o Novo Testamento.

Diante daquele lampejo de visão eterna, Pedro, entusiasmado e ingênuo, diz: "Senhor, se quiserdes, farei aqui três tendas"... A tenda é uma referência ao Sagrado Tabernáculo da Antiga Aliança, símbolo da presença de Deus entre seu povo (Ex 25,8).

3 – O precursor de Jesus na morte (17,10-13)

A respeito da conversa sobre Elias, a resposta de Jesus: "*Elias já veio*" não indica que João Batista seja a encarnação de Elias, como interpretam os espíritas. O Batista se assemelha, parece um novo Elias porque viveu a mesma austeridade, denunciou as mesmas injustiças, pregou a conversão do mesmo modo ardoroso como fez o grande Profeta. João Batista viveu a mesma missão de Elias, porém não foi a sua reencarnação. Para nós cristãos a vida é única, eterna e irrepetível.

4 – “O menino epilético” (17,14-21)

Depois de nos apresentar a natureza humana de Jesus glorificada na transfiguração e acontecida no Monte Tabor, o evangelista mostra a mesma natureza humana tão

danificada pelo mal, na pessoa do jovem doente. Um quadro contrastante entre a natureza do reino de Deus e a natureza do reino do mal. Como os discípulos não conseguiram curar o jovem enfermo, os fariseus e os escribas aproveitaram para difamar o Mestre, pondo em dúvida Sua credibilidade.

É justa a repreensão de Jesus, pois toda aquela gente, incluindo os discípulos, mesmo presenciando tantos milagres e curas feitos por Ele, com uma fé indecisa não conseguiam vê-Lo como o Messias prometido. E foi essa fé cambiante que não permitiu aos discípulos realizar a cura do menino possesso.

5 – “O segundo anúncio da Paixão” (17,22-23)

Aqui, novamente é anunciado os sofrimentos que esperam o Messias quando de sua chegada em Jerusalém. Mas Ele ressuscitará no terceiro dia. Palavras tão desconcertantes e incompreensíveis deixaram os discípulos muito tristes. O conceito de messianidade sujeito à morte era inconcebível para eles.

6 – “O imposto do Templo” (17,24-27)

Quando viviam no deserto, todo israelita do sexo masculino, a partir dos vinte anos, mesmo fora de sua pátria, devia contribuir com 2 dracmas gregas para a manutenção do culto realizado na tenda da reunião (Ex 30,11-16). Mais tarde, essa prescrição foi restaurada por Neemias, depois do exílio e chegou ao Templo de Jerusalém. Era uma boa contribuição; com 1 dracma comprava-se um carneiro. Destruído o Templo, no ano 70, o pagamento se fazia nas sinagogas. Esse era um imposto anual, pago no dia 15 do mês de Adar, próximo da Páscoa. Os reis e seus familiares eram isentos dessa taxa. Os estrangeiros eram todos aqueles que não pertenciam à estirpe real, isto é, os súditos. Jesus era o Filho de Deus, Rei dos reis. Assim, juntamente com sua família (os discípulos), não estava sujeito à lei do tributo. Mandando pagar o imposto, Jesus nos ensina que o melhor é sempre evitar todo gesto ou comportamento sujeito a uma malfadada interpretação.

A moeda achada na guelra de um peixe é o único milagre que Jesus fez em seu próprio favor. Esse prodígio pode ser entendido como "sinal" para afirmar que Ele é o "Filho de Deus" ... e, por conseguinte, sua realeza está na sua filiação divina.

7 – “O maior no reino” (18,1-5)

O problema da precedência hierárquica é próprio de todas as sociedades em todos os tempos. Não fugindo à regra, assim também era a sociedade judaica na época de

Jesus. Portanto, a nova sociedade religiosa que se formava em torno do Mestre sofreu a influência das sociedades contemporâneas. Percebendo a preferência de Jesus por Simão Pedro e levados por um sentimento de ciúme, ou disputa, os discípulos começaram a discutir quem teria a primazia dos primeiros lugares... Daí a pergunta: "Quem será o maior no reino dos céus?" Jesus, em resposta, ensina-lhes uma grande lição de humildade: o reino dos céus pertence àquele que tem a pureza, a docilidade, a simplicidade de uma criança.

8 – “O escândalo dos pequenos” (18,6-10)

Os seguidores de Cristo que se fazem pequeninos e têm as virtudes da criança são os prediletos de Deus. Para destacar a gravidade do crime cometido pelos promotores de escândalos que pelo seu comportamento ou sedução desviam da fé um de seus seguidores, Jesus os repreende com palavras muito duras. É preferível privar-se da mão, do pé, do olho do que ser atirado ao fogo eterno. Essa linguagem figurada ensina que devemos preferir qualquer prejuízo físico ou mesmo afetivo que perder a fé. Não devemos permitir que nenhum bem terreno possa nos afastar do amor a Deus.

Citando os anjos da guarda, nossos protetores, Jesus endossa a tradição judaica que se desenvolve no Antigo Testamento: "...porque aos seus anjos deu ordens a teu respeito para que te guardem em todos os teus passos. Levar-te-ão na palma da mão para que na pedra não tropece o teu pé" (Salmo 91,11-12).

9 – “A ovelha desgarrada” (18,11-14)

Essa parábola é também apresentada por Lucas (Lc 15,4-7). Com ela, Mateus deseja mostrar a solicitude de Jesus a ser imitada pelos membros da comunidade em relação aos seus pequeninos, cuja perdição provocada pelos promotores de escândalo contraria a expressa vontade de Deus. A "maior" alegria ao encontrar a ovelha afastada do rebanho não significa "menor" contentamento pelas ovelhas que permaneceram no aprisco.

10 – “A correção fraterna” (18,15-18)

Depois das crianças... depois dos pequeninos... a preocupação de Jesus foi com os irmãos pecadores. A comunidade, lugar privilegiado da vida cristã, tem como dever preocupar-se com aquele que se desviou do bom caminho. A correção fraterna deve passar por três fases: a correção privada (irmão com irmão); a semipública (com uma ou duas testemunhas) e a pública (diante da comunidade). Essa prática já era conhecida no Antigo Testamento: "Não terás em teu coração ódio contra teu irmão,

mas deverás corrigir o teu próximo e assim não contrairás, por causa dele, uma culpa." (Lv19,17). Os rabinos se limitavam a cumprir a lei antiga; Jesus dá a seus apóstolos o poder de, entre "o céu e a terra", ligar e desligar... Quando são esgotados todos os recursos e procedimentos e, mesmo assim, o extraviado se mostra incorrigível, ele é excluído (excomungado) da comunidade religiosa (Igreja). Mãe acolhedora e amorosa, a Igreja estará sempre aberta e disposta a acolher em seu seio "a ovelha desgarrada", caso se mostre arrependida.

11 – “A oração em comum” (18,19-20)

Mateus nos afirma que Cristo prometeu estar conosco todas as vezes em que nos reunirmos para rezar. A oração comunitária feita em nome de Jesus será sempre ouvida pelo Pai, porque "no meio dela" o Filho estará presente.

12 – “O perdão das ofensas” (18,21-35)

Este texto de importância fundamental, elucidado pela parábola do servo sem misericórdia, mostra-nos a medida do perdão dos homens entre si e a medida que Deus oferece à humanidade. A medida divina para o perdão é a mesma com que perdoamos a quem nos tem ofendido.

Pedro propõe um limite para o perdão: sete vezes? E Jesus responde: setenta vezes sete, expressão que equivale a SEMPRE. A lei do perdão que Jesus impõe aos seus seguidores não se restringe somente à justiça; ela nasce no coração em forma de amor e alcança a misericórdia. É com o amor de Deus que devemos perdoar... Perdoar pela metade não é amar porque o amor verdadeiro não tem limites.

Para a troca de ideias:

A - Destacar um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros, explicando o motivo de sua escolha.

B - Toda pessoa que considera sua vida o valor supremo, coloca Deus em segundo plano. Quem quiser salvar sua vida, perdê-la-á. Como entender essa fala?

oOo

ILUSTRANDO O NOSSO TEMA

A - As migalhas para "os cães"

No episódio da mulher cananeia emergem elementos que tocam ao vivo um dos problemas mais controversos de toda a teologia bíblica: o problema da salvação messiânica estendida aos não-judeus, os gentios.

Na concepção vétero-testamentária, a humanidade estava dividida em duas partes: Israel, o povo de Deus, de um lado; do outro, todas as nações pagãs. A Israel pertence os divinos privilégios: a eleição, a aliança, as promessas (Rm 9,4). Os demais "povos" são todos os que "não conhecem a Javé" e que, por isso, não gozarão dos benefícios que Deus prodigaliza a seu povo. Israel é a "propriedade de Javé"; as nações não-judias são os "de fora", os não escolhidos, os estrangeiros. No entanto, na intenção divina, também as nações deviam entrar no plano salvífico de Deus, visto que a vontade divina de salvar se estende a toda a humanidade.

É isto o que se vê no decorrer de toda a história da salvação: a dialética constante entre Israel e as nações pagãs; entre o particularismo e o universalismo. Visto que os desígnios de Deus se inserem na história humana através da eleição e separação de Israel, a salvação não é apanágio exclusivo de Israel, mas um dom oferecido a toda a humanidade.

A antinomia, cada vez mais acentuada no judaísmo posterior, levou particularmente a Palestina a um mesquinho particularismo das seitas dos fariseus e dos essênios. Foi com os novos tempos que o "muro de separação" entre judeus e não-judeus devia cair (Ef 2,4) e desde então, em Cristo, está reconstruída a unidade humana.

E, no entanto, algumas atitudes de Jesus parecem ressentir-se de preconceitos particularistas dos contemporâneos: sua atividade é voluntariamente mantida nos confins do judaísmo (*"não fui mandado a não ser para as ovelhas perdidas da casa de Israel"* (15,24); o pão dos "filhos" não pode ser lançado aos cães (15,25). Aos seus discípulos Jesus havia imposto de *"não seguirem pelos caminhos dos gentios"* (10,5).

Nesse aparente particularismo, Jesus segue um princípio indicado no plano divino: primeiro Israel e a seguir, através dele, todos os povos da terra.

A recusa de Israel para tornar-se missionária do Reino, impelirá Jesus e sua Igreja pelos caminhos do universalismo: *"Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos"* (28,19).

B – A Igreja: significado de uma palavra

"Em muitas pessoas, a palavra "IGREJA" recorda logo e antes de tudo uma grandeza terrestre e humana: uma sociedade mundial que se compõe de membros estreitamente ligados entre si pela unidade de fé e de culto. Porém, a Sagrada Escritura nos fala dessa realidade como um mistério "mantido secreto nos tempos eternos" em Deus e revelado agora e, em parte, realizado na plenitude dos tempos (Rm16,25-26): o mistério de uma instituição divino-humana, única que pode oferecer ao homem a salvação.

A essa instituição os homens cristãos de língua grega deram o nome bíblico de ekklesia, palavra que devia marcar bem a continuidade entre Israel e o povo cristão e, ao mesmo tempo, designar o conteúdo da nova realidade.

Ekklesia, de onde vem "igreja", indicava no mundo grego profano a assembleia dos demos (povo), como força política. O vocabulário foi adotado pela versão grega dos "Setenta" (LXX), para traduzir o termo hebraico qahal, usado particularmente pela escola deuteronomista a fim de indicar a assembleia religiosa da "comunidade de Javé" (Dt23).

Porém, ao lado de ekklesia, os LXX usaram também a palavra synagogé (daqui a palavra "sinagoga") com a qual traduziram o mais das vezes o vocábulo hebraico edah, empregado sobretudo pela escola sacerdotal, para designar a mesma realidade.

No tempo de Jesus ekklesia e synagogé eram sinônimos, como os vocábulos hebraicos qahel e edah (em aramaico: qelhala e edta). Só mais tarde, quando os cristãos se apropriaram do primeiro termo (eklesia), e reservaram ao judaísmo o segundo (sinagogé), é que as palavras indicaram entidades diferentes.

Ao movimento suscitado pela sua pregação, Jesus quis dar uma estrutura que tivesse na linha das antigas instituições vétero-testamentárias: por isso ele dá o nome bíblico de "comunidade", de assembleia de homens "convocados" (eklesia, vem da palavra enkaleo=chamo, convoco) pelo chamamento divino.

A Igreja, portanto, quer reunir os homens que respondem ao apelo que Deus dirige, de própria iniciativa, primeiro aos judeus e depois aos não judeus, os gentios, para que formem uma kleté agia (a miqra qodesh) do Antigo Testamento - (Ex12,16 e Lv 23,3) a "convocação santa" dos tempos messiânicos.

"Mas vós sois linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido para apregoar os grandes feitos daquele que vos chamou das trevas para a luz admirável" (Pd2,9).

Textos extraídos do livro " Evangelho da Igreja segundo Mateus" da Editora Vozes Ltda.

CAPÍTULO VII – QUINTO LIVRO

A CONSUMAÇÃO DO REINO

(Mt 19 - 25)



O GRANDE MANDAMENTO (22, 34-40)

O último discurso, tal como os outros, tão rico em doutrina, é mais extenso que os antecedentes e expõe os momentos derradeiros de Jesus na sua trajetória terrena. Depois dos discursos relativos à organização da "sua Igreja", incumbida de continuar sua obra salvífica, Jesus vai enfrentar a última etapa de sua missão: o ministério na Judeia rumo a Jerusalém, onde culminará com sua morte redentora, seguida de sua gloriosa ressurreição e ascensão aos céus.

Após uma rápida permanência na Transjordânia, em seu ministério da Galileia, marcado pelas multidões que O seguiam (19,1-13), pelas disputas com seus adversários fariseus (19,3; 20,12-15), pelos ensinamentos ministrados aos discípulos (19,10-12. 14. 27-29) Jesus rumo à "subida" a Jerusalém, onde será cumprida sua missão terrena (20,17-19). É a viagem messiânica mostrada nos episódios que se seguem: o pedido ambicioso dos filhos de Zebedeu (20,20-28), o milagre da cura do cego de Jericó (20,29-34) e, sobremaneira, a entrada triunfal em Jerusalém (21,1-11).

Nos últimos dias de sua vida terrena, o gesto messiânico da purificação no templo é motivo de acirrada discussão de Jesus com os príncipes dos sacerdotes e anciãos do povo (21,23-46); com os fariseus (22,1-25; 23,34-35); com os saduceus (22,23-26); com os herodianos (22,16-22). Todos eles tinham secreta vontade de desmoralizar o Mestre e O desacreditando perante o povo encontrariam um modo de condená-Lo. Mas, naquele momento, eles não conseguiram realizar seu intento, pois numa contra- ofensiva Jesus lança sobre eles a severa invectiva dos "ai de vós escribas e fariseus hipócritas"... (23,13-33) indicando que, em breve, o juízo divino alcançará aquela geração incrédula (23,36). Dessa forma, Jesus encerra seus discursos apresentando "o discurso das últimas coisas" (24-25).

O QUINTO LIVRO SERÁ APRESENTADO EM DUAS PARTES:

PRIMEIRA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS OS TRECHOS APRESENTADOS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO

- 1 – Rumo a Jerusalém (19, 1-2)
- 2 – A indissolubilidade do matrimônio (19, 3-9)
- 3 - O celibato pelo Reino dos Céus (19,10-12)
- 4 – Jesus e as crianças (19, 13-15)
- 5 – O jovem rico (19, 16-26)
- 6 – A recompensa dos discípulos (19, 27-30)
- 7 – Os operários da vinha (20, 1-c16)

- 8 – O terceiro anúncio da paixão (20, 17-29)
- 9 – O pedido da mãe de Tiago e João (20, 20-28)
- 10 – Os cegos de Jericó (20, 29-34)
- 11 – A entrada triunfal em Jerusalém (21, 1-11)
- 12 – A purificação no Templo (21, 12-17)
- 13 – A figueira sem figos (21, 18-22)
- 14 – A autoridade de Jesus (21, 23-27)
- 15 – Os dois filhos (21, 28-32)
- 16 – Os lavradores homicidas (21, 33-46)
- 17 – O banquete nupcial (22, 1-14)
- 18 – O tributo devido a César (22, 15-22)

Textos de apoio:

- 1 – Rumo a Jerusalém (19, 1-2)

Terminando seu ministério em Cafarnaum, Jesus toma o caminho de Jerusalém. Da Galileia à Judeia, passando por Samaria, o caminho é mais curto. Entretanto, o Mestre escolhe passar pelo território além do Jordão - a Pereia - a fim de evitar a terra dos samaritanos que Lhe negaram hospedagem. (Ler Lc 9, 51-53).

- 2 – A indissolubilidade do matrimônio (19, 3-9)

Após registrar a partida do Mestre despedindo-se da Galileia, para não mais voltar, Mateus coloca em seu Evangelho a famosa disputa com os fariseus a respeito do divórcio. Foi para provocar Jesus que os fariseus Lhe perguntaram: "É lícito ao homem despedir sua mulher por um motivo qualquer?"

..."um motivo qualquer." A lei mosaica em Dt 24,1 permitia ao homem repudiar sua mulher ao descobrir nela "algum inconveniente". No tempo de Jesus isso era motivo de muito celeuma entre as escolas rabínicas de Hillel e a de Shammai. Hillel, bem mais tolerante, aceitava "qualquer causa" como motivo para o repúdio. A escola de Shammai, mais rigorosa, só reconhecia o divórcio se a causa fosse o adultério. Com grande habilidade, Jesus mostra as propriedades essenciais da unidade e indissolubilidade do matrimônio. O Criador, desde o princípio, fez o homem e a mulher e, instituindo o estado natural de casados, disse: "Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe e se une a sua mulher e formam uma só carne (Gn2,24). O casal - sociedade humana mais íntima de um homem com uma mulher - é uma unidade indivisível e os vínculos matrimoniais que o prendem são mais fortes que os vínculos de parentesco.

O divórcio, um costume entre os pagãos, era comum no Antigo Oriente. Moisés não prescreveu o divórcio. O grande legislador o permitiu, visando reprimir os abusos da poligamia e procurando poupar a esposa da crueldade e humilhação do repúdio, na maioria das vezes injustificado e levado a termo pela dureza dos corações. Mas a permissão mosaica não revogava a lei estabelecida por Deus desde a criação... Agora com Jesus - o Legislador da Nova Aliança - chegou o tempo de se ab-rogar essa tolerância. Leiamos atentamente os versículos 8 e 9 para escutar as palavras do Mestre.

3 – O celibato pelo reino dos céus (19, 10-12)

Depois das severas palavras do Mestre sobre a indissolubilidade do matrimônio e a seriedade da instituição familiar, e diante da atitude de desconcerto dos apóstolos em face do matrimônio, Jesus lhes fala sobre o celibato como um dom (daqueles que são celibatários por amor ao Reino) e as outras formas de vivê-lo.

No Judaísmo, baseando-se no preceito divino do livro do Gênesis "Crescei-vos e multiplicai-vos", a instrução religiosa era para que todo homem se casasse. A única exceção era em relação aos essênios que viviam no regime monacal e praticavam o celibato.

"Quem puder entender, que entenda..." Com essa advertência Jesus quer frisar o que Ele já explicara no versículo 11: O celibato é um dom especial que Deus oferece a alguns escolhidos. Mas esse dom não diminui de forma alguma a divina instituição matrimonial.

4 – Jesus e as crianças (19, 13-15)

Por não terem o conhecimento da Lei, os judeus não davam importância às crianças. A atitude dos discípulos querendo afastá-las de Jesus reflete essa mentalidade judaica. Mas o Mestre não pensava assim. Para Ele a criança espelha a pureza, a simplicidade, a inocência. Daí sua especial benevolência para com a infância: ela é um reflexo do Reino do céu.

5 – O jovem rico (19, 16-26)

Além de Mateus, o episódio do jovem rico é narrado pelos outros Sinóticos: Marcos 10, 17-27 e Lucas 18,18-27. No mesmo contexto da viagem messiânica rumo a Jerusalém, sua grande lição é mostrar o quanto difícil é o caminho que o Reino de Deus precisa percorrer para conquistar o coração do homem.

De acordo com a doutrina judaica a observância da Lei era o caminho para se salvar. Disso sabia o jovem rico. Num primeiro momento Jesus compartilha esse ponto de vista. Agora, entretanto, são novos tempos, e não basta somente o cumprimento da Lei antiga. Ela deve ser integrada e aperfeiçoada através do Evangelho. Esse caminho mais perfeito só pode ser realizado no segmento de Jesus Cristo. Despojar-se das riquezas terrenas, ao menos em espírito, é condição radical para alcançar o Reino dos Céus.

A pobreza efetiva está associada à condição social do ser humano ou à escolha de quem deixa os bens terrenos para um radical seguimento de Jesus.

A pobreza afetiva, necessária a todo cristão, é aquela que não permite ao ser humano se apegar aos bens terrenos (principalmente quando se é muito rico) fazendo da riqueza o seu ídolo. "Mais fácil é um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus..." Esta sentença é típica da linguagem oriental, dada a exageros para causar maior impacto na imaginação das pessoas.

A história da Igreja reverencia muitos santos que não se deixaram dominar pelo fascínio das riquezas e do poder. Para citar apenas alguns: Abraão, Zaqueu, Lázaro de Betânia, José de Arimateia, Santa Helena - mãe de Constantino - Imperador Romano, São Luís, rei de França, São Tomás Morus, Chanceler da Inglaterra na época de Henrique VIII, entre tantos outros.

6 – A recompensa dos discípulos (19, 27-30)

Aos que tudo deixam para segui-Lo, tal como o fizeram os Apóstolos, Jesus promete uma recompensa centuplicada no Reino dos Céus. Isto significa que todos os bens terrenos deixados por amor ao Reino receberão uma recompensa espiritual infinitamente compensadora.

..."na regeneração" significa: na renovação que o Cristo Glorioso irá trazer a toda a humanidade remida. Essa renovação, iniciada na Ressurreição de Jesus, será concluída no final dos tempos.

7 – Os operários da vinha (20, 1-16)

A parábola dos vinhateiros é própria de Mateus. Com ela, parece que Jesus quer explicar aos seus discípulos que, contrariamente ao que pensava a teologia judaica, a recompensa oferecida pelo patrão não é uma remuneração das "obras" realizadas pelo homem, mas, sobretudo, é fruto da superabundante bondade e misericórdia de Deus.

Deus não age com a lógica humana. Na parábola, o patrão seria injusto se não pagasse aos empregados da primeira hora o que tinha sido combinado. No lugar de se

queixarem, os primeiros a ser chamados deveriam perceber a generosidade do patrão para com os outros empregados que chegaram depois e receberam o mesmo que eles. Fica a lição: A nossa salvação é muito mais fruto da graça superabundante de Deus que do merecimento de nossas boas obras. A vida eterna é infinitamente maior que qualquer recompensa que se possa merecer e só é alcançada pelo amor sem medidas de Deus.

"Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos". Há quem dê a seguinte explicação: os judeus foram os primeiros a serem chamados à fé em Jesus e não O aceitaram. Os pagãos, graças aos ensinamentos dos Apóstolos, se converteram e fizeram florescer o Cristianismo.

8 – Terceiro anúncio da Paixão (20, 17-19)

Chegamos agora ao último trecho da viagem para Jerusalém... Os acontecimentos que ocorrerão na cidade santa levam Jesus a expô-los, a fim de preparar os discípulos e conscientizá-los da plena liberdade com que Ele se entregava à vontade do Pai para viver sua paixão e morte, mas **Ressuscitaria** ao terceiro dia.

9 – O pedido da mãe de Tiago e João (20, 20-28)

Não obstante o anúncio da paixão, era convicção de todos os discípulos que nessa subida a Jerusalém Jesus iria inaugurar seu reino messiânico. E todos desejavam um lugar de destaque no reino esperado. O ambicioso pedido da mãe de Tiago e João, discípulos que presenciaram a transfiguração de Jesus no Monte Tabor, dá ensejo para que o Mestre esclareça o tema da paixão e oferece a oportunidade de explicar que seu reino messiânico é muito diferente de todos os reinos da terra... Esses estão preocupados com o sucesso e o poder. No seu reino messiânico há de prevalecer não o espírito de domínio, mas o de serviço e de desapego... A exemplo do Filho do homem que veio ao mundo, não para ser servido, mas para servir.

Jesus esclarece que sua missão não consiste em distribuir honrarias, mas dar a vida pela salvação de toda a humanidade. A distribuição dos "lugares" é função do Pai Celeste.

10 – Os cegos de Jericó (20, 29-34)

Com algumas diferenças notáveis, Lucas (18,35-43) e Marcos (10,46-52) apresentam a passagem milagrosa dos cegos de Jericó.

A 28 km de Jerusalém existe a nova Jericó, perto dos limites da antiga Jericó, a mais antiga cidade do mundo. Na época de Jesus, a nova Jericó era uma cidade

promissora, embelezada por importantes obras arquitetônicas devidas a Herodes Magno e seu filho Arquelau. Depois de Jerusalém, Jericó era a cidade mais importante. Que lição podemos aprender com os cegos de Jericó?

Em primeiro lugar, acreditaram no poder de Jesus e o "viram" com os olhos da fé, pois O chamaram "Filho de Davi", nome clássico do Messias esperado. Depois, quando se exigia que calassem, gritaram ainda mais alto... Que bela lição! Não podemos deixar que o mundo nos cale quando nossa vocação cristã é dar testemunho do Cristo.

11 – A entrada triunfal em Jerusalém (21, 1-11)

A viagem de Jesus a Jerusalém colocou o Mestre face a face com a classe dirigente da nação eleita: fariseus, escribas, sumo sacerdotes, todos eles inimigos declarados de sua pessoa por causa de seus ensinamentos. A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, por sua própria iniciativa, traduz a exposição pública de sua realeza messiânica, até então vivida na penumbra. Ao finalizar sua jornada, chegara o momento de se expor. Montado num jumentinho (animal que simboliza a paz), entre os clamores e alegrias dos ramos erguidos, Jesus triunfa, não pela violência, mas pela mansidão. Sua realeza, longe da pompa e do poder, é manifestação de sua humildade. Passar por vestes estendidas era um modo de os súditos reverenciarem o rei no dia de sua ascensão ao trono; ramos e palmas erguidas e baloiçando ao ar eram manifestação de alegria nas grandes solenidades; os gritos de "Hosana!" eram saudações de júbilo... Tudo isso aconteceu na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém.

12 – A purificação do Templo (21, 12-17)

O Templo era o centro religioso e político de Israel e principal lugar onde atuavam os poderosos inimigos de Jesus.

O pagamento do tributo ao Templo com moeda sagrada exigia o trabalho de cambistas e a compra de vítimas para os sacrifícios levaram as autoridades religiosas a permitir uma certa atividade comercial no átrio externo do templo. Esse lugar era chamado também "átrio dos gentios". Essa mistura de religião e comércio não estava isenta de abusos e de corrupção. Com determinação, Jesus expulsou todos os vendilhões e, exaltado, lembrou palavras do profeta Isaías (Is 56,7): "*Minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos*" e acrescentou o que dissera o profeta Jeremias: "*Vós confundis essa Casa com um covil de ladrões.*" (Je 7,11)

Cegos e coxos eram proibidos de entrar na Casa de Oração. Ao aceitá-los no Santuário e curá-los na presença dos sacerdotes e fariseus, Jesus mostra-se o

Messias que está acima da Lei, aquele que cura toda enfermidade e que tem a aprovação de Deus, sem a qual não poderia curar.

O texto termina dizendo que Jesus deixou a cidade e foi pernoitar em Betânia. Certamente Jesus se afastou porque sentiu-se rejeitado. Mais uma lição... Todo aquele que rejeita os toques da graça, fecha o coração à entrada de Deus. Se vier a morrer nessa obstinada opção de recusa à aceitação de Deus e ao seu infinito amor e misericórdia estará lavrando sua própria sentença. O inferno é estar afastado de Deus.

13 – A figueira sem figos (21, 18-22)

A figueira estéril é o único caso narrado nos evangelhos de um "milagre de maldição". Procuremos entender por partes: um gesto simbólico, uma parábola em ação para chegar a um grande entendimento: "A FÉ REMOVE MONTANHAS."

A terra de Israel conta com duas safras de figo por ano. Na primeira, os frutos começam a amadurecer em junho. Durante dez meses do ano encontramos frutos verdes e maduros... e ainda podemos encontrar alguns figos temporões. Quase sempre é possível achá-los. É esses últimos que Jesus foi procurar na figueira à beira do caminho e aproveitou para dar uma lição impactante. Oh! como é grande o valor da oração. Tudo o que pedirmos com fé nós o alcançaremos na medida do amor de Deus, pois Ele nos dará sempre o que for melhor para nós.

A árvore infrutífera é metáfora de qualquer ser humano que, sistematicamente, se opõe a Deus e aos seus desígnios.

14 – A autoridade de Jesus (21, 23-27)

"Com que direito fazes essas coisas?" Essa pergunta se referia a tudo que Jesus tinha "aprontado": sua pregação dentro do Templo, a expulsão de vendilhões que agiam com usura, a cura dos cegos e coxos que eram excluídos da Casa de Oração e protagonista da aclamação de crianças que bradavam: "Hosana ao Filho de Davi". As autoridades máximas dos judeus e os Anciãos do Povo, irritados, exigiam uma legitimação do poder que Jesus arrogava a si próprio.

Servindo-se de um meio comum na dialética rabínica, Jesus responde com uma contra-pergunta, sabendo que eles não teriam condição de respondê-la. Como o povo considerava João Batista um profeta de Deus, diante da pergunta capciosa de Jesus os sumo sacerdotes perceberam que o melhor era se recolherem, a fim de não incitar a fúria da multidão.

15 – Os dois filhos (21, 28-32)

A parábola dos dois filhos nos alerta para a precedência das prostitutas e dos publicanos no reino dos céus. Esta é a primeira das "parábolas de Ruptura"... Somente a segunda, a dos maus vinhateiros, é apresentada por todos os sinóticos.

... dois filhos - simbolizam as categorias aceitas pelo pensamento religioso judaico: de um lado, o povo "eleito", representado pelos israelitas que responderam ao chamado divino somente em palavras; do outro lado, os publicanos, as prostitutas, os pecadores que com os fatos responderam ao apelo de conversão de João Batista e de Jesus Cristo. Estes se abriram e se converteram, enquanto aqueles, certos de serem escolhidos e justos, não aceitaram a conversão.

16 – Os lavradores homicidas (21, 33-46)

Esta parábola, sob o tênue véu de uma composição alegórica, mostra a rejeição de Israel ao plano de salvação oferecido pelo Messias. Este plano será oferecido e aceito por outro povo (os pagãos) que dará "os frutos a seu tempo".

Os sacerdotes e fariseus ali presentes entenderam muito bem que Jesus se referia ao povo judeu. O pai de família referia-se a Deus Pai e a vinha era o povo escolhido. Eles torturaram e aniquilaram os profetas, mensageiros de Deus; e a pedra rejeitada, que iria se transformar na pedra principal, era uma clara alusão à encarnação do Verbo.

17 – O banquete nupcial (22, 1-4)

A imagem do banquete nupcial é usada tanto no AT como no NT. Receber o convite para "a festa de casamento do Filho" significa aceitar o convite de viver o Evangelho.

A lição da parábola é a mesma das duas anteriores: os israelitas que foram chamados em primeiro lugar ao recusar o Messias, eles mesmos se excluem do reino de Deus e dão lugar aos pecadores e pagãos que aceitam o convite.

A veste nupcial simboliza os requisitos espirituais que possibilitam ao homem usufruir dos bens messiânicos.

Antes de dar início ao banquete da eternidade, haverá o julgamento em que bons e maus serão separados, isto é, quem fez a fé frutificar em obras e quem só viveu para si. Esses últimos estarão fora da sala iluminada do paraíso e se fixarão nas trevas em que viverão por decisão própria...

"Muitos são os chamados e poucos os escolhidos" - Esta frase até poderia exprimir a tristeza de Jesus em constatar como seu apelo de salvação, dirigido a tantos, encontrou repercussão no coração de poucos. Mas na parábola do banquete nupcial ela está relacionada principalmente à recusa dos "primeiros convidados"- o povo eleito.

18 – O tributo devido a César (22, 15-22)

Ao ensinamento em parábolas "O tributo a Cesar" esclarece uma contenda com os herodianos. Estes, não constituíam partido nenhum. E nem eram nenhuma seita religiosa como o eram os saduceus, os fariseus... Os herodianos eram apenas adeptos à dinastia de Herodes; portanto, submissos aos dominadores romanos. Foi através deles que os fariseus levaram o julgamento de Jesus para o campo político, conseguindo um pretexto válido para que as autoridades romanas O condenassem.

"É lícito pagar impostos a César ou não? É uma pergunta capciosa. O tributo "pro capite", exigido pelos romanos, não era pago com bons olhos, pois lembrava aos israelitas o domínio de uma nação pagã sobre o povo eleito. Os fariseus e os fanáticos zelotes faziam desse ponto uma questão religiosa. Entretanto, havia discordância de pareceres que dificultava chegar a uma solução.

A moeda de prata usada para o pagamento do tributo trazia, junto com sua efígie, a inscrição: Tibério César, filho do divino Augusto.

Jesus, conhecendo a hipocrisia dos adversários, que desejavam lhe armar uma cilada, aproveita a oportunidade para enunciar um princípio de grande valor para toda a humanidade: a clara distinção entre Estado e religião; entre poder político e espiritual. "*Dar a César o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.*" Explicitando: pagando o tributo à autoridade romana não se compromete de maneira alguma a autoridade divina, pois a ordem religiosa não é necessariamente limitada pela ordem política.

Sugestão para a troca de ideias:

A - Escolher um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros explicando o motivo da escolha.

B - Em Mateus 19,16-26, encontramos o diálogo do jovem rico com Jesus. Diálogo aberto e esclarecedor que nos leva às perguntas:

1ª - O que devo fazer para alcançar a vida eterna?

2ª -- As riquezas são obstáculos à salvação?

PARA ILUSTRAR O TEMA

A vinha de Javé dos exércitos é a casa de Israel

Num admirável cântico, o profeta Isaías exalta os cuidados amorosos, embora em vão, de Deus para com sua vinha:

"Eu quero cantar para meu amigo/ o canto de amor a respeito de sua vinha;/ meu amigo possuía uma vinha;/ele a cavou e retirou dela as pedras;/ plantou-a de cepas escolhidas. Edificou-lhe uma torre no meio e construiu aí um lagar./ E contava com uma colheita de uvas, mas ela só produziu uvas selvagens" (Is 5,1-2)/ Mas o amor não fica desiludido à toa; o castigo se faz presente."/Pois bem, mostrar-vos-ei agora/ o que hei de fazer à minha vinha:/ arrancar-lhe-ei a sebe para que ela sirva de pasto,/derrubarei o muro para que seja pisada;/ eu a reduzirei à desolação;/não será podada, nem cavada,/e nela crescerão apenas sarças e espinhos..." (Is 5,5-6)

O castigo ameaçado não se fez esperar: vieram do Norte os exércitos da Babilônia para fazer estragos na vinha de Javé.

Mais tarde o salmista elevou a Deus suas lamentações nestes termos:

"Uma vinha do Egito vós arrancastes;/ expulsastes povos para a replantar./ O solo, vós lhes preparastes;/ ela lançou raízes nele e se espalhou na terra./ As montanhas se cobriram com sua sombra/ e seus ramos ensombraram os cedros altíssimos./ Até ao mar ela estendeu sua ramagem./e até o rio os seus rebentos./por que derrubastes os seus muros,/de sorte que os pedestres o vindimem,/ e a devaste o javali do mato/ e sirva de pasto aos animais do campo?/ Senhor dos exércitos.../Olhai do alto do céu, olhai e vinde visitar a vinha;/revigorai esta cepa por vós plantada,/ este rebento que vossa mão cuidou!" (Sl 80[79],9,17)

Nos tempos messiânicos Deus se inclinou com desdoblado amor sobre sua própria vinha, mas "arrendará a vinha a outros lavradores que lhe deem os frutos a seu tempo" (Mt21,41)

Extraído do livro "Evangelho da Igreja segundo Mateus", Editora Vozes Ltda, página163

oOo

SEGUNDA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS OS TRECHOS APRESENTADOS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO

- 19 - A ressurreição dos mortos (22,34-40)
- 20 - O grande mandamento (22,41-46)
- 21 - A origem do Messias (22,41-46)
- 22 - Hipocrisia dos escribas (23,1-7)
- 23 - A fraternidade cristã (23,8-12)
- 24 - Contra fariseus hipócritas (23,13-33)
- 25 - O juízo de Deus está próximo (23,34-39)
- 26 - A pergunta dos discípulos (24,1-3)
- 27 - O início dos sofrimentos (24,4-14)
- 28 - A grande tribulação (24,15-22)
- 29 - Os falsos cristãos (24,23-28)
- 30 - A parusia (24,29-31)
- 31 - Próximo é o tempo, incerta é a data (24,32-36)
- 32 - Será como o dilúvio (24,37-41)
- 33 - Será como o ladrão (24,42-44)
- 34 - O servo fiel (24,45-51)
- 35 - As dez virgens (25,1-13)
- 36 - Os talentos (25,14-30)
- 37 - O juízo final (25,31-46)

Textos de apoio:

- 19 - A ressurreição dos mortos (22,23-33)

Depois de os herodianos perguntarem sobre o tributo a César é a vez de os saduceus interrogarem Jesus sobre a ressurreição. Os saduceus só aceitavam a autoridade da Lei escrita, que abrangia apenas os cinco livros do Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio. Essas divinas escrituras eram a única fonte de sua fé. Não aceitavam alguns pontos de doutrina elaborados mais tarde pela "Tradição" como a imortalidade da alma, a ressurreição dos corpos e a existência de seres espirituais. O ponto de maior controvérsia entre eles e os fariseus era a respeito da ressurreição.

A Lei do Levirato (do latim "levir" cunhado), conforme Dt25,5-6, consistia em garantir um herdeiro ao falecido, para a conservação do nome da família e de seus bens patrimoniais. Essa Lei obrigava o irmão do falecido sem filhos a tomar a cunhada por esposa e ao primeiro filho homem que tivessem, dar o nome do falecido e considerá-lo filho dele com todos os direitos. O caso apresentado a Jesus pelos saduceus é totalmente inverossímil.

Em resposta ao tosco materialismo dos saduceus, que não compreendem a Escritura, Jesus explica a necessidade do casamento como preservação da raça humana; lembra que o Pentateuco afirma a existência dos anjos e na ressurreição o Deus dos vivos nos devolverá nosso corpo glorificado.

20 - O grande mandamento (22,34-40)

Mais uma controvérsia. A casuística rabínica havia compilado 613 preceitos da Lei, 248 dos quais considerava "graves" e os outros classificados como "leves". Para testar Jesus um doutor da Lei indaga: "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?" Jesus dá uma resposta clara e sábia explicando o preceito do amor a Deus imposto a Israel no Antigo Testamento. Esse amor, que não se esgota no cumprimento das exigências exteriores do culto, é um apelo à parte mais íntima do homem; seu coração... alma... mente. Na oração chamada shema' Isra'el - "escuta Israel" - esse preceito fundamental da religião hebraica era lembrado todos os dias pelos israelitas.

Ao amor de Deus, Jesus liga o amor do próximo, colocando-o no mesmo plano: *"Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente. Amarás o próximo como a ti mesmo."*

"A Lei e os Profetas" significa todos os preceitos divinos contidos nas Sagradas Escrituras. A Lei de Moisés (Pentateuco) e os profetas formavam a norma de vida dos judeus antes de existir o Novo Testamento. Por isso a expressão "A Lei e os profetas" abrangendo toda a Bíblia constituía a vontade de Deus expressa na revelação.

21 - A origem do Messias (22,41-46)

Agora é a vez de Jesus fazer uma pergunta aos fariseus: *"O que pensais do Cristo?"* De quem é filho? Não pode ser de Davi, apesar de ser o maior rei de Israel. O Messias é algo mais que um simples descendente da dinastia davídica, algo muito maior que o próprio Davi que o chama "meu Senhor".

O Messias é filho de Davi, segundo a descendência humana. Ele é o Senhor, por descendência divina. Ele tem duas naturezas: é Deus feito homem.

22- Hipocrisia dos escribas e fariseus (23,1-7)

"Cátedra de Moisés" eram assentos de pedra e lugares de honra nas sinagogas e nos templos reservados aos doutores da Lei. E quem eram eles? Quem superasse os longos estudos bíblicos com sucesso, aos 30 anos tornava-se escriba, rabino e oficial no ensino e interpretação da Lei de Moisés. Dedicavam-se ao ensino da Escritura nas escolas e nos templos e recebiam o título de doutores da Lei. Uns, os saduceus, seguiam a escola liberal de Hillel; outros, os fariseus, pertenciam à escola mais rigorosa de Shammai. Eram eles, e não os sacerdotes, os guias espirituais do povo. Com o passar do tempo, foram caindo num formalismo tão estreito e cheio de preceitos que conseguiram aniquilar o espírito da Lei. Muitos deles tornaram-se soberbos e agiam como se estivessem acima da Lei.

Jesus lhes reconhece a autoridade do ensino, mas adverte a multidão e os seus discípulos contra o seu comportamento, pois não faziam aquilo que exigiam dos outros. O que fazem, só o fazem por ostentação. Entre eles havia também gente correta, como Nicodemos, Gamaliel, José de Arimateia e outros...

23- A fraternidade cristã (23,8-12)

Ao contrário do modo de agir dos fariseus, que pleiteiam os melhores postos e lugares, Jesus pede a seus discípulos que não andem à cata de títulos honoríficos nem de preeminência... Isso faria romper o secreto vínculo que une em uma só família os diversos membros da comunidade cristã entre si e também macula a união com Deus Pai e com Jesus Cristo. Jesus não nega o vínculo de espiritual paternidade que se cria entre o mestre e o discípulo, entre os chefes das comunidades e seus membros. Ele apenas adverte para que não seja permitido o espírito de ambição no seio da Igreja.

24 - Contra fariseus hipócritas (23,13-33)

Os sete "ai de vós" é a mais veemente e dura advertência que Jesus profere contra os escribas e fariseus. Ele deixa bem claro o quanto existe de falsidade na doutrina que eles pregam.

"Fechar o reino dos céus..." a eles é atribuída a incredulidade de Israel. Como intérpretes da vontade divina expressa na Lei e detentores da chave do Reino, eles não entram nesse Reino e ainda barram o caminho daqueles que estão ligados à sua autoridade.

"Vós que percorreis o mar": alusão à campanha de proselitismo feita pelo judaísmo no mundo greco-romano, dando origem ao fenômeno da diáspora. Não sendo guiada por

um espírito missionário e religioso, essa campanha tinha como principal causa ampliar a influência e o prestígio de Israel no mundo antigo.

"Se alguém jura..." Jesus condena as farisaicas distinções que possibilitavam defraudar o espírito da Lei.

"Pagais o dízimo..." a Lei mosaica prescrevia o pagamento do dízimo sobre os principais produtos da terra, como o trigo, o vinho, o azeite... Os rabinos exploravam o povo estendendo essa obrigação a todos os outros produtos; até das plantas aromáticas e temperos...

"Engolis um camelo..." imagem hiperbólica, própria da linguagem bíblica, para mostrar o espírito farisaico extremamente meticuloso na observância dos rituais e negligente para com os preceitos mais importantes como: justiça, misericórdia, boa fé, solidariedade...

"Sepulcros caiados..." referência sobre o costume hebreu de pintar os sepulcros, ou seja, cuidar da aparência.

"Acabai, pois, de encher..." uma ponta de ironia, típica da linguagem bíblica, para mostrar a gravidade do crime que eles, "os guias cegos" de Israel, vão cometer. Ao matar o Messias eles finalizam a atitude criminosa de seus pais.

25 - O juízo de Deus está próximo (23,34-39)

Depois da advertência aos fariseus, agora a censura de Jesus se amplia e abrange toda a nação eleita. Um tremendo castigo divino se abaterá sobre ela.

Jesus anuncia que, na tentativa de oferecer-lhes a conversão, enviará mestres e profetas do Novo Testamento, mas tal como aconteceu com os do Antigo Testamento eles os castigarão e os aniquilarão. A Igreja apostólica sofrerá perseguição e martírio. Com a morte do Messias e de seus enviados se encerrarão os crimes religiosos registrados em sua história.

O lamento de Jesus sobre Jerusalém não se refere apenas à Cidade Santa, mas também aos inúmeros apelos que Deus, através de seus enviados, dirigiu ao seu povo eleito no decorrer de sua história. A casa deserta cessará quando os judeus reconhecerem Jesus como o enviado de Deus, "aquele que veio a Israel em nome de Deus."

26 - A pergunta dos discípulos (24,1-3)

Segundo José Flávio, a maravilha das construções do Templo, ampliadas por Herodes, podiam ser consideradas uma das sete maravilhas do mundo antigo. Entre os rabinos

até existia uma sentença que assim dizia: "Quem não contemplou o Templo em sua perfeição jamais viu um edifício esplêndido."

As palavras duras de Jesus sobre a destruição do Templo reevocam as agressivas palavras dos profetas que, diante da fé dos israelitas sobre a indestrutibilidade da cidade santa e do Templo, já pregavam sua destruição quando da invasão dos babilônicos. Assim dizia o profeta Miquéias (Mq 3,12): "Sião será lavrada como um campo; Jerusalém se tornará um montão de ruínas".

A destruição do Templo de Jerusalém é uma prefiguração do fim da Antiga Aliança e a expansão do Reino de Jesus.

27 - O início dos sofrimentos (24-4-14)

À pergunta dos discípulos (feita no texto anterior) temos agora os esclarecimentos do Mestre: as calamidades pregadas como "sinais escatológicos", isto é, do fim do mundo, na explicação de Jesus, ganham a tonalidade de calorosa exortação à calma e à corajosa firmeza na profissão da fé. Aparecerão falsos profetas como apareceram Teudas, Judas Galileu, Simão Mago, o Egípcio... a fim de enganar o povo de Deus. Mas, quem perseverar na fé, não se deixando levar pelas falsas doutrinas nem pelos maus exemplos, esses se salvarão. Apesar de todas as maquinações do mal, o Evangelho do Reino de Deus será proclamado em todo o mundo conhecido.

28 - A grande tribulação (24,15-22)

A abominação e desolação designam a profanação do Templo, realizada por Antíoco Epifanes quando mandou erigir a estátua de Zeus, deus pagão olímpico, e colocá-lo no altar dos holocaustos; a invasão dos Zelotes em 68 dC, que transformou o Templo em uma fortaleza, profanando e perpetrando aí gravíssimos crimes, como o derramamento do sangue inocente de milhares de vítimas, inclusive de dois sumo sacerdotes.

As palavras de Jesus alertando para o abandono da cidade condenada e a urgência da fuga para os montes, devido à eminência do perigo, faz parte do estilo apocalíptico. Está registrado na obra de Eusébio (História Eclesiástica 5,6) que este convite de Jesus foi aceito pelos cristãos da cidade de Jerusalém. Quando as legiões romanas invadiram a cidade santa, eles, em massa, se refugiaram em Pela, cidade helenística, na Transjordânia.

"Se não se abreviassem aqueles dias..." o sentido dessas palavras é: graças àqueles que aceitaram o Evangelho e passaram a formar o novo povo de Deus, a desgraça de Israel poderia ser maior. No triste anúncio do fim, anuncia-se o alegre anúncio de um

"resto de Israel" que será salvo, como já predissera o profeta Isaias; "Se o Senhor dos exércitos não nos deixasse um resto, seríamos como Sodoma, pereceríamos como Gomorra" (Is 1,9).

29 - Os falsos cristãos (24,23-28)

Depois de alertar seus discípulos contra os falsos profetas e falsos messias, como já o fizera nos versículos 4 e 5 do capítulo 24, Jesus introduz a lição escatológica que tem como tema a **parusia**, isto é, a segunda vinda do Senhor, no final dos tempos.

Nos escritos proféticos, fenômenos atmosféricos eram muito usados para indicar a vinda do Senhor. Em Zacarias 9,14, lemos: "O Senhor lhes aparecerá/ disparando flechas como raios, o Senhor tocará a trombeta/ e avançará entre furacões do sul." Jesus também usa esse tipo de imagem: "Como o relâmpago que surge do oriente e brilha até o ocidente, assim será a vinda do Filho do homem."

"Onde estiver o cadáver, ali se reúnem também os abutres." É um provérbio também encontrado no livro de Jó (Jó 39,28-30) e lembra a imagem do urubu que, do alto dos céus, rapidamente se precipita para pegar o corpo de animais mortos; é como o relâmpago que mostra a subitaneidade e infalibilidade do castigo.

30 - A parusia (24,29-31)

"Logo em seguida, depois da tribulação daqueles dias..." referência sobre a fase do fim do mundo judaico antigo e começo da fase que se abre na história da salvação. Trata-se agora da era vitoriosa do cristianismo, marcada pela dinâmica presença do Cristo Ressuscitado.

Os cataclismos estão sempre presentes nos temas convencionais do gênero apocalíptico. Como já explanamos, essas metáforas são usadas na linguagem profético-apocalíptica do Antigo Testamento para indicar a intervenção ora punitiva, ora salvífica de Deus nos acontecimentos humanos. No Novo Testamento, além do Apocalipse de João, o Apóstolo Pedro usa as mesmas imagens apocalípticas para descrever o extraordinário evento da descida transformadora e renovadora do Espírito Santo em Pentecostes.

"Sinal do Filho do homem..." Cristo glorioso vai realizar a profecia de Daniel a respeito do misterioso personagem "semelhante a filho de homem": Escutemos o profeta: "Continuei olhando e na visão noturna notei vir nas nuvens do céu uma figura humana, que se aproximou do ancião e foi apresentada diante dele. Deram-lhe poder real e domínio: todos os povos, nações e línguas o respeitarão. Seu domínio é eterno e não passa, seu reino não tem fim. (Dn 7,13)

31 - Próximo é o tempo, incerta a data (24,32-36)

Ainda respondendo à pergunta dos discípulos: "quando acontecerá tudo isso?" (v.3), Jesus apresenta a parábola da figueira.

No Oriente as estações são praticamente duas: o inverno, tempo da sementeira; o verão tempo da colheita. Na Bíblia, tal como a videira, a figueira é símbolo de prosperidade, de paz e o despontar de seus brotos, no final do inverno, espelham as bênçãos divinas; esses brotos são o prenúncio da imediata "primavera" da Igreja.

A expressão "essa geração" refere-se à nação eleita que não aceitou a mensagem evangélica. Numa visão mais ampla, podemos incluir todos aqueles que, em todos os tempos, se opõem à mensagem salvífica de Cristo.

A expressão *"passará o céu e a terra, minhas palavras não passarão"* atesta a veracidade das palavras de Cristo. Quanto "a data e a hora" Santo Agostinho nos fala: "Afirmou que não sabia o dia, porque não cabia em sua qualidade de Mestre dá-lo a conhecer a nós."

32 - Será como o dilúvio (24,37-41)

A tragédia do dilúvio que se abateu sobre os que não acreditaram em Noé é um alerta para a necessidade de crer e preparar-se para o grandioso acontecimento que se oferece como fonte de salvação.

O versículo 40 dá ênfase ao valor da vigilância. O cristão deve estar sempre vigilante. O importante não é ter conhecimento da hora, do onde, do quando, mas viver de tal forma que a última hora vá encontrá-lo em íntima comunhão com Deus.

33 - Será como o ladrão (24,42-44)

Por ser a hora incerta, faz-se mister vigiar. A imagem do ladrão comparada à "vinda do Senhor" é usada em algumas passagens dos escritos apostólicos (2Pd 2,10). No Apocalipse (3,3) a imagem do ladrão se aplica ao próprio Cristo: "Atenção, pois eu chego como ladrão!" (Ap 16,17)

34 - O servo fiel (24,45-51)

Jesus apresenta a parábola do servo bom e do servo mau diretamente aos que ocupam cargos e serviços na comunidade de Deus. Pessoas da confiança do Senhor, eles devem ministrar aos fiéis que estão sob sua tutela os bens espirituais que lhes foram confiados. A incumbência de zelar pelo cristianismo coube, em primeiro lugar, aos Apóstolos e, mais tarde, aos seus sucessores: bispos, sacerdotes, religiosos e leigos atuantes em ministérios apostólicos na comunidade. Como administradores dos

bens do Senhor, eles têm a responsabilidade de servir com zelo e amor, pois terão de prestar contas diante de Cristo, que lhes dará o prêmio ou o castigo.

35 - As dez virgens (25,1-13)

Própria de Mateus e intimamente ligada à anterior (O servo fiel), a parábola das dez virgens que vão ao encontro do noivo enfatiza a admissão ou exclusão daqueles que perseveraram ou não, na espera do encontro com Cristo. Trata-se de uma alegoria da união de Cristo com seus seguidores no cristianismo e na Igreja.

As dez virgens personalizam a universalidade dos cristãos. As lâmpadas são o símbolo da fé. A espera na casa da noiva marca o tempo da vida presente. O óleo são as boas obras e a vida fraterna que alimentam nosso amor a Deus. Por esse motivo, pertencem somente àqueles que praticaram o bem e não podem ser transferidos para outrem.

36 - Os talentos (25,14-30)

Da parábola das dez virgens, visando a prudência e a vigilância, Mateus nos leva para o campo da economia, através da parábola dos talentos. Tal como os servos que receberam de seu senhor valorosos talentos de prata para administrar-lhe os bens durante sua longa viagem, no campo espiritual somos responsáveis pelos talentos que recebemos e deles devemos ser fiéis administradores. Eles são nosso potencial para a construção do reino de Deus no mundo. A responsabilidade é proporcional ao talento recebido. Toda pessoa recebe, em grau menor ou maior, qualidades físicas, intelectuais, sociais, artísticas, contemplativas, morais, administrativas... que deverão ser conduzidas para o bem comum, a fim de que em todas as coisas Deus seja glorificado.

37 - O juízo final (25,31-46)

Usando de imagem apocalíptica tradicional e com solene dramaticidade Jesus descreve a cena do juízo universal. Cristo em sua qualidade de juiz é chamado "rei" e acompanhado de sua corte de anjos assenta-se no "trono glorioso". Diante dele, depois da ressurreição final, estarão reunidos todos os homens e mulheres de todos os tempos e de todas as nações. Como o Profeta Ezequiel (34,17), Jesus usa a imagem do pastor que separa as ovelhas dos cabritos; ele colocará os "benditos" à sua direita e à esquerda ficarão os "malditos." As obras de misericórdia descritas no texto serão o critério da separação entre os bons e os maus. Seguindo o exemplo de Jesus que se fez próximo dos necessitados, dos pequeninos e deserdados, todos serão julgados de acordo e na medida de seu amor ao próximo. Prêmio e castigo são de cunho

escatológico: Prêmio, participação no banquete do Senhor na casa do Pai; Castigo, a expulsão e as trevas da morte (8,12).

O céu é dom que Jesus nos alcançou pela sua paixão e morte e dele fazemos jus através da prática das obras de misericórdia. O inferno é auto exclusão definitiva da comunhão com Deus. Egoisticamente, o ser humano se tranca dentro de si mesmo e não estende as mãos aos mais carentes. É impossível amar a Deus que não se vê e desprezar o próximo que se vê.

EU SOU O PRÓXIMO DE TODOS AQUELES QUE CRUZAM MEU CAMINHO.

oOo

Sugestão para a troca de ideias

A - Escolher um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros explicando o motivo da escolha.

B - O Evangelho nos fala dos bons que seguiram Cristo e dos maus que não o aceitaram. O que você pensa a respeito de todos aqueles que não tiveram a chance de conhecer Jesus e seu Evangelho?

Para ilustrar o tema:

1º) O JULGAMENTO NA CARIDADE

"Quando Jesus, no "monte", deu início à sua atividade de Mestre com o sermão inaugural, inseriu entre as "bem-aventuranças" - as condições indispensáveis para se ter acesso ao reino dos Céus - a da misericórdia. *"Felizes os que se compadecem porque alcançarão misericórdia"*. (Mt 5,7)

Concluindo sua atividade didática com o discurso escatológico, Jesus coloca as obras de misericórdia - dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, acolher o peregrino, vestir os nus, visitar os enfermos, consolar os encarcerados - no vértice dos valores morais, em base aos quais o discípulo de Cristo será julgado e encontrado digno ou não de possuir o reino que lhe foi "preparado desde a criação do mundo." (Mt 25,34).

A razão dessa preeminência na conduta moral, das obras de misericórdia, se explica, como explicitamente Jesus havia ensinado, pela mesma misericórdia de Deus, que o cristão deve imitar: "Sede misericordiosos como o Pai é misericordioso" (Lc

6,36). Ora, na caridade cristã intervém um elemento absolutamente novo: o amor de Cristo que faz de seus discípulos uma verdadeira família, na qual cada membro não é apenas um "próximo", mas verdadeiro irmão: *"Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros"* (Jo13,34). *"Todas as vezes que fizestes a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes"* (25,40).

É o quadro ideal que São Paulo propõe à comunidade cristã, escrevendo aos Romanos: "Seja sincera a vossa caridade. Aborrecei o mal, atendo-vos ao bem. Sede cordiais no amor fraterno entre vós. Rivalizai em honrar-vos reciprocamente. Socorrei as necessidades dos fiéis. Esmerai-vos na prática da hospitalidade. Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram. Vivei em boa harmonia uns com os outros. Não pagueis a ninguém o mal com o mal. Procurai o bem aos olhos de todos os homens." (Rm 12,9-17). Tudo isto porque "o amor é o cumprimento da Lei" (Rm13,10) e, "acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição" (Cl 3,14).

Extraído do livro "Evangelho da Igreja, Segundo Mateus" Editora Vozes Ltda (página 161)

2º) Encerrando seu livro "O nome de Deus é misericórdia", o autor Andrea Tornielli faz a seguinte pergunta ao nosso amado Papa Francisco:

As famosas "obras de misericórdia" da tradição cristã são ainda válidas para esse terceiro milênio ou terão de ser repensadas?

Leiamos com atenção as sábias palavras de Francisco:

"São atuais, são válidas. Talvez em alguns casos se possa "traduzir" melhor, mas continuam a ser a base do nosso exame de consciência. Elas nos ajudam a nos abrir à misericórdia de Deus, a pedir a graça de entender que sem misericórdia a pessoa não pode fazer nada, e que "o mundo não existiria", como dizia a senhora que encontrei em 1992.

Observamos acima de tudo as sete obras de misericórdia corporal: dar de comer aos famintos; dar de beber aos sedentos; vestir quem está nu; acolher os peregrinos; visitar os doentes; visitar os prisioneiros; enterrar os mortos. Parece-me que não há muito o que explicar. E se olharmos para a nossa situação, para as nossas sociedades, parece que não faltam circunstâncias e oportunidades à nossa volta. Perante o sem-teto que dorme debaixo da nossa janela, o pobre que não tem o que comer, a família dos nossos vizinhos que não tem o suficiente para chegar ao fim do mês devido à crise, por que o marido perdeu o emprego, que devemos fazer? Perante os imigrantes que sobrevivem à travessia

e desembarcam nas nossas costas, como devemos nos comportar? Perante os idosos solitários, abandonados, que não têm mais ninguém, que devemos fazer? Gratuitamente recebemos, gratuitamente damos. Somos chamados a servir Jesus crucificado em cada pessoa marginalizada. A tocar a carne de Cristo em quem é excluído, tem fome, tem sede, está nu, preso doente, desempregado, perseguido ou refugiado. Ali encontramos o nosso Deus, ali tocamos o Senhor. Foi o próprio Jesus quem disse, explicando qual será o critério pelo qual todos seremos julgados: todas as vezes que fizermos isso ao menor dos nossos irmãos, teremos feito a Ele. (Evangelho de Mateus 25,31-46).

Às obras de misericórdia corporal seguem as de misericórdia espiritual: aconselhar os indecisos; ensinar os que não sabem; advertir os pecadores; consolar os aflitos; perdoar as ofensas; suportar pacientemente as pessoas difíceis; rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos. Pensemos nas primeiras quatro obras de misericórdia espiritual: no fundo não têm a ver com aquilo que definimos como "o apostolado do ouvido"? Aproximar-se, saber escutar, aconselhar, ensinar acima de tudo com o nosso testemunho.

Da acolhida ao marginalizado que está ferido no corpo e da acolhida ao pecador que está ferido na alma, depende a nossa credibilidade como cristãos. Recordemos sempre as palavras de São João da Cruz: "No entardecer da vida, seremos julgados sobre o amor."

CAPÍTULO VIII - EPÍLOGO

OS ACONTECIMENTOS PASCAIS (Mt 26, 28)



A RESSURREIÇÃO

Chegamos à última seção do nosso estudo sobre o Evangelho segundo Mateus. Comum aos quatro evangelistas, aqui é narrado o epílogo da história terrena de Jesus que abrange os acontecimentos pascais: paixão, morte e ressurreição do Messias, nosso SALVADOR.

Inicialmente, temos uma introdução (26,1-16) apresentando alguns aspectos importantes para a compreensão do desfecho da dolorosa história. Em seguida, vem o ciclo da última ceia (26,17-35), onde é narrada a instituição da Sagrada Eucaristia, uma espécie de "paixão sacramental"; segue-se o desenrolar da paixão no Jardim das Oliveiras (26,36-56). Então nos é apresentado o processo condenatório (26,57 - 27,31). E, para finalizar, a execução da sentença condenatória da morte na cruz, seguida da crucificação, morte e sepultamento (27,32-66). O Evangelho de Mateus encerra com a ressurreição de Cristo, sua primeira aparição na Galileia (28, 1-15) onde confere a seus discípulos a missão de fazer discípulos d'Ele todos os povos. (28,16-20)

Muito mais que uma crônica histórica, os últimos momentos da vida terrena de Jesus Cristo devem ser aceitos como um autêntico tratado de teologia da cruz.

NOSSO TEMA DE ESTUDO SOBRE O EPÍLOGO SERÁ DIVIDIDO EM DUAS PARTES:

PRIMEIRA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS, USANDO O TEXTO DE APOIO

Introdução

- 1 - Às vésperas da Páscoa (26, 1-5)
- 2 - A unção de Betânia (26, 6-13)
- 3 - A traição de Judas (26, 14-16)

Instituição da Eucaristia

- 4 - Os preparativos para a ceia (26,17-19)
- 5 - O anúncio da traição (26,20-25)
- 6 - A instituição da Eucaristia (26,26-29)
- 7 - A negação de Pedro (26,30-35)

Paixão no Jardim das Oliveiras

- 8 - A agonia interior (26,36-44)
- 9 - A traição (26,45-50)
- 10 - As escrituras se cumprem (26,51-56)

Processo condenatório

Texto de apoio

1 – Às vésperas da Páscoa 26, 1-5)

Terminado o último dos cinco discursos que compõem a trama evangélica de Mateus, aqui o evangelista começa a narração da paixão, morte e ressurreição do nosso SALVADOR e finaliza seu minucioso trabalho.

A Páscoa, a Pesah dos judeus, designava a passagem do anjo exterminador que no Egito poupou os primogênitos dos israelitas. Era a maior festa nacional, quando os judeus imolavam um cordeiro, cujo sangue – tal como na primeira Páscoa no Egito – era aspergido nos umbrais das portas e, assim, comemoravam a libertação do povo hebreu.

O prenúncio de sua morte na cruz mostra que Jesus, conscientemente, vai ao encontro dela. Essa entrega fora anunciada pelo Profeta Isaías: "...ele tomou sobre si a culpa de muitos e intercede pelos malfeitores" (Is 53, 12).

Os sinedristas resolveram capturar Jesus somente após a Páscoa para evitar o perigo de um levante popular em favor do Nazareno.

2 – A unção de Betânia (26, 6-13)

Enquanto o Conselho conspirava contra Jesus, ele se reunia com seus amigos na casa de Simão -o leproso - em Betânia. O texto não diz, mas talvez esse personagem possa ser um dos miraculados pelo Mestre.

Na antiguidade, quando queriam prestar homenagem a alguém de suma importância era costume ungi-lo com unguento precioso. E foi o que aconteceu com Jesus. Estando reclinado à mesa, uma mulher aproximou-se e derramou-Lhe precioso bálsamo sobre a cabeça. A generosidade dessa mulher contrasta com a atitude um tanto mesquinha dos discípulos... Aquela preciosidade que valia em torno de 300 denários, equivalente ao salário mínimo de um ano de trabalho, poderia ser vendida e distribuída aos pobres. Mas Jesus aceita a homenagem porque percebe nessa unção um misterioso sinal de sua morte iminente.

3 – A traição de Judas (26, 4-16)

A razão principal da traição de Judas reside na desilusão de não ver Jesus instaurar o reino messiânico-político no qual seus discípulos iriam conquistar lugar de destaque. Tudo estava caminhando para um trágico final. Esse acontecimento, o mais

desconcertante da história da Paixão, a Igreja Apostólica não eliminou e nem atenuou... Ela o apresentou como severa admoestação para todos. O episódio da traição de Judas serve para tranquilizar a Igreja diante das inúmeras "traições" não menos infames que enfrentou, enfrenta e enfrentará ao longo de seu caminho.

4 – Os preparativos para a ceia pascal (26, 17-19)

Durante a semana pascal, também chamada "dos ázimos" a lei judaica mandava comer pães não fermentados (ázimos) cuja finalidade era lembrar aos israelitas que na fuga do Egito não tiveram tempo para fermentar o pão (Ex,12,15-20). Segundo Lucas (Lc, 22-8) foram os discípulos Pedro e João que prepararam a ceia. Nesta ceia, além de matar o cordeiro no Templo e cozê-lo conforme as prescrições da Lei, era mister providenciar água para a purificação ritual, pão ázimo, legumes especiais, vinagre (karoseth), vinho tinto, cinco tipos de ervas amargas e tochas o suficiente para a prolongada vigília.

5 – O anúncio da traição (26, 20-25)

Enquanto cejavam, Jesus anunciou que um deles haveria de entregá-Lo aos seus algozes. Podemos imaginar o constrangimento e a aflição dos discípulos? Cada um, temendo ser vítima de alguma alucinação, perguntava: "Por acaso sou eu, Mestre?" Judas, ao se dirigir a Jesus usou o tratamento Rabi, próprio dos rabinos... ao ouvido, para que ninguém o escutasse; Jesus confirmou o que ele havia dito. Essa resposta perdeu-se na confusão da cena. Depois da ceia, Judas saiu dali para efetuar seu triste desígnio.

6 – A instituição da Eucaristia (26, 26-29)

Fazer memória significa trazer para o presente um fato do passado. Portanto é muito mais que uma simples lembrança; é viver no presente aquele fato acontecido lá atrás. Na ceia judaica se fazia memória da Antiga Aliança que Javé fizera com seu povo, livrando-o do jugo egípcio. Em Êxodo 24, podemos nos certificar a respeito do " Rito da aliança."

Na ceia com seus discípulos, Jesus instituiu a Eucaristia, oferecendo-Se como o novo Cordeiro Pascal, aquele que tira o pecado do mundo. Tomando o pão, abençoou-o e deu a seus discípulos como o seu corpo que em breve seria imolado na cruz. Mais tarde, quando o rito for repetido pela Igreja, será o corpo do Senhor, ressuscitado e glorioso. É muito provável que Jesus, em vez de dizer: "meu corpo", tenha usado a expressão "minha carne" que, na linguagem bíblica, corresponde a todo o ser humano

na sua concretude. "Que se entrega por vós" é uma alteração para enaltecer o valor sacrificial da morte na cruz e o próprio rito eucarístico. Tomando o cálice, consagrou-o e o ofereceu aos discípulos. Trata-se agora do sangue derramado na cruz que selará a Nova Aliança entre Deus e a humanidade.

"Digo-vos que já não beberei desse fruto..." Jesus alude à passagem da difícil situação presente para a alegria da situação futura. Referindo-se à celebração escatológica no Reino do Pai, o Mestre procura alegrar o coração dos discípulos mostrando que a tristeza do momento presente será compensada com a magnífica visão do banquete celestial que os espera.

7 – A negação de Pedro (26, 30-35)

Este texto é a antevisão de um fato prestes a acontecer: o pastor ferido e a dispersão das ovelhas.

Diante da condenação do Mestre, a mais ignominiosa morte de cruz, os discípulos ficam desorientados e sua fé cai por terra. Como nos demais anúncios de sua paixão, Jesus afirma que ressuscitará: "*Mas depois de ressuscitado, irei à vossa frente para a Galileia.*" Na Galileia, o Mestre deu início ao seu ministério messiânico. Agora ela, a terra dos pagãos, será o ponto de partida para a ação missionária dos Apóstolos, cuja incumbência será levar o Evangelho até os confins da terra.

A traição de Pedro é grave; tão grave como a traição de Judas, mas enquanto um se perdeu no desespero, o outro, arrependido, viveu para se dedicar à obra salvadora do Mestre.

O perdão só não alcança aquele que vira as costas para a misericórdia de Deus. Não temos o direito de julgar ninguém pois a infinita bondade do Pai está presente até no último alento de vida... E no último suspiro uma vida pode ser salva.

8 – A agonia interior (26, 36-44)

Mateus começa a escrever o ciclo propriamente dito da paixão. A cena se passa no Getsêmani, onde Jesus se retirou para orar, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu: Tiago e João. Getsêmani, um lote nas faldas do Monte das Oliveiras, era um lugar que Jesus costumava ir para momentos de recolhimento; provavelmente pertencia a algum amigo ou mesmo um discípulo. A oração nos é apresentada como um introito à missa do calvário.

Vendo que seus companheiros dormiam, por três vezes Jesus pediu-lhes que ficassem em vigília com Ele. A tristeza e a angústia começaram a tomar conta de Jesus.... Esta é uma das cenas mais desconcertantes e humanas do mistério do Filho de Deus. Sua

natureza humana quase sucumbe diante de todas as humilhações e sofrimentos que haveria de enfrentar. Embora a razão aceitasse a cruz e a morte, como verdadeiro homem Jesus sentiu em sua natureza humana a força da lei de preservação da vida terrena assim explicitada: *"Pai, se for possível, afasta de mim esse cálice..."* para imediatamente deixar que sua natureza divina, fortificada pela oração, falasse mais alto: *"contudo não se faça como eu quero mas como tu queres."* Ah! se confiássemos no valor e força da oração!

9 – A traição (26, 45-50)

Para que não houvesse nenhum equívoco de pessoa, Judas disse aos soldados que prendessem aquele que ele iria cumprimentar com um beijo. Ainda hoje, o beijo é forma normal de saudação entre os orientais. Com aquele beijo, que selou a traição de Judas, Jesus foi entregue aos soldados para ser levado ao Sinédrio, que se reuniu apressadamente numa seção extra, mesmo fora do seu expediente. Havia muita pressa para condená-Lo.

10 – As escrituras se cumprem (26, 51-56)

Inicialmente, a humilhante prisão do Mestre provoca nos discípulos tão grande revolta que um deles (Pedro, segundo João, 18,10) pegando a espada corta a orelha de um dos soldados, chamado Malco. Reprendendo o discípulo, Jesus cura a orelha do soldado. Este foi o único sinal prodigioso que Jesus fez durante toda a sua flagelação e morte de cruz.

Depois disso, num ato de covardia e fraqueza, os discípulos abandonaram Jesus e fugiram em debandada.

Mais que os outros evangelistas, Mateus insiste sempre na necessidade teológica do cumprimento das escrituras. "Mas, então, como vão se cumprir as Escrituras, de que assim é que deve acontecer?" (Mt 26,54)

Sugestão para a troca de ideias:

A - Escolher um dos trechos do estudo, apresentá-lo aos companheiros explicando o motivo da escolha.

B - Os primeiros cristãos perseguidos viram em Jesus Cristo modelo de fidelidade a Deus e nele, através da oração, encontraram força para enfrentar o martírio.

A sua força está em Deus? Como você pode alimentá-la e dar testemunho dela?

PARA ILUSTRAR O TEMA

A ceia pascal de Jesus com os discípulos - a Última Ceia - é o prelúdio misterioso da paixão.

No mundo hebraico, a ceia, o banquete, são símbolos da comunhão de Deus com os homens. A aliança do Sinai termina com um banquete solene sobre o monte, conforme uma das tradições narradas no Êxodo. Os sacrifícios "pacíficos de comunhão", que depois se ofereciam no templo de Jerusalém, incluíam o banquete sacrificial: os presentes, comendo a vítima oferecida a Deus, e por isso "divina", sentiam-se em paz, em comunhão com Deus e nele em comunhão entre si.

Também o reino futuro de Deus é visto através do símbolo do banquete. "Feliz quem comer o pão no reino de Deus" (Lc 14,15), exclama um comensal que tinha escutado Jesus.

Jesus, quando quis que sua última ceia fosse feita por ocasião da ceia pascal hebraica, tinha uma intenção precisa. De memorial, ou rito-memória anual da libertação da escravidão egípcia, de ocasião de louvores e bênçãos e alegre ação de graças (em grego, eucaristia) por todas as grandes obras realizadas por Deus por ocasião do êxodo, a ceia pascal, com o passar dos séculos, tornou-se sinal da espera da nova Páscoa, da libertação definitiva: a Páscoa do Reino. É esta Páscoa do Reino e da libertação que Jesus, com sua ceia e com tudo quanto ela significa e realiza, quis inaugurar.

O rito prescrevia ao pai de família que explicasse aos filhos o significado profundo dos alimentos que eram comidos. Por que as ervas amargas, por que os pães ázimos e o cordeiro assado? As ervas amargas recordavam a opressão da escravidão; os pães ázimos a pressa com que os hebreus deviam deixar o Egito; o cordeiro era o símbolo da libertação; o seu sangue aspergido sobre as portas dos hebreus livrara-os do flagelo que se abatia sobre o Egito e possibilitara que eles partissem para a terra prometida.

Como um pai hebreu, Jesus explica a seus discípulos o sentido da nova Páscoa: a sua voluntária aceitação da morte pela vida dos irmãos na efusão de seu sangue, será o início de um novo êxodo: a passagem da escravidão do pecado para a liberdade da salvação. Ele é o novo Cordeiro Pascal imolado por todos.

Israel, com o sangue das vítimas, selou sua aliança com Deus; agora Jesus, com o próprio sangue, sanciona a aliança da nova escrita não mais sobre a pedra como a lei da Moisés, mas no coração dos homens. Até aqui as analogias.

Mas o gesto e as palavras de Jesus, cumprindo as profecias que inspiravam os antigos ritos, exprimem uma novidade que até agora não podia ser compreendida. O que Jesus faz não é o rito antigo e simbólico dos pais, é a oferta de um sacrifício voluntariamente aceito e pago pessoalmente até a morte. O corpo oferecido e o sangue derramado são o gesto claro de um amor infinito.

O significado novo do sacrifício de Jesus está nas suas palavras: enquanto comiam, Jesus "tomou o pão, deu graças, o partiu e distribuiu a eles, dizendo: *"Isto é o meu corpo que é dado por vós; fazei isso em memória de mim"*. Do mesmo modo, depois de haver ceado, tomou o cálice dizendo: *"Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós"* (Lc 22, 19-20). Jesus realiza o gesto normal de um pai de família: parte e distribui o pão, enche o copo e dá o vinho a beber, mas confere a este ato um valor que vai muito além do seu significado material. O pão e o vinho são elementos básicos de qualquer refeição, aliás, no pensamento bíblico são o símbolo do nutrimento do homem. Transformados pela palavra de Jesus no seu "corpo oferecido" e no seu "sangue derramado" eles são sua própria pessoa que se doa pela salvação dos homens. No pão que não é mais pão e no vinho que não é mais vinho, está Jesus dado como alimento e bebida; oferecido aos discípulos para que participem no sacrifício de sua própria vida.

O pão e o vinho, "fruto da terra e do trabalho do homem", pela palavra de Jesus se tornam "alimento de vida eterna" e "bebida de salvação" (como se exprime a liturgia da missa).

Tornados o corpo e o sangue do Senhor, são o seu dom que deve ser tomado e consumido, não só adorado. E são também o nosso dom. No pão e no vinho - ofertados na última ceia por Jesus aos seus e, em seguida, pelo sacerdote aos fiéis - está contido todo o trabalho humano, pequeno ou grande. Esse trabalho, liberto do peso do pecado, passa a fazer parte do plano de Deus.

A última ceia de Jesus não é, pois, um encontro de adeus. Ela dá início à oferta do seu sacrifício e, como sinal, antecipa a sua morte e ressurreição. Aquele "corpo dado" e aquele "sangue derramado" adquirem na paixão o sentido de uma doação real à morte, para que dela desponte a vida. A vida nova para Jesus e os seus. A última ceia é também um prelúdio daquele acontecimento que se reproduzirá ininterruptamente no curso dos séculos e dos milênios; a Igreja convocada em redor da Eucaristia na repetição-atualização do gesto de Jesus: *"Fazei isso em memória de mim."* (Lc 22,19)

A última ceia é, enfim, um prelúdio do banquete do Reino quando, no fim dos tempos e no virar da última página da história, se realizará a unidade definitiva da

família humana e de toda a natureza. *"Eu não beberei mais desse fruto da vinha até o dia em que o beberei novamente convosco no reino de meu Pai."* Mt 26,29). Entre a Páscoa de Jesus e a Páscoa eterna do Reino se delineia assim um espaço de tempo no qual a comunidade dos discípulos (Igreja) e a comunidade toda estão ainda em caminho no tempo.

A celebração da ceia do Senhor será para os discípulos sinal e realidade, "memorial", ou seja, recordação que torna presente no rito a sua morte e ressurreição, realidade viva do seu mistério de sacrifício e de glória, anúncio e prefiguração do Reino.

O gesto de doação de Jesus reviverá sob os sinais sacramentais, para encarnar-se na existência cotidiana dos crentes, como testemunho do amor com que Deus amou o mundo."

Extraído do livro " O caminho do Senhor" Editora Santuário, à página 95 a 97.

oOo

SEGUNDA PARTE: LER E MEDITAR DURANTE O MÊS OS TRECHOS APRESENTADOS, USANDO OS TEXTOS DE APOIO

Processo condenatório

- 11 – O processo religioso (26,57-68)
- 12 - A negação de Pedro (26,69-75)
- 13 - Jesus entregue a Pilatos (27,1-2)
- 14 - O fim do traidor (27, 3-10)
- 15 - O processo civil (27,11-14)
- 16 - Jesus e Barrabás (27,15-26)
- 17 - Jesus coroado de espinhos (27,27-30)
- 18 - O caminho da cruz (27,31-32)
- 19 - No Gólgota (27,33-38)

A morte e o sepultamento

- 20 - Os escárnios da cruz (27,39-41)
- 21 - A morte do Filho de Deus (27,45-50)
- 22 - Verdadeiramente este era o Filho de Deus (27,51-56)
- 23 - O sepultamento (27,57-61)
- 24 - O sepulcro vigiado (27,62-66)

A Ressurreição

25 - O sepulcro vazio (28,1-7)

26 - Jesus aparece às mulheres (28,8-10)

27 - O suborno dos soldados (28,11-15)

28 - Aparição na Galileia (28,16-20)

Textos de apoio:

11 – O processo religioso (26,57-68)

Do Monte das Oliveiras Jesus foi levado ao palácio do sumo sacerdote Caifás. Como era noite, em caráter de emergência, se reuniram os chefes dos sacerdotes, os escribas e anciãos do povo que compunham o Sinédrio, o mais elevado tribunal de justiça e suprema autoridade judaica.

Pedro, depois de fugir do Getsêmani, resolveu seguir Jesus de longe para ver qual a sentença pronunciariam contra o Mestre.

Apareceram vários testemunhos falsos que nem sequer foram levados em consideração. Mas dois, erroneamente, interpretando as palavras de Jesus, foram ouvidos e aceitos. "Posso destruir o templo..." essa afirmação pareceu extremamente grave aos ouvidos dos mestres da Lei porque, além de ser um atentado contra as instituições mais caras das autoridades religiosas e do povo judaico, ia contra a majestade divina que tinha no templo a sua habitação.

Diante da pergunta formal do sumo sacerdote, Jesus afirma ser o MESSIAS, o "ungido de Deus".

O ato de rasgar a veste simboliza toda a indignação de Caifás diante da "blasfêmia" de Jesus. Como o Sinédrio, proibido por Roma, não tinha o poder de proferir sentenças capitais, o réu foi entregue ao tribunal civil.

12 – A negação de Pedro (26,69-75)

A negação de Pedro, com algumas variações, é narrada pelos quatro evangelistas. Lucas faz uma observação importante: "Voltando-se o Senhor, olhou para Pedro e foi esse olhar que levou o discípulo ao arrependimento imediato. A tripla negação será reparada com a tripla profissão de fé de amor ao Cristo ressuscitado que encontramos no Evangelho de João: "Simão de João, tu me amas mais que estes?... (Jo 21,15-17).

13 – Jesus entregue a Pilatos (27, 1-2)

É humilhante para os chefes da Lei se submeterem às autoridades estrangeiras e dominadoras. Mais humilhante ainda é Jesus ser entregue aos pagãos "para ser

escarnecido, flagelado e crucificado, tal como ele o predissera (Mt 20,19). Por isso, Jesus foi levado a Pilatos, o quarto procurador que, em nome do império romano, governava a região desde 26 dC.

14 – O fim do traidor (27, 3-10)

Mateus narra a trágica morte de Judas. Ao contrário da traição de Pedro que o levou ao arrependimento e acreditou na misericórdia divina, a traição de Judas o levou ao desespero, a ponto de tirar a própria vida.

A Igreja primitiva sempre considerou a confissão de Judas como um valioso testemunho da inocência de Jesus.

15 – O processo civil (27, 11-14)

Depois do processo religioso da noite anterior, numa segunda fase Jesus foi levado diante das autoridades romanas. Os chefes do povo judaico trocando as acusações do campo religioso para o terreno político forçaram o relutante procurador a tomar uma decisão a respeito da condenação de Jesus.

Diante da prepotência dos soberbos acusadores e da inocência do inofensivo acusado, o procurador romano deveria inverter a situação dominada pelo Sinédrio em favor de Jesus. Mas a intervenção do povo, instigado pelos príncipes dos sacerdotes e anciãos, frustrou essa expectativa.

16 – Jesus e Barrabás (27, 15-26)

Por ocasião da Páscoa, era costume os judeus pedirem a libertação de um preso. Instigada pelos sacerdotes e anciãos, a multidão pede a libertação de Barrabás e a condenação de Jesus. Marcos (15,7) apresenta Barrabás como um preso político, pois estava "com os revoltosos que no motim haviam cometido um homicídio"; já o Evangelista João (18,40) o retrata como um criminoso comum e o chama de "bandido". No gesto de lavar as mãos, usado entre os gregos e romanos, Pilatos entrega Jesus à fúria da multidão e se diz inocente da morte daquele justo.

A condenação de Jesus deve ser imputada à responsabilidade, não dos pagãos, mas do próprio povo eleito.

17 – Jesus coroado de espinhos (27, 27-30)

Na noite precedente, estando na casa de Caifás, Jesus foi escarnecido pelos soldados, seus compatriotas. Agora, no Pretório, é alvo das zombarias dos pagãos.

Pretório, do grego "praitórion", designava o lugar onde o procurador (pretor) exercia sua autoridade; era uma espécie de "palácio do governo", sede dos órgãos administrativos, judiciários e militares.

"Um manto de púrpura": era o ragum, manto dos soldados romanos. Pela cor, lembrava o manto purpúreo de um rei de farsa. A coroa de espinhos provavelmente fora feita de ramos de "pimpinela espinhosa," uma planta muito comum na Palestina. A zombeteira saudação: "Salve rei dos judeus" parodia o "Salve César" dos romanos.

18 – O caminho da cruz (27, 31-32)

Via crucis - mais um ato do drama da paixão de Jesus Cristo.

A respeito da dolorosa caminhada de Jesus até o Calvário, os Evangelhos guardaram somente dois pormenores: o episódio do cirineu, descrito por todos os sinóticos, e a lamentação de Jesus diante das mulheres de Jerusalém, narrada somente por Lucas (Lc 23,23, 27-32). Simão era natural de Cirene, florescente colônia hebraica situada nas costas setentrionais da África desde o século IV aC. Como Jesus estivesse extenuado pela flagelação, coroação de espinhos e prolongados maus tratos, seus algozes ficaram com medo de que Ele não resistisse e morresse pelo caminho. Eles o queriam vivo para o terrível flagelo da cruz. Por isso, obrigaram Simão Cirineu a ajudá-lo a levar o madeiro. Provavelmente seria somente o "patibulum", a trave transversal que, conforme o costume romano, devia ser levada pelo condenado até o lugar do suplício.

19 – No Gólgota (27, 33-38)

Chegaram ao Gólgota, pequena elevação com a forma de um crânio. Daí vem o nome Calvário ou Caveira. O Gólgota ficava distante uns 600 metros do Pretório e uns 100 metros fora dos muros da cidade.

Com pormenores próprios, todos os quatro evangelistas narram a crucificação de Jesus, mas nenhum deles se detém em narrar os fatos históricos desse momento dramático e doloroso... Eles ressaltam o sentido salvífico da cruz e da ressurreição. Para eles, o importante é deixar bem claro que Jesus estava morrendo na cruz para nos salvar.

O modo lacônico como os quatro evangelistas narraram a crucificação também revela o horror que o terrível suplício marcou a primeira geração cristã.

"Este é Jesus rei dos judeus" - embora a inscrição não seja transmitida nos Evangelhos de modo uniforme, o conteúdo é sempre o mesmo: o motivo da condenação de Jesus é sua pretensa "realeza" sobre Israel.

20 – Os escárnios da cruz (27, 39-44)

Somente nos sinóticos essa cena nos é apresentada. Marcos e Mateus mencionam as zombarias e injúrias dos que passavam, olhando com desprezo para o rosto disforme do flagelado. Nesta cena traumática estão incluídos os doutores da lei, os escribas, os anciãos do povo... Estes, só dariam um voto de crédito se o pretense profeta de Nazaré, que a tantos salvara, se lhes apresentasse um sinal espetacular do seu messianismo, como já fora pedido em outras ocasiões. Anteriormente, Jesus já havia dito que só "o sinal de Jonas" seria dado àquela geração má e perversa. Ao citar "o sinal de Jonas" Ele se referia ao sepultamento do Filho do homem por três dias e três noites (Mt 12,38).

21 – A morte do Filho de Deus (27, 45-50)

Jesus já havia afirmado: " Eu sou a luz do mundo". De fato, Ele é a luz que ilumina e dá vida à nossa existência.

Marcos e Mateus narram as trevas que desde a sexta até a nona hora envolveram toda a terra, isto é, aquela região. Na linguagem evangélica, as trevas simbolizam os inimigos de Deus e do Evangelho. O poder das trevas se refere ao maior inimigo de Deus: Satanás. As trevas são território do maligno.

"Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?" Jesus fala em voz alta o início do Salmo 22. Ele deseja comungar do mesmo estado de espírito do salmista que, mesmo quando os homens o ferem com maldade, ele se entrega com incondicional confiança em Deus.

22 – Verdadeiramente este era o Filho de Deus (27, 51-56)

Mateus apresenta a morte de Jesus numa visão escatológica (acontecimentos do fim do mundo). O velho mundo, significado pelo véu do Templo, rompe-se e desaparece enquanto sinais telúricos (abalos cósmicos) anunciam a nova época final da salvação, cujo primeiro fruto é a conversão dos gentios. A ressurreição de muitos santos, expressão própria do gênero literário apocalíptico, deve ser entendida no plano espiritual. Esses ressuscitados são o eloquente atestado de que a morte de Jesus nos tira da região dos mortos e nos conduz à vida nova, em plena comunhão com Deus. Na linguagem bíblica, o temor que o homem experimenta diante do poder divino é sinal de conversão, mesmo que ainda de modo imperfeito. Isso aconteceu com o oficial romano e seus subordinados que estavam de sentinela aos pés da cruz.

A presença de mulheres no Calvário, em contraste com a ausência dos discípulos - excetuando o discípulo amado, segundo o IV Evangelho - mostra que, mesmo de longe, alguns amigos de Jesus O seguiram e presenciaram seus últimos momentos de vida. Essas corajosas mulheres estarão presentes no sepultamento e serão as primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

23 – O sepultamento (27, 57-61)

A cena da deposição do corpo de Jesus da cruz e seu sepultamento é narrada de forma unânime pelos quatro evangelistas.

Diferente do usual, o corpo de Jesus não foi enterrado em vala comum, mas teve as honras de uma nobre sepultura, renunciando sua gloriosa Ressurreição.

Somente as famílias muito ricas possuíam sepulturas cavadas na rocha. José de Arimateia, homem possuidor de grande fortuna e "membro do tribunal", era um discípulo clandestino do Mestre. Com a autorização de Pilatos, e sem temer a oposição do Sinédrio, levou o corpo de Jesus e o sepultou na rocha que havia preparado para si próprio. Com ele, segundo o IV Evangelho (Jo19, 39), estava um outro discípulo secreto, também membro do Sinédrio: Nicodemos.

Dada a proximidade do repouso festivo (o sábado) o corpo foi sepultado apressadamente. Inconformadas, algumas mulheres ficaram perto do sepulcro esperando o término do repouso sabático para ungir o corpo de Jesus, com as unções funerárias habituais, como era o costume.

24 – O Sepulcro vigiado (27, 62-66)

Somente Mateus narra o episódio da guarda ao sepulcro.

Como Jesus havia dito que ressuscitaria ao terceiro dia, os sacerdotes e fariseus, com o consentimento de Pilatos, colocaram soldados vigiando o túmulo, com medo de que seus discípulos roubassem o corpo e dissessem que Jesus havia ressuscitado.

25 – O sepulcro vazio (28, 1-7)

Segundo o calendário hebraico, com o sábado fechava-se o ciclo semanal. Por causa da RESSURREIÇÃO de Jesus Cristo o primeiro dia da semana, "dominica", tornou-se para os cristãos "o Dia do Senhor."

Mateus apresenta a narração do túmulo vazio com motivos teofânicos ou apocalípticos: terremoto, o aspecto resplandecente do anjo, o medo dos guardas. Sua intenção é enaltecer o anúncio do extraordinário acontecimento: "ELE RESSUSCITOU!"

As piedosas mulheres são as primeiras enviadas por Jesus para levarem aos discípulos a boa nova de sua gloriosa RESSURREIÇÃO.

26 – Jesus aparece às mulheres (28, 8-10)

A aparição de Jesus às mulheres é a primeira das duas "crisofanias" de Mateus. A segunda se dará quando Ele aparecer aos discípulos na Galileia. (16-20)

27 – O suborno dos soldados (28, 11-15)

As autoridades judaicas, não contentes de terem mandado eliminar o profeta de Nazaré, queriam fazer desaparecer todos os traços de sua sobrevivência. Visto que o corpo havia desaparecido, subornaram os guardas, dando-lhes bastante dinheiro para que eles acusassem os discípulos de terem roubado o corpo do Mestre enquanto as sentinelas dormiam. Mais uma vez eles se fecharam à luz e se protegeram através da mentira e do suborno.

28 – Aparição na Galileia (28, 16-20)

Jesus quis encontrar com os discípulos na Galileia porque foi lá que iniciou sua ação missionária, porque lá vivia o maior número dos que creram n'Ele e também para tornar evidente que o Ressuscitado era o mesmo Jesus de Nazaré.

Tal como as piedosas mulheres, os discípulos se prostraram diante de Jesus numa atitude de fé e adesão à divina realeza revelada pelo Cristo ressuscitado.

"Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos..." O teor dessa ordem do Mestre aos discípulos é essencialmente eclesiástica, aliada à missão que não conhece limites de espaço nem de tempo... (a todos os povos até o fim dos tempos). Trata-se da difusão da comunidade de Jesus, isto é, sua Igreja, levando o Evangelho até os confins da terra. A garantia final de Jesus, de sua ininterrupta assistência junto a seus discípulos faz-nos recordar a presença de Javé conduzindo seu povo (Dt 4,7) e na Sua Igreja Ele é o Emanuel - conosco-está-Deus. Com essa solene afirmação Jesus se apresenta como princípio vital e centro propulsor da comunidade dos remidos.

Desta forma Mateus encerra dignamente o seu evangelho sem se referir à ascensão do Senhor ao céu e à descida do Espírito Santo em Pentecostes.

Para a troca de ideias:

A - Escolher um dos textos do estudo, apresentá-lo aos companheiros explicando o motivo da escolha.

B - Jesus deu tantos sinais de seu poder divino que reforçou nos apóstolos a ideia de um Messias invencível.

A que tentação sucumbiram os apóstolos, abandonando Jesus, quando Ele foi preso?

PARA ILUSTRAR O TEMA

“As aparições do Ressuscitado são as experiências que a Igreja primitiva teve de Cristo vencedor da morte. Os quatro evangelistas descrevem a Ressurreição de Jesus por ser a verdade-coração da fé cristã, o núcleo mais antigo do anúncio da redenção inaugurada na Encarnação e consumada na cruz.

Ressurreição não é reanimação do cadáver, como o de Lázaro; não é o retorno às condições biológicas de uma nova vida terrena, como a suposta reencarnação; não é projeção de uma imagem gravada no inconsciente, pois os apóstolos nada entendiam de ressurreição (Mc 9,10) e só foram levados a crer nela, vencidos pela evidência quando o viram.

A Ressurreição torna patente o que estava secreto em Jesus: ele é Deus! Sua existência não começa com o nascimento em Belém nem termina com a morte na cruz (Jo 8,58). Agora ele é diferente: não mais sujeito às leis da matéria, do espaço e do tempo. Goza de liberdade nova, desconhecida na terra. Sua natureza humana elevada à existência espiritual; um corpo absorvido pelo espírito; não mais um corpo animal. E este é o destino do nosso corpo: a carne humana chamada a partilhar a vida de Deus! É a consequência de o Verbo se ter feito carne (Jo 1,14). Ele continuará eternamente a ser humano junto aos homens salvos por ele. É a redenção total, a nossa transfiguração para a condição humana definitiva.

Frutos da Ressurreição:

- 1) Dá valor decisivo às palavras, atitudes e ações de Jesus.
- 2) É a redenção do nosso corpo (Rm 8,23) que ressuscitará como o dele (1 Cor15,20-22; 52-54).
- 3) Ilumina a realidade da morte como caminho para a plenitude da vida, o estado definitivo e maturação da pessoa humana.
- 4) O demônio, o pecado, o mal, não dominam mais de maneira irreparável! A história não caminha para a falência! Haverá ainda pecado, ódio, divisões, erros, injustiças, guerras, mas não serão o triunfo final! Não dirão a última palavra que será esta: "O Descendente da mulher te esmagará a cabeça! (Gn 3, 15)

- 5) Não teria sentido a celebração eucarística se estivéssemos exaltando o corpo de um defunto: "Ele é o Primogênito dos mortos" (Col 1,18; Cor 15, 20; Ap1,5)"

Do livro "Evangelho Completado," Mateus volume II de autoria do Pe. Mário Zuchetto CSS

oOo

Toda a vida cristã, em suas exigências morais, é conduzida e iluminada pelo Cristo Ressuscitado. São Paulo, o apóstolo dos gentios, falando aos colossenses (e agora a todos nós, discípulos de Jesus) admoesta: "Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus; aspirai as coisas do alto, não às terrenas. Pois morrestes e vossa vida está escondida em Cristo com Deus. Quando Cristo, vossa vida se manifestar, então vós parecereis gloriosos junto com ele. (Col13,1-7).